

PAULA GIACOBBO

**A TRADUÇÃO DE ITENS CULTURAIS-ESPECÍFICOS (ICEs) EM UM LIVRO-
REPORTAGEM SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL**

**PORTO ALEGRE
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TRADUÇÃO:
RELAÇÕES TEXTUAIS

**A TRADUÇÃO DE ITENS CULTURAIS-ESPECÍFICOS (ICEs) EM UM LIVRO-
REPORTAGEM SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL**

AUTORA: PAULA GIACOBBO
ORIENTADORA: PATRÍCIA CHITTONI RAMOS REUILLARD

Dissertação de Mestrado em
Lexicografia, Terminologia e
Tradução: Relações Textuais nos
Estudos da Linguagem, submetida ao
programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestra.

Porto Alegre
2017

CIP - Catalogação na Publicação

Giacobbo, Paula

A tradução de itens culturais-específicos (ICES) em um livro-reportagem sobre a história do Brasil / Paula Giacobbo. -- 2017.

156 f.

Orientador: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Itens culturais-específicos . 2. Estratégias de tradução. 3. Livro-reportagem "1808". I. Reuillard, Patrícia Chittoni Ramos, orient. II. Título.

Em uma festa de família, há uns anos, sentei em um canto para ler o livro que se tornaria o objeto de estudo desta dissertação. Tio Diogo se aproximou, perguntou que livro era, e comentei sobre 1808 ser o ano da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Ele então respondeu “como o Brasil é jovem, né?”.

Em um outro momento da minha vida, quando estava realizando um dos meus primeiros trabalhos de revisão, tive uma dúvida relacionada a matemática que me deixou bastante nervosa. Recorri ao tio Diogo, e ele me ajudou com sua competência e paciência de sempre.

Deixei aqui algumas lembranças desse tio querido, que demonstrava genuinamente que se importava e com quem todos podiam contar, e a ele dedico esta dissertação. Francisco, seu filho, vai aprender muitos valores que vêm dele ao ouvir histórias, de todos os lados, sobre quem era seu pai; muitas delas contadas pela tia Michele, mulher muito forte e que fez o tio Diogo infinitamente feliz. Acredito que, no final das contas, isso é o que mais importa, ter sido feliz.

AGRADECIMENTOS

À Patrícia, por ter aceitado me orientar. Foi uma honra ter sido orientada por ti. És o tipo de pessoa e de profissional que a gente sente enorme gratidão por ter conhecido.

Aos meus pais, por serem quem são e por todo o amor que sempre demonstram e que não poderia ser maior.

Aos meus amigos e à minha família, por sempre me ajudarem muito no que precisei, por se preocuparem comigo, por me apoiarem, por me incentivarem e por torcerem por mim.

À Jacque, à Giselle e à Clarissa, por estarem sempre dispostas a ajudar e por terem me proporcionado o sentimento de pertencimento nesse percurso.

Às professoras Elizamari, Heloísa e Márcia, por terem aceitado fazer parte da banca, contribuindo com seus conhecimentos para a melhoria deste trabalho.

Aos meus colegas do GET, por serem um dos principais motivos pelos quais essa jornada foi tão enriquecedora. A admiração que sinto, sempre que os ouço falar, não poderia ser maior.

Às professoras que me confiaram suas turmas no estágio, Márcia Moura da Silva e Márcia Montenegro Velho.

Aos professores e colegas que conheci durante o mestrado e com os quais aprendi muito.

À Fabiana Ribeiro do Nascimento, pelo profissionalismo, pelas traduções e pela revisão do trabalho.

À Letícia Machado Trindade, pelo profissionalismo e pelas traduções.

À CAPES, pela bolsa concedida e pelo incentivo, permitindo que eu me dedicasse à pesquisa de modo integral.

Translation is not a matter of words only: it is a matter of making intelligible a whole culture.

Anthony Burgess

RESUMO

Este trabalho aborda a tradução, do português brasileiro para o inglês estadunidense, de itens culturais-específicos – entendidos como palavras ou expressões que, em um contexto, devido à falta de correspondentes precisos na língua-alvo, podem causar problemas de tradução – a partir de um estudo de caso: o livro-reportagem “1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil”, de Laurentino Gomes. A pesquisa tem como objetivo principal a análise das escolhas tradutórias para os itens culturais-específicos presentes na obra em português. A motivação deste trabalho deve-se à necessidade de refletir sobre o papel da tradução de informações sobre a história e a cultura de um país. A obra “1808” discorre, de um modo acessível, sobre a época da vinda da corte portuguesa ao Brasil. O referencial teórico se baseia, entre outros, em Hurtado Albir (2011), que considera que não só o conhecimento sobre o público, mas também sobre o gênero textual e sobre a finalidade da tradução são fatores que um tradutor deve considerar no processo tradutório, e em Christiane Nord (2016), que enfatiza a importância da função textual, para o estudo referente à visão de tradução adotada. Adotou-se, neste trabalho, o conceito de itens culturais-específicos de Franco Aixelá (2013). Apresentaram-se também as estratégias de tradução de Franco Aixelá (2013), em comparação a técnicas de tradução de Hurtado Albir (2011), e as categorias culturais de Espindola (2005), consideradas para a análise. Quanto aos passos metodológicos, levantaram-se inicialmente candidatos a item cultural-específico. Após, separaram-se os candidatos por categorias culturais (dezesesseis ao todo), levantaram-se as traduções dos candidatos e, por fim, filtraram-se os candidatos para a obtenção dos itens culturais-específicos em si. A partir disso, consideraram-se, principalmente, as estratégias de tradução propostas por Franco Aixelá (2013) para a classificação das escolhas tradutórias observadas. Quando estas não foram consideradas suficientes, utilizaram-se as técnicas de Hurtado Albir (2011) para a classificação. Franco Aixelá (2013) separa suas estratégias por estratégias de conservação e estratégias de substituição. Na análise, constatou-se um maior número de estratégias de conservação (245 vezes) em relação às de substituição (113 vezes) – além disso, classificaram-se duas escolhas como técnicas de Hurtado Albir (2011) –, porém concluiu-se que esse resultado não indica necessariamente que a tradução não tenha um caráter didático ou acessível, pois, em muitos momentos, essas escolhas tradutórias apresentam elementos que propiciam a aproximação do texto com a cultura alvo.

Palavras-chave: tradução. Itens culturais-específicos. Estratégias de conservação. Estratégias de substituição. Técnicas de tradução. Livro-reportagem “1808”.

ABSTRACT

This study deals with the translation, from Brazilian Portuguese to American English, of culture-specific items – known as words or expressions that, in a context, due to the lack of precise correspondents in the target language, can cause translation problems – through a case study: the non-fiction book “1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil”, by Laurentino Gomes. The main objective of the study is the analysis of the translation choices for culture-specific items in the source text. The motivation for this work comes from the necessity of reflecting on the role of translation of information about the history and the culture of a country. The book “1808” portrays, in an accessible way, the time of the arrival of the Portuguese royal family in Brazil. The theoretical framework is based, among others, on Hurtado Albir (2011), who considers that not only the knowledge about the audience, but also about the literary genre and the purpose of the translation are factors which a translator must consider in the translation process, and Christiane Nord (2016), who emphasizes the importance of the literary function, for the study of the adopted vision of translation. In this study, Franco Aixelá’s (2013) concept of culture-specific items was adopted. The strategies of translation of Franco Aixelá (2013), in comparison with the translation techniques of Hurtado Albir (2011), and the cultural categories of Espindola (2005), which were taken into consideration for the analysis, were also presented. Regarding the methodological steps, initially, prospective culture-specific items were identified. Then, the candidates were sorted through cultural categories (sixteen in total), the translations of the candidates were collected and, finally, the candidates were filtered for the obtention of the culture-specific items. From this, the translation strategies proposed by Franco Aixelá (2013) were primarily considered for the classification of the translation choices analyzed in this study. When the concept of Franco Aixelá (2013) could not comprise our analysis, Hurtado Albir’s (2011) translation techniques were used to categorize the translations. Franco Aixelá (2013) separates his strategies into strategies of conservation and strategies of substitution. In the analysis, a larger number of strategies of conservation was found (245 times) in comparison to strategies of substitution (113 times) – in addition to that, two choices were categorized as techniques of Hurtado Albir (2011) –, however, it was possible to conclude that this result is not necessarily an indication that the translation does not show a didactic or accessible nature, because, in many moments, these translation choices present elements that enable the approximation of the text to the target-culture.

Keywords: translation. Culture-specific items. Strategies of conservation. Strategies of substitution. Translation techniques. Non-fiction book “1808: The Flight of the Emperor.”

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz do filme “Hope the Pitanga Cherries Grow”	101
Figura 2 – Embalagem de manteiga corporal à base de pitanga	102

LISTA DE QUADROS

Muitos dos quadros são referentes à classificação de estratégias empregadas na tradução dos itens culturais-específicos. Identificamos esses quadros com os nomes dos itens.

Quadro 1 – Classificação do livro-reportagem “1808” de acordo com os níveis apresentados por Ciapuscio (2003).....	34
Quadro 2 – Comparação entre categorias culturais de Aixelá (2013) e de Espindola (2005)..	75
Quadro 3 – Categorias culturais identificadas na obra “1808”.....	77
Quadro 4 – Exemplo do levantamento inicial dos ICes.....	78
Quadro 5 – Oitavas de ouro.....	81
Quadro 6 – Pataca.....	82
Quadro 7 – Reais.....	82
Quadro 8 – Cruzados.....	85
Quadro 9 – Réis.....	85
Quadro 10 – Retomada da tradução de “6 bilhões de reais”.....	90
Quadro 11 – Retomada da tradução de “oitavas de ouro”.....	91
Quadro 12 - Caju; pitanga.....	92
Quadro 13 – Cará.....	92
Quadro 14 – Angu.....	92
Quadro 15 – Rapadura.....	93
Quadro 16 – Mandioca; farinha de mandioca.....	93
Quadro 17 – Cachaça.....	93
Quadro 18 – Charque.....	94
Quadro 19 – Carne-seca.....	94
Quadro 20 – Retomada da tradução de “rapadura”.....	98
Quadro 21 – Exemplos de textos com “dried meat”.....	99
Quadro 22 – Retomada das traduções de “cachaça”.....	105
Quadro 23 – Retomada da tradução de “cará”.....	108
Quadro 24 – Rua da Preguiça; Ladeira da Cameleira; Largo do Teatro; Praça Castro Alves.....	110
Quadro 25 – Praça do Paço.....	110
Quadro 26 – Praça 15 de Novembro.....	111

Quadro 27 – Praia do Sapateiro; Praia do Flamengo; Rua dos Ferradores; Alfândega; Rua dos Pescadores; Visconde de Inhaúma; Rua dos Latoeiros; Gonçalves Dias; Rua Direita; Primeiro de Março.....	111
Quadro 28 – Bairro de Botafogo.....	111
Quadro 29 – Bairro do Catete.....	112
Quadro 30 – Rua dos Inválidos; Riachuelo.....	112
Quadro 31 – Praia de Santa Luzia.....	112
Quadro 32 – Estrada do Comércio.....	112
Quadro 33 – Rua do Ouvidor.....	113
Quadro 34 – Praias do Ipanema e do Leblon.....	113
Quadro 35 – Bairros da Gamboa, da Saúde e do Santo Cristo; Rua do Valongo; Rua do Camerino; Praia Mauá; Morro do Valongo.....	113
Quadro 36 – Rua Pedro Ernesto.....	114
Quadro 37 – Bairro do Brás.....	114
Quadro 38 – Cruz Cabugá, bairro de Santo Amaro.....	114
Quadro 39 – Bairro de Santo Antônio.....	114
Quadro 40 – Praia de Porto de Galinhas.....	114
Quadro 41 – Largo do Rocio; Praça Tiradentes.....	114
Quadro 42 – Bairro de São Cristóvão.....	115
Quadro 43 – Praça do Comércio.....	115
Quadro 44 – Largo do Paço.....	115
Quadro 45 – Tiradentes.....	117
Quadro 46 – Frei Caneca.....	117
Quadro 47 – Chica da Silva.....	117
Quadro 48 – Repórter Perereca.....	117
Quadro 49 – Carnaval; escola (de samba).....	119
Quadro 50 – Lei Saraiva.....	119
Quadro 51 – Tribunal de Relação do Brasil colônia.....	119
Quadro 52 – Sociedade Literária do Rio de Janeiro.....	120
Quadro 53 – Banco do Brasil.....	120
Quadro 54 – Sistema de ganho.....	121
Quadro 55 – Senado da Câmara.....	121
Quadro 56 – Quilômetros.....	122
Quadro 57 – Metros.....	122

Quadro 58 – Quilos.....	123
Quadro 59 – Rodas de capoeira; capoeira.....	123
Quadro 60 – Viramundo.....	124
Quadro 61 – Bacalhau.....	124
Quadro 62 – Libambo.....	124
Quadro 63 – Trocano.....	125
Quadro 64 – Boca do sertão.....	125
Quadro 65 – Rede de Carijó.....	125
Quadro 66 – Batucar; batuques.....	126
Quadro 67 – Malandragem.....	126
Quadro 68 – Caipira.....	126
Quadro 69 – Baeta.....	127
Quadro 70 – Potiguar.....	128
Quadro 71 – Mineiro; mineiras.....	128
Quadro 72 – Gaúcho; gaúchas.....	129
Quadro 73 – Baiano; baiana; baianos.....	129
Quadro 74 – Paulista; paulistas.....	130
Quadro 75 – Sertanejo; sertanejos.....	130
Quadro 76 – Paranaense; paranaenses.....	131
Quadro 77 – Pernambucano; pernambucana; pernambucanos; pernambucanas.....	131
Quadro 78 – Carioca; cariocas.....	132
Quadro 79 – Dia do Fico.....	132
Quadro 80 – Guerra dos Mascates.....	133
Quadro 81 – Guerra dos Farrapos.....	133
Quadro 82 – Revolta dos Alfaiates.....	133
Quadro 83 – Conjuração Mineira.....	134
Quadro 84 – Revolução Pernambucana.....	134
Quadro 85 – Confederação do Equador.....	134
Quadro 86 – Revolução Constitucionalista.....	135
Quadro 87 – Oca Indígena.....	136
Quadro 88 – Sambódromo.....	136
Quadro 89 – Quilombos.....	136
Quadro 90 – Sertão.....	137
Quadro 91 – Bandeirantes.....	138

Quadro 92 – Botocudos.....	138
Quadro 93 – Miranhas.....	138
Quadro 94 – Capitão-do-mato.....	138
Quadro 95 – Negros Forros.....	139
Quadro 96 – Lutadores de capoeiras.....	139
Quadro 97 – Escravos de ganho; negros de ganho.....	139
Quadro 98 – Tupi.....	141
Quadro 99 – Tupi-guarani.....	141
Quadro 100 – Língua geral.....	141
Quadro 101 – Diário Fluminense.....	142
Quadro 102 – Jornal do Comércio.....	142
Quadro 103 – Correio Braziliense.....	142
Quadro 104 – Gazeta do Rio de Janeiro.....	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência das estratégias utilizadas na tradução da obra “1808”	144
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CONTEXTUALIZAÇÃO	17
1.1 A OBRA.....	17
1.2 OS ESTADUNIDENSES COMO PÚBLICO-ALVO.....	19
1.3 O GÊNERO LIVRO-REPORTAGEM.....	22
1.4 A TIPOLOGIA DE TEXTOS ESPECIALIZADOS.....	27
2 TRADUÇÃO E CULTURA	36
2.1 DEFINIÇÃO E EQUIVALÊNCIA.....	36
2.1.1 A equivalência tradutória	40
2.2 ITENS CULTURAIS-ESPECÍFICOS (ICEs) E OUTROS TERMOS.....	44
2.2.1 Palavras culturais	44
2.2.2 Culturemas	48
2.2.3 Marcadores culturais específicos (MCEs)	56
2.2.4 Itens culturais-específicos (ICEs)	57
2.3 ESTRATÉGIAS E TÉCNICAS DE TRADUÇÃO.....	60
3 METODOLOGIA	72
3.1 LEVANTAMENTO DE CANDIDATOS A ICE.....	72
3.2 SEPARAÇÃO DE CANDIDATOS POR CATEGORIA.....	73
3.3 LEVANTAMENTO DAS TRADUÇÕES DOS CANDIDATOS.....	77
3.4 FILTRAGEM.....	79
4 ANÁLISE	81
4.1 MOEDA.....	81
4.2 COMIDA E BEBIDA.....	92
4.3 TOPÔNIMOS.....	110
4.4 ANTROPÔNIMOS.....	116
4.5 FORMAS DE ENTRETENIMENTO.....	119
4.6 SISTEMA JURÍDICO E ADMINISTRATIVO.....	119
4.7 SISTEMA DE MEDIDAS.....	122
4.8 HÁBITOS.....	123
4.9 OBJETOS.....	124
4.10 EXPRESSÕES.....	125
4.11 GENTÍLICOS.....	128

4.12 ACONTECIMENTO HISTÓRICO.....	132
4.13 LOCAIS.....	136
4.14 OCUPAÇÕES/ETNIAS.....	138
4.15 LÍNGUAS.....	141
4.16 MEIOS DE COMUNICAÇÃO ESCRITA.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS.....	149

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda os problemas de tradução¹, do português brasileiro para o inglês estadunidense, de itens culturais-específicos (ICEs), tais como “sertão”, “sambódromo” e “rapadura”. Utilizaremos como objeto de pesquisa o livro-reportagem “1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil”², de Laurentino Gomes, e sua tradução, “1808: The Flight of the Emperor”, por Andrew Nevins. O problema de pesquisa constitui-se pelos seguintes questionamentos: quais são as escolhas tradutórias dadas aos ICEs, na tradução da obra, do português brasileiro para o inglês estadunidense, e quais são os fatores que podem nos guiar em direção a escolhas tradutórias?

Este trabalho se justifica pela importância do papel da tradução no que se refere a informações sobre a história de um país, visto que a tradução pode modificar tais informações. O estudo histórico leva-nos a respostas sobre os elementos que constroem a identidade de um país. O livro-reportagem “1808” tem o intuito de transmitir esse conhecimento – mais especificamente sobre a época em que a corte portuguesa veio para o Brasil – para leitores leigos. Uma vez que essa obra é traduzida para leitores estadunidenses, é necessário conhecer o perfil desse público e o quanto este sabe sobre o tema abordado. Assim, a tradução poderá cumprir o mesmo objetivo da obra original, para um público-alvo diferente³.

Torna-se, então, necessário debater sobre os problemas e as soluções que cercam a tradução de um texto em que o conhecimento sobre uma determinada cultura é um dos principais fatores a ser compartilhado. O modo como um livro-reportagem sobre a história do Brasil é traduzido pode influenciar o entendimento do público que pretende conhecer mais a história e a identidade deste país. Escolhemos discutir sobre os ICEs referentes ao Brasil – mas que podem também fazer parte da cultura de outros países –, pois trata-se de um conjunto de elementos que, muitas vezes, não são explicados ao público brasileiro, que já os conhece. Já o público estadunidense, cujo contato com a cultura brasileira é muito menor, pode precisar de um cuidado maior em relação a isso.

Além disso, estudar a tradução em geral é ainda algo recente no Brasil. O desenvolvimento da tradução, tanto como profissão quanto como objeto de estudo, começou tarde em nosso país, além de ter crescido lentamente até chegar ao número considerável de

¹ Trataremos do conceito de problema de tradução no item 2.3.

² Por ser um título muito comprido, doravante referido como “1808”.

³ Essa questão também propicia estudos referentes à Teoria da Recepção.

profissionais e de material de pesquisa que encontramos atualmente. Por esse motivo, partimos do caráter ainda jovem que a pesquisa em tradução apresenta no Brasil, uma vez que a globalização torna necessários cada vez mais estudos sobre o tema.

Segundo Paes (1990), os fatores responsáveis pelo início tardio das pesquisas que concernem a tradução em nosso país são a proibição da instauração de editoras no Brasil até o início do século XIX e a fundação também tardia de universidades brasileiras. Assim, para contribuir com o aumento de pesquisas em tradução, tendo em vista que o contato entre culturas está em constante mudança, propomos uma reflexão sobre esse contato na atualidade e sobre a influência da tradução nesse sentido.

Para desenvolvermos nossa pesquisa, levantamos a seguinte hipótese: se os ICEs não têm um referente em inglês e o público estadunidense, em geral, conhece pouco a história do Brasil, o tradutor pode se servir de recursos que podem tornar o texto mais acessível para o leitor. As perguntas que direcionam nossa pesquisa são: quais são as escolhas tradutórias dadas a ICEs presentes na obra “1808”? Que fatores podem nos guiar em direção a escolhas tradutórias que auxiliem a compreensão do leitor estadunidense?

O objetivo geral deste trabalho é, então, analisar escolhas tradutórias de ICEs presentes na tradução, do português brasileiro para o inglês estadunidense, da obra “1808”, de Laurentino Gomes, buscando identificar fatores que podem guiar um tradutor em direção a suas escolhas. Os objetivos específicos são:

- a) Descrever as escolhas tradutórias dadas aos ICEs na tradução da obra “1808”, de Laurentino Gomes;
- b) Refletir sobre essas escolhas;
- c) Apontar, em alguns casos, a possibilidade de outras escolhas tradutórias, além das encontradas na obra, para os ICEs.

Assim, desenvolveremos este trabalho do seguinte modo: no primeiro capítulo, apresentaremos uma contextualização acerca da obra “1808” e do público-alvo da tradução, das características do gênero textual livro-reportagem e do grau de especialidade textual da obra. Discorreremos sobre o gênero textual em questão com base em teóricos da área do jornalismo: Lima (1969), Lima (1993, 2009) e Pena (2006). Para analisarmos o grau de especialidade textual em questão, partiremos dos quatros níveis de análise propostos por Ciapuscio (2003), funcional, situacional, de conteúdo semântico e formal-gramatical. Os pontos abordados no primeiro capítulo sustentarão a análise proposta.

No segundo capítulo, discorreremos sobre a tradução e as questões que a cercam, entre elas, a equivalência tradutória. Para esse fim, utilizaremos principalmente a perspectiva

de Hurtado Albir (2011). É a partir do conceito de tradução apresentado pela autora que obteremos elementos para analisar as escolhas tradutórias em questão. Esta argumenta que o gênero textual, o público-alvo e a finalidade da tradução devem ser considerados pelo tradutor. Além disso, o conceito de função de Christiane Nord (2016) é outro fator a ser considerado. Também apresentaremos o conceito de itens culturais-específicos proposto por Franco Aixelá (2013) – já que as palavras e expressões do livro “1808” serão selecionadas a partir desse conceito –, bem como as abordagens de outros autores sobre essa questão, apontando semelhanças e diferenças entre elas. Ainda no segundo capítulo, traremos as estratégias de tradução propostas por Franco Aixelá (2013), pois, em nossa análise, iremos utilizá-las para classificar as escolhas tradutórias encontradas. Apresentaremos, juntamente a essas estratégias, as técnicas de tradução de Hurtado Albir (2011), visto que apresentam algumas características distintas das estratégias de Franco Aixelá (2013).

No terceiro capítulo, discorreremos sobre a metodologia, constituída pelos seguintes passos: levantamento de candidatos a ICE presentes na obra “1808”; separação dos candidatos por categorias culturais; levantamento das traduções dos candidatos; e filtragem dos candidatos para chegarmos aos ICEs. Por fim, no quarto capítulo, apresentaremos a análise e a discussão dos resultados e, após, as considerações finais. Esperamos contribuir com a reflexão sobre os recursos que podem ser utilizados na tradução de ICEs – visto que discutiremos sobre isso a partir das escolhas do tradutor –, além de auxiliar no desenvolvimento de outras pesquisas, no aprendizado do estudante de tradução e no trabalho do tradutor.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos o nosso objeto de estudo, o livro “1808”. Inicialmente, faremos uma exposição a respeito dos elementos-chave – o conteúdo, o autor e o tradutor. Em seguida, explanaremos o gênero textual em questão, o livro-reportagem, trazendo o ponto de vista de teóricos da área do Jornalismo, na qual esse gênero tem suas raízes. Por último, analisaremos o grau de especialidade textual deste objeto, a partir das ideias de Ciapuscio (2003). Essa análise se deve ao fato de que, antes de discutirmos a tradução de ICEs presentes no livro, precisamos compreender o tipo de linguagem com a qual estamos trabalhando, já que as escolhas tradutórias devem respeitar, entre outros fatores, o que é permitido pelo gênero do texto: há um grau de especialidade que deve ser mantido na tradução; se o tradutor não o mantiver, pode dar um caráter mais técnico a um texto que originalmente tem o objetivo de ser didático, por exemplo. Essa mudança poderá, então, afetar os leitores da tradução, que esperavam encontrar um tipo de linguagem e se depararam com outro.

1.1 A OBRA

A obra “1808” trata da vinda de Dom João VI e sua corte para o Brasil. O livro tem o objetivo de apresentar, de maneira didática, esse momento da história brasileira, expondo os motivos que levaram a família real portuguesa a se deslocar e as mudanças ocorridas em nosso país durante os treze anos em que Dom João VI reinou no Brasil. A obra foi publicada pela editora Planeta em 2007, reeditada em 2010 e revista e ampliada em 2014, dessa vez pela editora Globo Livros. Contém 414 páginas e 29 capítulos, os quais trazem informações relativas a pessoas relevantes para a História, à situação da população durante esse período, à escravidão, a guerras travadas nesses anos, entre outras questões.

Na introdução do livro “1808”, o autor Laurentino Gomes explica que um de seus objetivos é:

tornar esse pedaço da história brasileira mais acessível para leitores que se interessam pelos acontecimentos do passado, mas não estão habituados nem dispostos a decifrar a rebuscada linguagem acadêmica que permeia toda a bibliografia sobre 1808 e seus desdobramentos. (GOMES, 2007, p. 19-20)

Temos, assim, uma noção referente ao público-alvo do livro: leitores não especializados.

Segundo Gomes (2007), a obra é o resultado de dez anos de pesquisa, de modo que o autor – graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná, pós-graduado em

Administração pela Universidade de São Paulo, membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Paranaense de Letras (GOMES, 2014) – consultou vasta bibliografia, indicada nas referências de sua obra, e especialistas para embasar seu livro. Segundo ele,

Embora não tenha a pretensão de ser um livro acadêmico, todas as suas informações são baseadas em relatos e documentos históricos, exaustivamente apurados e checados. Mesmo assim, não está isento de eventuais erros, factuais ou de interpretação, que necessitem ser corrigidos no futuro. (GOMES, 2007, p. 24)

Além do objetivo de oferecer uma leitura acessível sobre o tema, Gomes também almeja que a história do Brasil ganhe mais atenção dos brasileiros. Para ilustrar essa questão, Gomes comenta que o antigo Paço Imperial, sede oficial do governo de D. João no Brasil, entre 1808 e 1821, situado no centro do Rio de Janeiro, passa hoje despercebido pelos turistas (2007, p. 17-18).

O autor também menciona que, em sua obra, pretende desconstruir a forma caricata como, às vezes, a família real portuguesa é tratada por autores, roteiristas e diretores, o que é refutado pela obra “Contestação”, da escritora e jornalista portuguesa Isabel A. Ferreira. Para ela, esse objetivo não foi atingido: “uma vez mais, Portugal e os Portugueses foram expostos ao ridículo, publicamente” (FERREIRA, 2008, p. 7). Em seu prefácio, Mendo Castro Henriques e João Gomes consideram-no “interessantíssimo do ponto de vista hermenêutico porque acumula quase todos os erros possíveis ao interpretar figuras históricas: falta de contextualização, acumulação de informação não tratada, confusão nos critérios de relevância, teoria explicativa deficiente, etc., etc.” (FERREIRA, 2008, p. 5)

A tradução do livro foi publicada nos Estados Unidos, em 2013, pela editora Lyons Press. O tradutor, Andrew Nevins⁴, é professor na área de Linguística na University College London e, dentre outras pesquisas, trabalha com línguas indígenas do Brasil e com “misheard song lyrics”⁵. “1808: The Flight of the Emperor”⁶ contém 321 páginas e também apresenta 29 capítulos, porém, diferentemente do livro original, eles estão divididos por partes: os capítulos 1 até 6 se encontram na “Part One: The Flight of the Emperor”⁷; os capítulos 7 até 24 se encontram na “Part Two: The Rise of Brazil”⁸; e os capítulos 25 até 29 se encontram na “Part

⁴ Consideramos a possibilidade de outros agentes (como, por exemplo, editora e autor) terem participado nas decisões tradutórias, mas, por não termos como foco essa participação, tratamos destas como escolhas do tradutor.

⁵ Letras de música mal-entendidas.

⁶ Após esse título, há também um subtítulo correspondente ao subtítulo original: “how a weak prince, a mad queen, and the British navy tricked Napoleon and changed the New World”.

⁷ Parte Um: A Fuga do Imperador.

⁸ Parte Dois: A Ascensão do Brasil

Three: The Return of the Monarch”⁹. Assim, consideramos essa distribuição e o acréscimo do subtítulo “The Flight of the Emperor” como um dos indicativos de que o livro traduzido apresenta um caráter ainda mais didático do que o original.

Gomes ganhou o prêmio Jabuti de Literatura com a obra “1808”, que também foi eleita Melhor Ensaio de 2008 pela Academia Brasileira de Letras (GOMES, 2014). Conforme dados de dezembro de 2007 do site do jornal Tribuna do Paraná¹⁰, “1808” entrou para a lista de livros mais vendidos uma semana após seu lançamento e permaneceu dez semanas no topo do ranking da categoria não ficção dos principais veículos do país (TRIBUNA DO PARANÁ, 2007). Assim, percebemos que o livro tem um papel de destaque no universo das obras de divulgação de pesquisa para leigos, sendo uma referência nesse contexto.

1.2 OS ESTADUNIDENSES COMO PÚBLICO-ALVO

Apresentamos a seguir o perfil do público-alvo da tradução do livro “1808” – os estadunidenses –, pois as escolhas de um tradutor dependem, dentre outros, do público-leitor, conforme Hurtado Albir (2011). É fundamental que o tradutor conheça o público para o qual está traduzindo, sobretudo, neste caso específico, em relação ao seu conhecimento da cultura e da história do Brasil.

Quanto à recepção, nos Estados Unidos, de uma obra sobre a história do Brasil, Laurentino Gomes, em entrevista para a Revista Regional, explica que

a tradução de um livro de história do Brasil para leitores americanos é um desafio complicado. O texto precisa ficar mais didático e acessível do que no original porque, lá fora, infelizmente, as pessoas conhecem muito pouco a respeito de nós. Morei um ano nos EUA e os americanos sempre se surpreendiam quando eu contava que o Brasil já tinha sido uma monarquia e que nós tivemos um rei (D. João VI) e dois imperadores (Pedro I e Pedro II). [...] Foi preciso levar tudo isso em conta na hora de traduzir o livro “1808”, tarefa desempenhada com maestria pelo linguista Andrew Nevins [...] (SCARAVELLI, 2013)

Para iniciar esta discussão, podemos mencionar que os Estados Unidos são, como se sabe, hegemônicos culturalmente. Segundo Freitas (2017), na página Mundo Educação da UOL: “[...] os americanos desenvolvem a difusão de sua cultura, isso ocorre através dos veículos de comunicação em massa como canais americanos, seriados, músicas e principalmente o cinema, que vende uma imagem ou um modelo a ser seguido [...]”. Desse modo, o público-alvo em questão exerce uma influência em relação a outras culturas, as quais

⁹ Parte Três: O Retorno do Monarca

¹⁰ Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/mais-pop/livro-1808-e-sucesso-de-vendas-no-brasil/>>. Acesso em 15 set. 2016.

– mesmo com suas identidades bem definidas e enraizadas em suas histórias, com todas as particularidades que isso implica – acabam tomando também como seu aquilo que é de fora.

Sabemos que a construção da história de um país pode envolver o contato com outras culturas, mas estamos nos referindo a uma cultura que parece compartilhar com as outras vários elementos seus. Como exemplo disso, podemos mencionar o que Ortiz (2003 apud TROTTA, 2011)¹¹ afirma sobre o Oeste: o autor explica que a imagem do Oeste já pertence a um coletivo maior do que apenas o estadunidense, pois foi divulgada ao mundo pela televisão, cinema, quadrinhos, entre outros, como uma imagem verossímil do que é o faroeste.

Como a língua acompanha a cultura, o inglês também tem uma posição dominante no mundo. Segundo Ortiz (2008 apud TROTTA, 2011, p. 125)¹², “o número de pessoas que dominam o inglês como segunda língua ultrapassou o dos locutores nativos”¹³. As pesquisas científicas que buscam divulgação internacional, por exemplo, acabam sendo escritas em inglês. Sobre essa questão, Trotta (2011, p. 125-126) acrescenta dados àqueles apresentados por Ortiz (2008):

Esse sentido de exclusão aparece de forma bastante evidente no âmbito da divulgação científica, uma vez que as mais prestigiadas revistas mundiais são publicadas em inglês [...]. Analogamente, uma revista em outra língua resente-se de uma condição periférica no mercado linguístico científico, excluída de bases de dados e estatísticas de citações e visibilidade. (ORTIZ, 2008, p. 93)

A essas informações, podemos acrescentar que, na própria obra “1808” – que não se trata de uma revista de divulgação científica, mas de um livro que apresenta uma pesquisa jornalística –, há pesquisas de autores estrangeiros entre os trabalhos consultados por Gomes. Para contar a história do Brasil, um brasileiro recorreu também a trabalhos escritos em inglês, como “Brazil: the forging of a nation”, de Roderick J. Barman.

No que diz respeito à literatura, a situação também é semelhante. De acordo com Fernandes e Fernandes (2015, p. 89-90), quanto aos Estados Unidos:

[...] Depois do fim da II Guerra Mundial, o país emergiu como uma superpotência. Sua importante posição econômica e política trouxe o aumento do interesse pela cultura norte-americana e, conseqüentemente, por sua literatura. O inglês passou a ser a língua mais traduzida do mundo. [...] Atualmente, essa hegemonia cultural do inglês permanece.

¹¹ ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

¹² ORTIZ, Renato. **A diversidade dos sotaques**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

¹³ Na afirmação não é especificado o que Ortiz entende por segunda língua, porém a entendemos, com base em Mitchell e Myles (1998), como qualquer língua que não seja a língua materna ou nativa do aprendiz, não precisando ser necessariamente aprendida no país em que é falada.

Fernandes e Fernandes comentam também o pouco interesse do mercado editorial norte-americano em publicar obras estrangeiras traduzidas. De acordo com as autoras, nos Estados Unidos, “enquanto a produção de livros quadruplicou dos anos 50 até o início do século XXI, a porcentagem de traduções, em relação ao número de publicações nacionais, manteve-se entre 2% e 4%” (FERNANDES, FERNANDES, 2015, p. 90). Esse baixo percentual é explicado “pelo fato de que a compra de obras estrangeiras é considerada um investimento arriscado” (FERNANDES, FERNANDES, 2015, p. 90).

Há autores, no entanto, que logram êxito em ter suas obras publicadas nos Estados Unidos. Dentre estes, as autoras mencionam Luiz Alfredo Garcia-Roza e Paulo Coelho, explicando que se pode relacionar o sucesso do primeiro “ao fato de ele escrever um gênero literário bastante popular nos Estados Unidos, o romance policial, conseguindo cativar o público ao apresentar uma história com elementos familiares num cenário novo, o brasileiro” (FERNANDES, FERNANDES, 2015, p. 96). Quanto ao segundo, dizem que “é sucesso em muitos países, e sua literatura não é traduzida por ter um caráter regional, brasileiro, mas justamente por ter um apelo mais universal e, conseqüentemente, um alcance maior entre leitores de culturas diferentes” (FERNANDES, FERNANDES, 2015, p. 97). Além disso, as autoras salientam que os leitores de Paulo Coelho não relacionam necessariamente sua produção com o Brasil, já que:

Em nosso país, suas obras são classificadas como literatura, porém, nos Estados Unidos, elas são frequentemente categorizadas como *autoajuda* ou *religião e espiritualismo* – e não como *literatura estrangeira* ou *literatura traduzida* –, conforme observamos nos catálogos das editoras e em *sites* de vendas de livros, como o da Amazon. (FERNANDES, FERNANDES, 2015, p. 95)

Segundo as pesquisadoras, não é possível “afirmar que a literatura brasileira tem um papel de grande impacto no sistema norte-americano”(2015, p. 97). Assim, temos indícios suficientes para acreditar que a tradução de um livro-reportagem sobre a história do Brasil, para o público estadunidense, precisa constituir um texto ainda mais acessível do que para os brasileiros. Não se trata somente da leitura em si que os estadunidenses farão da obra, já que fatores como a repercussão do livro também estão em jogo. Além disso, como vimos, nos Estados Unidos, o interesse da maioria dos leitores parece ser mais voltado àquilo que lhes é mais familiar.

Como contraponto, Fernandes e Fernandes (2015, p. 98) afirmam que a novidade também pode ser um fator de interesse para o leitor estadunidense, quando citam a literatura de Jorge Amado: “Amado é um autor premiado, sua literatura trata de personagens e cenários tipicamente brasileiros e seu sucesso pode estar atrelado a isso. Parte do apelo de sua obra

vem do retrato que ele faz do Brasil, visto pelos estrangeiros como exótico”. Assim, podemos pensar também que aquilo que é novo e diferente também pode ser bem-vindo no universo literário hegemônico estadunidense, vale lembrar também Garcia-Roza, que trouxe elementos conhecidos pelos norte-americanos, mas em um cenário brasileiro (FERNANDES; FERNANDES, 2015). A isso se acrescenta a seguinte consideração de Fernandes e Fernandes (2015, p. 98): “em última análise, entendemos que a literatura brasileira ainda se consolida no mercado editorial norte-americano, enquanto os números nos mostram que há uma tendência a um crescimento e um fortalecimento das relações literárias entre os dois países”.

A partir das considerações apresentadas neste subcapítulo, acreditamos que uma obra como “1808”, que se apoia em uma pesquisa jornalística e tem traços do gênero literário, merece ser traduzida com um cuidado especial em relação à forma como vai ser transmitida ao público-alvo, o qual prefere, de acordo com os dados que colhemos, aquilo que lhe é mais familiar.

1.3 O GÊNERO LIVRO-REPORTAGEM

A ideia de que o jornalismo pode ser considerado um gênero literário não é, ou pelo menos, nem sempre foi, consenso entre os especialistas na área. Conforme Lima (1969, p. 11):

Será o jornalismo um gênero literário? Não, diz Gide, chamando de jornalismo tudo “o que amanhã interessará menos do que hoje” (*Journal*, 19-1-1948). Sim, responde o Sr. Antônio Olinto, contestando Gide e definindo-o como “uma penetração no dia a dia, em busca do que possa a ter de significativo, de permanente” (*Jornalismo e Literatura*, 1954, pág. 42). Talvez, opina o sr. Barbosa Lima Sobrinho, considerando “temerária” a inclusão do jornalismo, apesar de suas altas afinidades com a literatura, entre os gêneros literários. (Aula inaugural do Curso de Jornalismo na Academia Brasileira, 1957).

Lima, por sua vez, acredita que o jornalismo pode ser considerado um gênero literário, porém somente na medida em que haja um estilo próprio na escrita desse texto, um estilo que não pode ser perdido para dar lugar ao “comunicar por comunicar”. Para esclarecer melhor essa afirmação precisamos inicialmente apresentar as diferentes perspectivas sobre a literatura mostradas pelo autor, pois é a partir de uma dessas perspectivas que podemos considerar o jornalismo como um gênero literário.

Segundo Lima (1969, p. 18), “podemos tomar o termo literatura – cuja definição mais sucinta é arte da palavra – em três acepções, segundo o âmbito maior ou menor do sentido em que empregamos a expressão: em sentido lato; em sentido corrente; em sentido estrito”. O

primeiro sentido, lato, refere-se a “toda expressão verbal, falada ou escrita” (LIMA, 1969, p. 18), ou seja, até a conversação pode ser considerada literatura nesse sentido, bem como a Filosofia e a Matemática, entre outras manifestações do pensamento humano. No entanto, Lima não reconhece esse sentido como correspondente à arte da palavra, de modo que discorre, então, sobre a segunda possibilidade, corrente, apontando que “literatura, nessa concepção, é toda expressão verbal com ênfase nos meios de expressão. Expressão verbal, antes de tudo, pois a palavra é a diferença específica da literatura entre as outras artes” (LIMA, 1969, p. 19). O autor comenta que, diferentemente dos outros campos, a Literatura tem, no modo de expressão, seus fins e não seus meios, pois a finalidade dos outros é comunicar e a dela, expor a própria linguagem que utiliza para que esta seja apreciada.

Quanto ao terceiro sentido, estrito, refere-se à literatura a partir do que se considera um alto nível de valor estético, por assim dizer. Assim, se a visão de literatura for essa, não se pode considerar o jornalismo um gênero literário, pois a finalidade deste é informar acima de tudo. Por esses motivos, como vimos, ao considerar o jornalismo como um gênero literário, o autor adota a concepção corrente de literatura. Conforme Lima (1969, p. 23), “jornalismo só é literatura, enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão. [...] O jornalismo tem sempre [...] um fim que transcende ao meio”.

Lima sugere situar o jornalismo na literatura, fazendo uma divisão entre literatura em verso e literatura em prosa. Classifica a literatura em prosa como “de apreciação”: apreciação de obras (crítica), de pessoas (biografia) e de acontecimentos, setor pelo qual o jornalismo é responsável. O autor inclui o jornalismo na literatura de apreciação, pois entende que ela está relacionada à função de informar e, com isso, formar.

Embora Lima considere o jornalismo em si como um gênero literário, há, no jornalismo, outra classificação, que leva em conta a junção do gênero jornalístico com o literário: o jornalismo literário. Pena (2006) apresenta uma visão muito parecida com a de Lima quando explica por que vê o jornalismo como um gênero literário¹⁴. Segundo Pena (2006, p. 21):

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma

¹⁴A escolha de Lima (1969) revela que a discussão sobre o par jornalismo e literatura não é recente e nos fornece uma visão dessa questão nos anos 1960. A diferença entre suas posições (1969) e as de Pena (2006) provavelmente se deve ao intervalo de tempo existente entre seus estudos. De fato, Lima (1969) se situa no período em que o “New Journalism” estava surgindo nos Estados Unidos, fenômeno considerado por muitos como o impulsionador do Jornalismo Literário, o qual, para Pena (2006), é um gênero dentro do Jornalismo.

verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar e entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia.

O jornalismo tradicional deve apresentar algumas marcas específicas para que realmente cumpra sua função. Para Lima, essas marcas podem ser parte de um jornalismo considerado como gênero literário; para Pena, essas marcas devem ser observadas pelo jornalismo literário, de modo que este deve atentar para o bom uso delas, pois o jornalismo tradicional vem sofrendo certos desvios de princípios. Comentaremos essa questão mais adiante. Lima (1969, p. 45) aponta essas marcas: “a informação, a atualidade, a objetividade e o estilo”. O jornalista deve ter como objetivo principal informar, atualizar os acontecimentos, ser objetivo em seu texto e ter um estilo próprio, que respeite as exigências do jornal em que está publicando.

Quanto à objetividade, Lima (1969, p. 53) afirma que “o primado do objeto, pois, é soberano no jornalista. O jornalista que divaga em torno do fato ou o deturpa, toma-o apenas como pretexto, generaliza facilmente, ou está mal informado, não é um bom jornalista”. Não se pode discordar dessa afirmação, já que as pessoas em geral esperam que uma notícia corresponda à realidade. Porém a questão da objetividade no jornalismo pode ser discutida, como o faz Lima (1993, p. 11):

O jornalismo não apenas reproduz os acontecimentos, registrando-os, disseminando-os para a população. Na verdade, essa ação realiza-se carregada de uma intenção, de uma complexa rede de fatores que condicionam a maneira como a notícia ou a reportagem “enxerga” o mundo. O repórter que sai à rua para cobrir um acontecimento está intrinsecamente condicionado a “ver” aquela realidade de acordo com seus valores culturais, com sua formação escolar, com a mentalidade básica vigente em sua época ou em seu grupo racial, até mesmo de acordo com sua herança genética.

Não existe objetividade jornalística, então. [...] Mas a reportagem tenta, considerando as camadas sobrepostas de condicionamentos que filtram o nosso contato direto com a realidade, reproduzi-la da maneira mais completa possível.

É pensando em aspectos desse tipo que Pena desenvolve tópicos sobre o que chama de estrela de sete pontas. A partir de marcas, como as já mencionadas (informação, atualidade, objetividade e estilo), e do complemento de outras observações, o autor apresenta as mudanças que poderiam ocorrer, ou as características para as quais é preciso atentar para que se trace um perfil do jornalismo literário. Segundo ele, ocorre que, devido a alguns fatores – como a competição entre os jornais (e outros meios de comunicação em massa) e o desejo de vender cada vez mais, sem a preocupação de verificar se as notícias são realmente confiáveis –, o jornalismo tradicional pode se tornar problemático, levando alguns jornalistas a recorrerem ao jornalismo literário, entre outros recursos, para não se deixar vencer por essa falta de seriedade.

Pena se refere a uma estrela de sete pontas, pois apresenta sete itens: o primeiro é a fidelidade à natureza do jornalismo diário, como, por exemplo, a observação atenta e a abordagem ética. Quanto à segunda ponta da estrela, Pena (2006, p. 14) afirma que “o jornalista rompe com duas características básicas do Jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade”. Como vimos, Lima (1969) considera a atualidade como uma das marcas do jornalismo como gênero literário, justamente porque está se referindo ao jornalismo diário. Pena (2006), ao falar em jornalismo literário, cria outra categoria, que não envolve os prazos para entregar os textos nem a preocupação de mostrar os acontecimentos mais recentes. Com isso, chegamos à terceira ponta da estrela, porque esse desligamento dos prazos “apertados” e do compromisso de apontar os fatos atuais de modo restrito possibilita ao jornalista literário cumprir um dever muito importante desse gênero, o de “proporcionar uma visão ampla da realidade” (PENA, 2006, p. 14).

O quarto item se refere ao exercício da cidadania. Pena comenta que é fundamental que o texto apresente ao leitor um conhecimento que contribua para sua formação como cidadão e para o bem das pessoas. No que diz respeito ao quinto item, o autor sustenta que o Jornalismo Literário rompe com a obrigatoriedade de mostrar objetividade, porém Pena (2006), assim como Lima (1993), discute a impossibilidade de haver objetividade propriamente dita. Na sexta ponta da estrela, está a resistência aos “definidores primários”, aqueles que sempre são entrevistados, como “governadores, ministros, advogados, psicólogos etc.” (PENA, 2006, p. 15). É preciso abrir tempo e espaço para que outras fontes e, por consequência, outras perspectivas sejam consultadas. Desse modo, o jornalismo tem a possibilidade de apresentar algo muito mais completo. A sétima ponta é a perenidade. É fundamental que o jornalismo literário faça o que não é possível ser feito no jornalismo diário, o qual não tem outra possibilidade senão entregar a notícia do dia a dia sem considerar todo o pano de fundo que a envolve.

Após essa explanação sobre a estrela de sete pontas de Pena, podemos dizer que as marcas apresentadas por Lima (1969) aparecem, de uma forma ou de outra, nessa explanação: o jornalismo tradicionalmente busca informar o que é atual de forma objetiva, de modo que isso constitui seu estilo. De acordo com Lima (1969, p. 54-55), depois de ter mencionado as marcas informação, atualidade e objetividade: “essa objetividade, junto às qualidades anteriormente analisadas, é que determina as características intrínsecas do estilo jornalístico”. Adicionalmente, o autor comenta que, além do estilo jornalístico em si, o jornalista deve também ter seu próprio estilo:

Há, pois, um estilo-jornalístico que é condição preliminar do estilo-do-jornalista. O jornalista, como aliás todo escritor ou artista, tem de atender a essa dupla exigência estilística: ter o seu estilo próprio, como esplendor do estilo comum ao gênero que adota ou ao tema que trata. (LIMA, 1969, p. 55)

Tendo em vista todas essas considerações quanto às características do jornalismo tradicional e às mudanças que o Jornalismo Literário propõe, abordemos a noção de gênero relacionada ao Jornalismo Literário.

Como há uma mudança constante em relação à ideia de gênero, o que Pena (2006, p. 20) pretende fazer é “propor uma aproximação conceitual, identificando subdivisões possíveis de acordo com o momento histórico”. Sobre o Jornalismo Literário e sua classificação no Brasil, Pena (2006, p. 21) afirma que:

No Brasil, o Jornalismo Literário também é classificado de diferentes maneiras. Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais.

Pena (2006) explica ainda que há autores que identificam o Jornalismo Literário com o “New Journalism”, movimento iniciado nos Estados Unidos na década de 1960. Além disso, há os que consideram as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística como parte do conceito. Por fim, comenta que considerará, em sua obra, todas as opções mencionadas, mas tem a intenção de tratá-las como subgêneros do Jornalismo Literário.

Desse modo, um dos subgêneros abordados por Pena (2006) é o romance-reportagem, o qual, para ele, é uma narrativa em que o autor mantém o foco na realidade factual, apesar de fazer uso de estratégias ficcionais. Podemos mencionar também que o autor faz uma distinção entre o romance-reportagem e a ficção-jornalística. Segundo Pena (2006), no romance-reportagem, há a busca pelos acontecimentos reais e isso é feito por meio de contextualização, interpretação, explicações, orientações e opiniões. Quando a narrativa se aproxima da ficção, isso não é deliberado; já na ficção jornalística, a inventividade é essencial.

A partir dessas considerações, podemos abordar o livro-reportagem, nosso objeto de estudo, pois, após apresentar o romance-reportagem, Pena (2006, p. 104-105) comenta que esse conceito:

também poderia estar contido em outro, mais abrangente, que é o de livro-reportagem. Mas não haveria distinção entre o uso deliberado ou não da ficção. Segundo o crítico Edvaldo Pereira Lima, no entanto, o livro-reportagem engloba apenas o real factual, seja na veracidade ou na verossimilhança, já que seus procedimentos operacionais são jornalísticos.

Assim, podemos apresentar a ideia de Pereira Lima, autor também mencionado por Pena, quanto à utilidade do livro-reportagem na sociedade: Lima (1993) acredita que o livro-reportagem serve para ir além do que é explicado pelo jornalismo convencional e tem potencial para experimentar e para buscar formas mais aprimoradas de fazer jornalismo, afirmação que condiz com o que se espera do Jornalismo Literário.

Essas considerações apontam em direção ao livro-reportagem em específico, nosso objeto de estudo. Cabe retomar, então, a menção a um dos propósitos de Gomes com seu livro: incentivar as pessoas a atentarem mais para esse período histórico e retratar a família real portuguesa da maneira mais fiel possível.

O livro “1808” apresenta subsídios para uma melhor compreensão da relação que as pessoas em geral têm com alguns dos lugares que fizeram parte do cenário dessa história. Isso nada mais é do que uma forma de cumprir o que Lima (1993) aponta como sendo um objetivo do livro-reportagem: contextualizar uma informação para que o leitor possa entender tudo o que a envolve e tudo o que age sobre ela.

Outro ponto que podemos retomar de “1808” é a afirmação de Gomes de que essa obra é fruto de uma pesquisa séria. Mencionamos anteriormente que o autor explicita que baseou as informações que apresenta em documentos confiáveis e que, mesmo assim, pode haver equívocos que precisem de correções futuras. Aqui também notamos um traço considerado por Lima (1993) como integrante do perfil do livro-reportagem: o estudo aprofundado do fato. Além disso, admitir que algo possa precisar de correção futuramente é uma forma de o jornalista demonstrar consciência de que sempre há mais para saber. Tomar o que é apresentado como verdade absoluta acaba sendo uma maneira reducionista de ver os acontecimentos relatados.

Após essa breve exposição de alguns pontos, do conjunto jornalismo, literatura e livro-reportagem, juntamente aos ideais que os cercam, seguimos para a próxima seção, na qual discorreremos sobre a Terminologia Textual e sobre nossa escolha dessa perspectiva. Até aqui, mostramos as intenções e os princípios do Jornalismo Literário e do jornalismo em geral; na próxima seção, pretendemos refletir sobre como isso se reflete na escrita do texto.

1.4 A TIPOLOGIA DE TEXTOS ESPECIALIZADOS

A Terminologia Textual é uma confluência de ideias que ainda está procurando seu espaço em “terra firme” entre outras visões já consolidadas como teorias. Nas últimas décadas, vem-se falando da importância de se considerar o texto como ponto principal de

análise ou, pelo menos, como parte indispensável desta nos estudos de Terminologia. Essa perspectiva nos ajudará a perceber em que medida o gênero textual em questão é especializado e, a partir disso, a analisar a tradução dos itens culturais-específicos no livro “1808”.

Cabe mencionar, em primeiro lugar, a visão de Ciapuscio quanto ao texto especializado, mostrando os aspectos considerados por ela para elaborar sua proposta:

Em primeiro lugar, enfatizei que em toda definição de texto de especialidade subjaz uma concepção particular sobre o objeto *texto*, que, por sua vez, está frequentemente condicionada pelo paradigma teórico e pelos objetivos de investigação. Em segundo lugar, considerei inevitável o fato de que as diversas definições de textos de especialidade não podem evitar o pecado da circularidade: se se revisa a abundante literatura sobre o tema, surge como denominador comum o recurso de mencionar a temática especializada, os usuários especialistas, as finalidades específicas, etc. Em terceiro lugar, me referi à preocupação tradicional por estabelecer os limites entre o campo do especial e do geral e expus com certo detalhe as posições mais representativas.¹⁵ (CIAPUSCIO, 2003, p. 96)

A autora, baseando-se em Heinemann e Viehweger (1991)¹⁶ e em Heinemann (2000)¹⁷, faz seu estudo utilizando *corpora* de textos sobre genética molecular e sobre Ecologia. Ela então analisa quatro gêneros textuais diferentes a partir de quatro níveis em cada um deles: funcional, situacional, de conteúdo semântico e formal-gramatical. Como já mencionamos anteriormente, nosso foco será a notícia jornalística, mas voltada para a análise de “1808”. Para Ciapuscio (2003, p. 97), tipologizar um texto implica “realizar um estudo compreensivo nos diferentes níveis: a integração dos traços e valores dos distintos níveis dará como resultado uma caracterização tipológica do texto”¹⁸. É essa caracterização que procuramos para nosso objeto. Para ilustrar a análise em níveis de Ciapuscio, apresentamos a seguir um trecho de “1808”, do capítulo “Escravidão”.

As áreas ao redor da corte no Rio de Janeiro, repletas de florestas e montanhas, ofereciam refúgio para centenas de escravos fugitivos. A floresta da Tijuca, o Morro de Santa Teresa e as regiões de Niterói e da atual Lagoa Rodrigo de Freitas ficaram

¹⁵ “En primer lugar, enfatiqué que en toda definición de texto de especialidad subyace una concepción particular sobre el objeto *texto*, que a su vez está frecuentemente condicionada por el paradigma teórico y los objetivos de la investigación. En segundo lugar, consideré inevitable el hecho de que las diversas definiciones de los textos de especialidad no pueden evitar el pecado de la circularidad: si se revisa la abundante literatura sobre el tema, surge como denominador común el recurso a la mención de la temática especializada, los usuarios especialistas, las finalidades específicas, etc. En tercer lugar, me referí a la preocupación tradicional por establecer los límites entre el campo de lo especial y lo general y expuse con cierto detalle las posiciones más representativas.” Todas as traduções de Ciapuscio (2003) para o português são nossas.

¹⁶ HEINEMANN, W.; VIEHWEGER, D. **Textlinguistik**: eine Einführung. Tübingen: Niemeyer, 1991.

¹⁷ HEINEMANN, W. Textsorten. Zur Diskussion um Basisklassen des Kommunizierens. Rückschau and Ausblick. In: ADAMZIK, K. (ed.). **Textsorten**. Tübingen: Stauffenburg Verlag Brigitte Narr GmbH, 2000.

¹⁸ “Realizar un estudio comprehensivo en los diferentes niveles: la integración de los rasgos y valores de los distintos niveles dará como resultado una caracterización tipológica del texto.”

famosas por abrigar quilombos. Seus moradores sobreviviam dos produtos da própria mata, coletando frutas, raízes e matando pequenos animais e roedores. Seu principal sustento, porém, eram as fazendas e chácaras vizinhas, que assaltavam com frequência. Algumas vezes os escravos foragidos conseguiam até mesmo vender na própria cidade o produto dos seus roubos. (GOMES, 2007, p. 253).

Após a exposição do trecho, veremos agora cada um dos níveis trazidos por Ciapuscio e utilizaremos esse exemplo, juntamente a outras considerações a respeito do livro, como um guia para refletirmos sobre o grau de especialização do texto em questão.

O primeiro nível é o funcional, no qual se analisa a função que o autor deseja cumprir com determinado texto. São quatro funções: expressar, referente ao modo como o autor se expressa ou se manifesta; contatar, referente ao contato mantido com o leitor; informar, referente ao envio e ao recebimento da informação e dirigir, referente à atitude que se espera que o leitor tome a partir de determinada leitura. Um texto pode apresentar mais de uma função, de modo que há as funções dominantes, subsidiárias e complementárias.

Como já comentamos anteriormente, o jornalismo – e, dentro dele, o livro-reportagem – pretende, antes de mais nada, informar. Ciapuscio (2003, p. 107), a respeito da notícia que analisa, também afirma que: “com as modalidades próprias do gênero, domina o propósito informativo que se traduz em indícios linguísticos claros”¹⁹. No caso aqui apresentado, a função dominante é a de informar.

Segundo a autora, na notícia que analisa, há escolhas lexicais que refletem uma valorização dos elementos envolvidos no acontecimento que é comunicado. Isso impulsionaria os leitores a também valorizarem o conteúdo e a se interessarem mais por temas afins, algo que consiste na função de dirigir, ficando esta em segundo plano. Na introdução do livro, Gomes afirma que “a fuga da família real para o Rio de Janeiro ocorreu num dos momentos mais apaixonantes e revolucionários do Brasil e de Portugal” (GOMES, 2007, p. 20) e entendemos que esse tipo de afirmação indica que “1808” apresenta uma função subsidiária de dirigir.

O segundo nível é o situacional. Nele, vários pontos devem ser considerados quando se pensa na situação comunicativa. Podemos apontar, inicialmente, os conceitos de comunicação interna ou externa à disciplina: o primeiro se refere a uma comunicação dentro de uma só área e o segundo, a interações entre áreas diferentes, envolvendo um “mundo público o cotidiano”²⁰ (CIAPUSCIO, 2003, p. 99). É possível perceber, então, que nosso objeto, por ser um modo de divulgar pesquisas e por conter um conteúdo relacionado não só à

¹⁹“Con las modalidades propias del género, domina el propósito informativo que se traduce en indicios lingüísticos claros.”

²⁰“Mundo público e cotidiano.”

História, mas também a questões sociais e culturais, insere-se em uma comunicação externa.

Outra questão a ser considerada, neste nível, são os interlocutores (CIAPUSCIO, 2003): especialista-especialista, especialista-semileigo, especialista-leigo, semileigo-semileigo e semileigo-leigo. Sobre a categoria “semileigo”, Ciapuscio (2003, p. 99) explica que designa na categoria semileigo

o interlocutor que possui certos conhecimentos sistematizados sobre a área específica; pode compreender distintos perfis: o aprendiz de especialista (estudante avançado), o jornalista científico e também o especialista de outras áreas do conhecimento.²¹

Assim, acreditamos que podemos classificar a relação entre os interlocutores de nosso objeto como semileigo-leigo, pois Gomes é formado em Jornalismo e tem conhecimentos adicionais em História, e o livro se dirige a um público curioso em adquirir conhecimentos básicos sobre o assunto em questão, mas que não detém conhecimentos especializados, conforme já mencionamos anteriormente.

Ciapuscio aborda então a dupla simetria entre os conhecimentos dos interlocutores – a relação simétrica, em que autor e leitor têm o mesmo nível de conhecimento, e a assimétrica, em que o autor tem um conhecimento maior do tema do que o leitor. Na obra que estamos analisando, há uma desigualdade de competências; trata-se, pois, de uma relação assimétrica. Outro ponto a ser discutido é o número de interlocutores. Ciapuscio (2003) classifica-os em monólogo, diálogo, grupo pequeno e grupo numeroso. Inserimos o livro “1808” nessa última categoria, por ser um livro que procura atingir o grande público. Por último, no nível situacional, temos os parâmetros espaço-temporais, para os quais Ciapuscio (2003) dá os exemplos de comunicação face a face, gráfica, televisiva e virtual. Estamos lidando, aqui, com a comunicação gráfica.

Passamos agora para o terceiro nível – conteúdo semântico. Nele, a autora propõe que se analise o que está sendo abordado no texto e como isso está sendo feito. Para responder a essas questões, alguns aspectos devem ser observados. O primeiro deles é o tema textual: “designa o núcleo conceitual do texto e que frequentemente pode verbalizar-se na forma de uma (macro)proposição” (2003, p. 100)²². O tema textual da obra “1808” é o momento histórico em que a família real portuguesa veio para o Brasil e as mudanças que aconteceram no país nessa época.

Outra noção a ser considerada é atitude temática, que se refere ao posicionamento do

²¹ “al interlocutor que posee ciertos conocimientos sistematizados sobre el área específica; puede comprender distintos perfiles: el aprendiz de especialista (estudiante avanzado), el periodista científico e incluso el especialista de otras áreas de conocimiento.”

²² “Designa el núcleo conceptual del texto y que frecuentemente puede verbalizarse en la forma de una (macro)proposición.”

autor perante o tema, de modo explícito ou implícito. Conforme Ciapuscio (2003, p. 100):

O produtor pode se pronunciar, por exemplo, a respeito da verdade ou probabilidade do conteúdo textual (*saber, crer, duvidar*) e ao grau de certeza de seu saber (*realmente, com certeza, evidentemente, talvez, de forma alguma*); pode sinalizar sua valorização positiva ou negativa (*apreciar, depreciar*), o grau de seu interesse (*desejar, propor, querer, preferir*) ou sua atitude psíquica (*lamentar, alegrar-se*). Em termos gramaticais, a atitude temática cobre o campo da modalidade em sentido amplo.²³

No trecho exposto, não há tal marcação, mas podemos notar que, no livro, por ser um texto mais jornalístico, o autor geralmente não expõe de maneira tão marcada seus posicionamentos. Porém há momentos – como quando ele comenta que o tema é um momento apaixonante da história – em que é possível perceber uma valorização positiva explícita; em outros momentos, o autor faz apontamentos quanto à probabilidade – como na parte em que ele explica a possibilidade de nem tudo que é dito em seu livro ser verdade. Esses são apenas alguns exemplos diante da amplitude da fonte.

O próximo aspecto é a perspectiva sobre o tema. Ciapuscio (2003) aponta os principais pontos de vista sob os quais se escrevem textos especializados: a perspectiva básica ou teórica, na qual se produz conhecimento para contribuir com alguma mudança dentro de uma área; a perspectiva aplicada, na qual se pensa a partir de uma utilidade para o tema tratado; a perspectiva didática, na qual se está ensinando determinado tema a um aprendiz; e a perspectiva divulgativa, caso do nosso objeto, pois, nas palavras de Ciapuscio (2003, p. 100): “considero que um texto é divulgativo quando o conteúdo especializado se (re)toma para ser transmitido a um destinatário leigo, com a finalidade de que conheça essa informação e, eventualmente, a tenha em conta em sua vida cotidiana”²⁴.

Mais um ponto a ser analisado é se o texto é uma forma primária ou uma forma derivada. A primeira forma se refere a “contribuições originais (primeiras) a uma área específica”²⁵ (CIAPUSCIO, 2003, p. 101) e a segunda, a textos baseados em outros textos e pesquisas. Segundo Ciapuscio (2003), os textos de divulgação científica são representativos da forma derivada, e nosso objeto é um caso de texto divulgativo. Ocorre que “1808” divulga a pesquisa do próprio autor; por isso acreditamos que é discutível se, nesta situação, a forma é

²³“El productor puede pronunciarse, por ejemplo, respecto a la verdad o probabilidad del contenido textual (*saber, crer, dudar*) y al grado de certeza de su saber (*realmente, seguro, evidentemente, quizás, de ningún modo*); puede señalar su valoración positiva o negativa (*considerar bien, mal*), el grado de su interés (*desejar, proponerse, querer, preferir*) o su actitud psíquica (*lamentar, alegrarse*). En términos gramaticales, la actitud temática cubre el campo de la modalidad en sentido amplio.”

²⁴“Considero que un texto es divulgativo cuando el contenido especializado se (re)toma para ser transmitido a un destinatario lego, con el fin de que conozca esa información y, eventualmente, la tenga en cuenta en su vida cotidiana.”

²⁵“Contribuciones originales (primeras) a un área específica.”

totalmente derivada. Ainda assim, como o autor também apresenta as pesquisas de vários historiadores, entre outros estudiosos, classificamos o livro como forma derivada. Aqui, podemos também falar em expansão conceitual, já que esta é justamente quando há a inclusão de informações provindas de outros trabalhos.

Devemos atentar também para as partes textuais, de modo que estas podem ser livres ou estandardizadas. A diferença entre as duas é que quanto mais estandardizado o texto, mais ele deve se encaixar nos padrões do seu gênero e não há muita liberdade para criações. No caso que estamos estudando, acreditamos que há mais liberdade para o autor escrever, porém ele ainda precisa seguir algumas normas típicas de um livro tradicional, como um título e a divisão em capítulos, já que a ideia é ser algo objetivo e acessível para o leitor.

Por último, no nível do conteúdo semântico, cabe mencionar o tipo de desenvolvimento temático. Quanto a isso, Ciapuscio menciona as sequências e se baseia na proposta de Werlich (1975)²⁶. Essas sequências refletem no texto o efeito que se quer dar. Segundo Ciapuscio (2003, p. 101):

Werlich distinguiu sequências descritivas (para a conceptualização das relações espaciais), narrativas (percepção do tempo), expositivas (representação conceptual, sob a forma de análise ou síntese), argumentativas (capacidade de julgar e valorizar) e diretivas (vinculadas com a atuação futura, o planejamento). Esses modelos de estruturar informação se combinam nos textos e podem adquirir relações de dominância ou subordinação de acordo com o texto particular.²⁷

Não é possível exemplificar, neste capítulo, com o livro inteiro, mas podemos perceber, no trecho, que a forma dominante é a narrativa. Trata-se de uma cena em que fatos estão sendo contados e situados no passado, caracteriza-se pelo uso frequente de verbos no passado, como, por exemplo, “ofereciam”, “ficaram”, “sobreviviam” e “eram”. Além disso, podemos mencionar também que é característica de um livro-reportagem a mistura de diferentes sequências. Conforme Lima (2009, p. 146-147):

Para compor sua mensagem, visando atingir o objetivo a que se propõe, o livro-reportagem combina uma série de técnicas de tratamento de sua linguagem integral-verbal, plástica, ilustrada. No primeiro caso, [...] esses recursos são organizados em torno dos seguintes grupos e subgrupos: as técnicas de redação – narração, descrição, exposição e diálogo –, as funções de linguagem, as técnicas de angulação, as técnicas de edição e o ponto de vista. Quanto mais balanceada a combinação de todos esses elementos, melhor o resultado em termos da qualidade final do texto.

Após essas considerações, podemos passar agora para o quarto e último nível, o formal-gramatical. Nesse nível, começamos com as máximas retórico-estilísticas, as quais

²⁶ WERLICH, E. **Typologie der Texte**. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1975.

²⁷ “Werlich distinguió secuencias descriptivas (para la conceptualización de relaciones espaciales), narrativas (percepción del tiempo), expositivas (representación conceptual, bajo la forma del análisis o la síntesis), argumentativas (capacidad de juzgar y valorar) y directivas (vinculadas con el actuar futuro, el planear). Estos modos de estructurar información se combinan en los textos y pueden adquirir relaciones de dominancia o subordinación de acuerdo con el texto particular.”

servem de guias para a formulação do texto dependendo de seu gênero. Sobre essa questão, Ciapuscio (2003, p. 102) declara que:

conhecemos critérios gerais de adequação dos recursos linguísticos aos gêneros específicos: o estilo científico clássico, por exemplo, se orienta em normas gerais como clareza, precisão, concisão, economia, etc. Essas normas gerais condicionam, por sua vez, a decisão de incluir elementos não verbais (ilustrações, gráficos, fotos) e a preferência por determinados modelos de formulação que condicionam os aspectos sintáticos e léxicos (por exemplo, um estilo distanciado e impessoal, determina a seleção preferencial de recursos desagregadores, formas verbais passivas, e de recursos que escondem a subjetividade).²⁸

Desse modo, podemos dizer que, como já vimos anteriormente, o livro-reportagem preza pela clareza, pela objetividade (apesar de esta não ser completamente possível) e pela precisão. A partir do que podemos observar no trecho citado do livro “1808”, encontramos um texto claro, sem marcas explícitas de opiniões e, conforme seu comentário já exposto aqui, o autor procurou ser preciso ao levar as informações ao leitor de seu livro. No que diz respeito aos recursos verbais e não verbais (formas linguísticas ou não linguísticas), “1808” apresenta os dois, pois, além do texto verbal em questão, há imagens, um mapa e uma linha do tempo.

Para ilustrar os aspectos gramaticais, baseamo-nos no trecho apresentado: observamos uma narrativa, com marcas de impessoalidade (o autor não se expressa em primeira pessoa e não apresenta frases opinativas), predominância do pretérito imperfeito (“ofereciam”, “ficaram”, “sobreviviam”, “eram”, “assaltavam”, “conseguiam”) e da terceira pessoa do plural (“as áreas”, “a floresta da Tijuca, o Morro de Santa Teresa e as regiões de Niterói e da atual Lagoa Rodrigo de Freitas”, “seus moradores”, “seu principal sustento”, “os escravos foragidos”), bem como adjetivos que servem mais para contar os fatos do que para exprimir opiniões (“famosas”, “pequenos”, “principal”, “vizinhas”, “foragidos”). Além disso, não se nota o uso de terminologia, a não ser pela possibilidade de se considerar as palavras “quilombos” e “escravos” como termos da área de História, já que têm significados específicos na área.

Todos os aspectos apresentados precisam ser considerados quando se deseja compreender o grau de especialidade de determinado texto. No que se refere à tradução de um texto e, mais especificamente, do texto contido em “1808”, a observação desses fatores

²⁸“Conocemos criterios generales de adecuación de los recursos lingüísticos a los géneros específicos: el estilo científico clásico, por ejemplo, se orienta en normas generales como claridad, precisión, concisión, economía, etc. Estas normas generales condicionan a su vez la decisión de incluir elementos no verbales (ilustraciones, gráficos, fotos) y la preferencia por determinados modelos de formulación que condicionan los aspectos sintáticos y léxicos (por ejemplo, un estilo distanciado e impersonal, determina la selección preferencial de recursos desagregadores, formas verbales pasivas, y de recursos que esconden la subjetividad).”

também precisa ser feita, pois as escolhas tradutórias, não somente para os ICEs presentes no livro, mas para todos os elementos que compõem a sua estrutura, dependem disso. Segundo Travaglia (2003, p. 30-31):

A tradução focalizada como retextualização é a composição de um novo/mesmo texto que [...] terá também funcionamento discursivo. As marcas linguísticas do novo texto serão colocadas dentro de uma situação comunicativa concreta, gerarão efeitos de sentido para os leitores da língua para qual o texto foi traduzido. Sendo assim, todos os fatores de textualidade são importantes e não somente o código linguístico da partida e o da chegada.

O texto, seja ele especializado ou não, é um objeto que apresenta diversas facetas. Assim, para fazermos um estudo completo de um texto, é essencial que estas sejam consideradas.

Quisemos mostrar que, no momento em que se questiona se um texto é especializado ou não, há vários ângulos pelos quais podemos observá-lo. Adotamos os níveis propostos por Ciapuscio (2003), pois acreditamos que, com essa perspectiva, podemos observar nosso objeto a partir de um olhar panorâmico e compreender seu grau de especialidade. Considerando todos os parâmetros de cada nível analisado, entendemos que o grau de especialidade da obra “1808” é baixo. Acreditamos que os níveis analisados nos proporcionaram uma visão de vários pontos que merecem atenção se pretendemos compreender o quão especializado é um texto. Abaixo, apresentamos um quadro que resume nossa classificação.

Quadro 1 – Classificação do livro-reportagem “1808” de acordo com os níveis apresentados por Ciapuscio (2003)

Nível funcional	Nível situacional	Nível de conteúdo semântico	Nível formal-gramatical
<ul style="list-style-type: none"> • Função dominante de informar • Função subsidiária de dirigir 	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação externa à disciplina • Interlocutores semileigo-leigo • Relação assimétrica entre conhecimento dos interlocutores • Número de interlocutores - grupo numeroso • Comunicação gráfica 	<ul style="list-style-type: none"> • Tema textual - momento histórico em que a família real portuguesa veio para o Brasil e as mudanças que aconteceram no país nessa época • Atitude temática - posicionamento implícito do autor perante o tema (porém explícito em alguns momentos) • Perspectiva divulgativa sobre o tema • Forma derivada de texto • Partes textuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Clareza • Objetividade (apesar de esta não ser completamente possível) • Precisão • Recursos verbais e não verbais <p>Com base no trecho apresentado:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Narrativa • Marcas de impessoalidade • Predominância do pretérito imperfeito e da terceira pessoa do plural • Adjetivos que servem mais para contar os fatos do que para exprimir opiniões

		<p>livres (porém também há certo grau de estandardização)</p> <ul style="list-style-type: none">• Tipo de desenvolvimento temático - a forma dominante é a narrativa	<ul style="list-style-type: none">• Não se nota o uso de terminologia (a não ser pela possibilidade de se considerar as palavras “quilombos” e “escravos” como termos da área de História).
--	--	--	---

2 TRADUÇÃO E CULTURA

Neste capítulo, apresentaremos a base teórica de nossa pesquisa. Inicialmente, apresentaremos algumas noções relevantes para a construção de nossa análise, no que diz respeito à visão de tradução que adotamos. Assim, além de definir tradução, abordaremos alguns tópicos em torno do conceito de equivalência tradutória para que fique clara a perspectiva pela qual estamos olhando para nosso objeto de análise. Após a apresentação dessas noções, partiremos para um panorama referente aos itens culturais-específicos (ICEs) e à terminologia que permeia a ideia central de que existem palavras marcadas por uma cultura específica, podendo haver certas lacunas se essas palavras forem buscadas em outra cultura. Ocorre que há uma variação terminológica e conceitual relacionada a essa noção e, por isso, é necessário esclarecer também o motivo pelo qual adotamos o termo “itens culturais-específicos”, assim como as implicações que essa escolha tem.

Em seguida, apresentaremos algumas técnicas e estratégias de tradução, já que este é um ponto crucial de nossa análise. Classificaremos as escolhas tradutórias dadas aos itens culturais-específicos no livro “1808: The Flight of the Emperor”, com base nas estratégias de tradução de Franco Aixelá (2013) e, neste capítulo, justificaremos a escolha destas, além de mostrarmos as técnicas sugeridas por Hurtado Albir (2011), com o intuito de discutirmos sobre as escolhas do tradutor diante de certos problemas no processo tradutório, a partir da observação de um apanhado teórico que busca ajudá-lo na resolução desses problemas. Por meio desse suporte teórico, temos condições de fazer uma análise acurada.

2.1 DEFINIÇÃO E EQUIVALÊNCIA

Para sustentar nossa pesquisa, mencionaremos estudos de diferentes teóricos com o intuito de demonstrar a variedade de ideias, algumas divergentes e outras complementares, que colaboram para discussões acerca de noções das quais dependemos para alcançarmos os objetivos deste trabalho. Contudo, focaremos principalmente os estudos de Amparo Hurtado Albir (2011), que condizem com a visão que pretendemos apresentar e que são fundamentais para a evolução do campo de pesquisa aqui abordado.

Hurtado Albir (2011, p. 41) define a tradução como “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua que se

desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada”²⁹. Segundo a autora, a tradução envolve três processos essenciais: um ato comunicativo, uma operação textual e uma atividade cognitiva. Cada um desses processos representa um ponto diferente a ser observado no momento de traduzir um texto.

O ato comunicativo diz respeito à finalidade do texto original, a qual deve ser respeitada pelo tradutor. Este tem o dever de saber comunicar o mesmo que o autor, de modo a considerar as necessidades do destinatário da tradução. Hurtado Albir (2011, p. 41) diz, ainda, que “a finalidade da tradução pode mudar conforme o tipo de encargo ou o público a que é dirigida; o tradutor adota, em cada caso, métodos diferentes e chega a soluções diferentes”³⁰. Nesse sentido, o autor do livro “1808” tem a intenção de contar a história da chegada da corte portuguesa ao Brasil, por meio de uma linguagem acessível a leitores que não querem se deparar com o vocabulário acadêmico. Além disso, Gomes comentou que, pelo fato de muitos estadunidenses não terem familiaridade com a história brasileira, o texto traduzido deve ser ainda mais didático que o original³¹. Já sabemos, então, o que pensar em relação à finalidade tradutória do caso que estamos estudando: proporcionar uma leitura acessível a um público estadunidense, pouco familiarizado com o tema.

Quanto à operação textual, Hurtado Albir argumenta que cada língua tem seus próprios meios de estruturação textual e que o tradutor deve levar isso em consideração para que o texto na língua de chegada não pareça estranho para o leitor. Essa questão também colabora para o debate sobre o caminho que terá mais aceitação do público, já que uma estrutura frasal, por exemplo, pode dizer muito sobre sua procedência linguística. Dentre os casos que poderíamos mencionar para ilustrar essa questão, está o fato de que, em um texto em português, podemos usar frases ocultando o sujeito, como em “gostamos de chocolate” e, em um texto em inglês, não podemos fazê-lo: a frase ficaria “we like chocolate”, sem a possibilidade de apagar o pronome “we”.

No que se refere à atividade cognitiva, a autora explica que a tradução é o resultado de um processo mental, ou seja, o tradutor precisa, inicialmente, compreender o texto original para, depois, reformulá-lo em outra língua, encontrando soluções para problemas que essa

²⁹“Un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada.” Todas as traduções para o português de Hurtado Albir (2011) são nossas. Para os nomes em português das técnicas apresentadas pela autora, que serão expostos mais adiante, tomamos como base o trabalho de Waquil (2017).

³⁰“La finalidad de la traducción puede cambiar según el tipo de encargo o el público al que va dirigida; el traductor adopta en cada caso métodos diferentes y llega a soluciones diferentes.”

³¹ Embora os paratextos possam trazer muitas informações, sua discussão não faz parte do escopo deste trabalho, já que o maior interesse aqui é analisar as escolhas do tradutor, e não a opinião do autor. Para aumentar a discussão sobre esse tema, indicamos GENETTE, Gerard. Introduction to the paratext. **New Literary History**, 22 (2), p. 261-272, 1991.

ação possa envolver, além de procurar causar os mesmos efeitos causados pelo texto fonte. Assim, levaremos em consideração também que, antes de fazer essas escolhas tradutórias, o tradutor possivelmente passou por esse tipo de processo.

Diferentemente de Hurtado Albir, há teóricos que se baseiam somente em um aspecto para definir a tradução. A autora expõe algumas dessas definições com o intuito de mostrar a complexidade em torno dessa caracterização, além de apontar o fato de que o ato comunicativo, a operação textual e a atividade cognitiva são apresentados entre as diferentes pesquisas. Mencionaremos aqui algumas dessas ideias como forma de fortalecer a discussão e de acompanhar as considerações feitas pela autora.

Hurtado Albir (2011) divide as definições apresentadas por outros teóricos de acordo com o foco de cada uma. Os fatores que, juntos, fazem parte da tradução segundo a autora são (a) o ato comunicativo; (b) a operação textual; e (c) a atividade cognitiva. Apresentaremos agora ideias que caracterizam a tradução a partir de um deles:

a) A tradução como ato comunicativo

No que se refere à perspectiva de que a tradução é um ato de comunicação, Hurtado Albir apresenta as ideias de vários teóricos e mencionaremos algumas delas aqui. Nida e Taber (1969/1986 apud HURTADO ALBIR, 2011)³², por exemplo, dizem que a tradução é a reprodução de uma mensagem, estabelecendo-se uma equivalência entre o que é dito na língua de partida e o que é dito na língua de chegada. Já para Hatim e Mason (1990/1995 apud HURTADO ALBIR, 2011, p. 38)³³, a tradução é “um processo comunicativo que tem lugar em um contexto social”³⁴. Segundo Snell Hornby (1988 apud HURTADO ALBIR, 2011)³⁵, a tradução é uma ação que se dá entre culturas diferentes. Entretanto, Reiss e Vermeer (1984/1996 apud HURTADO ALBIR, 2011)³⁶ acreditam que é a finalidade o principal fator da tradução, e Nord (1988/1991 apud HURTADO ALBIR, 2011)³⁷ a descreve como um ato comunicativo que ocorre de acordo com sua funcionalidade.

b) A tradução como operação textual

³² NIDA, E. A.; TABER, Ch. **The Theory and Practice of Translation**. Leiden, E. J. Brill, 1969. (**La traducción: teoría y práctica**. Madrid: ediciones Cristiandad, 1986).

³³ HATIM, B.; MASON, I. **Discourse and the translator**. Londres: Longman, 1990. (**Teoría de la traducción**. Una aproximación al discurso, Barcelona: Ariel, 1995).

³⁴ “Un proceso comunicativo que tiene lugar en un contexto social.”

³⁵ SNELL-HORNBY, M. **Translation Studies**. An Integrated Approach, Amsterdam: John Benjamins, 1988 (**Estudios de traducción**. Hacia una perspectiva integradora. Salamanca: Francke, 1999).

³⁶ REISS, K.; VERMEER, J. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. Tubinga: Niemeyer, 1984 (**Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Madrid: Akal, 1996).

³⁷ NORD, Ch. **Textanalyse und Übersetzen**. Heidelberg: J. Groos Verlag, 1988 (**Text analysis in Translation**. Amsterdam: Rodopi, 1991).

Em relação à tradução vista como atividade textual, entre os nomes mencionados pela autora estão os de Seleskovitch³⁸ e de House (1977). A primeira defende a ideia de que a tradução não é a troca de elementos de uma língua pelos de outra, mas sim a transmissão de mensagens contidas em um texto, observando-se o sentido que elas carregam. Já a segunda chama a atenção para as questões semânticas e pragmáticas envolvidas na tradução, dizendo que esta é “a substituição de um texto em língua de partida por um texto semântica e pragmaticamente equivalente na língua meta”³⁹ (HOUSE, 1977, p. 29 apud HURTADO ALBIR, 2011, p. 38)⁴⁰.

c) A tradução como atividade cognitiva

No que diz respeito à tradução entendida como processo, Hurtado Albir aponta, entre outros, o conceito explicado por Lederer (1984)⁴¹, que afirma que a tradução é um processo que envolve compreensão e uma nova expressão. Além da definição de Lederer, podemos expor a de Delisle (1980 apud HURTADO ALBIR, 2011), que dá ênfase ao que o autor do texto original quis comunicar. Nas palavras do teórico, a tradução é “a operação que consiste em determinar o significado dos signos linguísticos em função de um querer dizer concretizado em uma mensagem, e restituir depois essa mensagem integralmente mediante os signos de outra língua”⁴² (DELISLE, 1980, p. 68 apud HURTADO ALBIR, 2011, p. 40)⁴³.

Como já comentamos, as definições aqui mencionadas servem para ilustrar o quão complexa é a discussão em torno de como caracterizar a tradução. Há uma variedade de conceitos e, mesmo fazendo parte de uma mesma categoria (a tradução vista como processo, por exemplo), cada um apresenta um viés diferente. Em nossa análise, consideraremos a definição de tradução de Hurtado Albir (2011), pois acreditamos que a tradução envolve o ato comunicativo, a operação textual e a atividade cognitiva, de modo que nenhum desses aspectos poderá ser descartado quando olharmos para o texto em questão.

³⁸ SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. **Interpréter pour traduire**. Col. Traductologie, 1, Paris: Didier Érudition, 1984.

³⁹ “La sustitución de un texto en lengua de partida por un texto semántica y pragmáticamente equivalente en la lengua meta.”

⁴⁰ HOUSE, J. **A Model for Translation Quality Assessment**. Tubinga: Gunter Narr, 1977 (reed. 1997, Model for Translation Quality Assessment. A Model Revisited).

⁴¹ SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. **Interpréter pour traduire**. Col. Traductologie, 1, Paris: Didier Érudition, 1984.

⁴² “La operación que consiste en determinar la significación de los signos lingüísticos en función de un querer decir concretizado en un mensaje, y restituir después ese mensaje íntegramente mediante los signos de otra lengua.”

⁴³ DELISLE, J. **L’Analyse du discours comme méthode de traduction**, Cahiers de Traductologie 2, Éditions de l’Université d’Ottawa. Ottawa: University Press, 1988.

Além disso, devemos mencionar a diferença entre função e finalidade: a função é o que será transmitido a partir do texto⁴⁴, e a finalidade é a intenção da tradução (HURTADO ALBIR, 2011). Em nosso caso, a função do livro “1808” é apresentar essa parte da história de maneira acessível e acreditamos que a finalidade é a mesma, mas direcionando esse texto para o público estadunidense. Se fosse traduzir esse texto para crianças, por exemplo, haveria um distanciamento maior entre a função e a finalidade. Consideraremos que as duas, função e finalidade, são importantes no momento da tradução: é necessário que o tradutor saiba qual a função desse texto e o que deve fazer e transformar a partir disso.

Adotamos a visão de Nord (2016) em relação à função. Para ela, a função de um texto é definida pelo acolhimento do receptor do texto. Assim, à ideia de que o gênero textual, o público-alvo e a finalidade são elementos importantes a serem observados, adicionamos também a importância de observar a função textual.

2.1.1 Equivalência tradutória

Como analisaremos uma questão que diz respeito à falta de referentes na língua de chegada, a noção de equivalência é fundamental para este trabalho e precisa ser discutida. Muitos autores estudaram essa noção e propuseram modos de encará-la. Há diversas pesquisas em torno da equivalência, as quais geram muita discórdia entre teóricos, provavelmente, como acredita Hurtado Albir (2011, p. 204), devido “a seu caráter central e a sua importância na definição da tradução”⁴⁵. Aqui, pretendemos apontar a maneira como alguns teóricos veem a equivalência, com destaque para a visão de Hurtado Albir (2011).

Dependemos da noção de equivalência para analisar as relações existentes entre o texto original e o texto traduzido. Quanto à importância de se falar sobre essa noção, Waquil (2013, p. 80) afirma o seguinte:

consideramos a noção de equivalência fundamental para os estudos de tradução independentemente da perspectiva adotada, pois permite trazer à luz aspectos essenciais para os mesmos, tais como a função do texto traduzido, os aspectos semânticos, pragmáticos e formais implicados no processo tradutório. Baseando-se em uma concepção que dê conta da diversidade das línguas e de suas formas de comunicação, além dos variados e já comentados fatores que influenciam o processo tradutório, a noção de equivalência serve tanto para a perspectiva teórica da área, permitindo analisar a relação existente entre dois textos (o de partida e o de chegada) ou entre elementos menores constituintes dos mesmos, como auxilia a perspectiva prática também, já que influencia as decisões e escolhas que efetua o tradutor.

⁴⁴ A função se concretiza na recepção. Assim, comentaremos sobre a função somente a partir da ideia relacionada ao objetivo de um texto e analisaremos se houve respeito à função na tradução com base apenas no que parece ter cumprido o objetivo do texto ou não.

⁴⁵ “A su carácter central y a su importancia en la definición de la traducción.”

É por esses motivos que traremos agora algumas perspectivas que ajudam a construir a discussão acerca da equivalência.

Podemos começar com a definição de equivalência apresentada por Hurtado Albir (2011, p. 209):

podemos utilizar o termo equivalência para nos referir à relação estabelecida entre a tradução e o texto original sempre e quando não o identifiquemos com identidade nem com abordagens meramente linguísticas, e incorporemos uma concepção dinâmica e flexível que considere a situação de comunicação e o contexto sócio-histórico em que se produz o ato tradutório.⁴⁶

Assim, para a autora, ao pensarmos em equivalência, devemos considerar a situação de comunicação e o contexto sócio-histórico ligados ao texto e não somente os elementos linguísticos. Esse caráter dinâmico relacionado à noção de equivalência está de acordo com Nida⁴⁷, o qual propôs a distinção entre equivalência formal e equivalência dinâmica. A primeira tem como foco manter a forma do texto original, e a segunda, transmitir a mensagem contida no texto de partida, ação que pode implicar modificações na forma. Nida adotou a equivalência dinâmica para suas traduções bíblicas, pois, segundo Waquil (2013, p. 66), ele prezava “a reação dos receptores para que o texto bíblico possa cumprir sua função de evangelização”.

Analisaremos a tradução do livro “1808” levando em conta esse caráter dinâmico da equivalência apontado por Hurtado Albir e proposto por Nida. Vimos que Gomes acredita que, pelo fato de muitos estadunidenses não terem um conhecimento amplo sobre a história do Brasil, o livro deve ter uma tradução com um traço mais didático. Além disso, sabemos que “1808” foi escrito para pessoas que procuram uma linguagem mais simples, de modo que a tradução também deve seguir esse padrão, considerando, ainda, as necessidades dos receptores para que o mesmo efeito causado nos leitores do texto original seja causado nos do texto traduzido. Dessa forma, defenderemos a ideia de que, para haver equivalência, não só os elementos linguísticos mas a situação de comunicação e o contexto sócio-histórico também devem ser levados em conta e observaremos essa questão na análise com o intuito de discutir sobre os limites que devem ser respeitados para que um tradutor, preocupado em moldar o

⁴⁶“Podemos utilizar el término equivalencia para referirnos a la relación establecida entre la traducción y el texto original siempre y cuando no lo identifiquemos con identidad ni con planteamientos meramente lingüísticos, e incorporemos una concepción dinámica y flexible que considere la situación de comunicación y el contexto sociohistórico en que se produce el acto traductor.”

⁴⁷ (NIDA, 1964; NIDA; TABER, 1969 apud HURTADO ALBIR, 2011)

NIDA, E. **Toward a Science of Translating, with special reference to principles and procedures involved in Bible translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

NIDA, E. A.; TABER, Ch. **The Theory and Practice of Translation**. Leiden, E. J. Brill, 1969.

texto às características e às necessidades do leitor estrangeiro, não acabe trazendo elementos e utilizando recursos que possam ser considerados dispensáveis por este.

Outros autores que se posicionam quanto à noção de equivalência são Reiss e Vermeer (1984/1996 apud HURTADO ALBIR, 2011)⁴⁸, os quais estabelecem uma diferença entre os termos equivalência e adequação. Para os teóricos, a equivalência ocorre quando, no texto de partida e no de chegada, existe a mesma função comunicativa, já a adequação acontece quando há um objetivo a ser seguido no processo tradutório. Desse modo, a equivalência é um tipo de adequação quando a tradução tem como objetivo seguir a mesma finalidade de comunicação do texto original. Reiss e Vermeer acreditam, também, no caráter dinâmico da equivalência textual, o qual está ligado com as funções que a tradução procura cumprir. Quanto aos fatores que definem como se dará essa equivalência, Hurtado Albir (2011, p. 220) afirma que os autores

propõem um modelo de fatores que estabelece os critérios que intervêm na constituição da equivalência textual: produtor/autor, receptor, texto, tipo de texto, gênero de texto, contexto, cultura e o modo em que se encontram inter-relacionados. Na constituição da equivalência, intervêm o princípio de seleção e o princípio de hierarquia, já que o tradutor deve averiguar quais são os elementos do texto de partida que considera funcionalmente relevantes para esse texto concreto, tendo que escolher (princípio de seleção) e decidir a ordem prioritária desses traços distintivos (princípio de hierarquia).⁴⁹

A partir dessa visão, podemos pensar, novamente, no que Gomes afirma sobre a importância que deve ser dada às necessidades do receptor estadunidense na tradução de um livro como a obra “1808”. Lembremos, ainda, que o autor descreve a tradução de seu livro como uma “tarefa desempenhada com maestria” (SCARAVELLI, 2013). Assim, podemos supor que, segundo a visão do autor, o tradutor de “1808” preocupou-se com a forma com a qual iria transmitir, ao público estadunidense, os conhecimentos enciclopédicos contidos no livro, de modo que essa suposição contribui para a discussão que envolve a finalidade da tradução em questão e os elementos que o tradutor escolheu priorizar para chegar à equivalência textual.

Podemos mencionar, também, Rabadán (1991 apud WAQUIL, 2013)⁵⁰, autora que defende o caráter dinâmico da equivalência. Para ela, há uma série de questões a serem

⁴⁸ REISS, K.; VERMEER, J. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. Tubinga: Niemeyer, 1984 (**Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Madrid: Akal, 1996).

⁴⁹“Proponen un modelo de factores que establece los criterios que intervienen en la constitución de la equivalencia textual: productor/autor, receptor, texto, tipo de texto, clase de texto, contexto, cultura y el modo en que se encuentran interrelacionados. En la constitución de la equivalencia interviene el principio de selección y el principio de jerarquía, ya que el traductor ha de averiguar cuáles son los elementos del texto de partida que considera funcionalmente relevantes para ese texto concreto, teniendo que escoger (principio de selección) y decidir el orden prioritario de esos rasgos distintivos (principio de jerarquía).”

⁵⁰ RABADÁN, Rosa. **Equivalencia y traducción: problemática de la equivalencia transléctica inglés-español**. León: Universidad de León, 1991.

consideradas quando se trata de equivalência, noção “funcional-relacional de caráter dinâmico que se constitui como propriedade definitiva de toda tradução” (RABADÁN, 1991, p. 58 apud WAQUIL, 2013, p. 72). Além disso, Rabadán dá muito valor à aceitabilidade do público que lerá o texto-meta, apoiando a ideia de que não há como validar uma tradução se seus receptores não a consideram aceitável. Dessa forma, encontramos, mais uma vez, a opinião de que pensar no leitor da tradução é fundamental.

Por fim, vejamos a visão de Nord (1994 apud HURTADO ALBIR, 2011)⁵¹, a qual acredita que tanto levar em conta somente a funcionalidade quanto levar em conta somente a lealdade para encarar a equivalência são atos radicais. A autora propõe a união dessas duas ideias, ou seja, ver a equivalência como um equilíbrio entre a finalidade de determinada tradução (considerando-se elementos como a necessidade dos receptores) e os ajustes exigidos dentro da prática profissional (procurando alcançar as expectativas do cliente que demandou a tradução, por exemplo). Aqui, também encontramos a ideia de que a equivalência não é pré-estabelecida, mas sim, relativa.

Vimos, então, pontos de vista de diferentes autores como forma de mostrar em que se baseiam as discussões, em geral, acerca da noção de equivalência. O debate em torno da equivalência é muito maior e mais complexo que o que apresentamos, havendo, ainda, autores que a rejeitam, como Snell-Hornby (1988 apud WAQUIL, 2013)⁵², a qual acredita que essa noção remete ao pensamento de que as línguas são simétricas entre si. Todos esses posicionamentos e propostas vindos de diversos teóricos nos ajudam a construir uma reflexão sobre o que representa a equivalência. Defenderemos a definição de equivalência fornecida por Hurtado Albir, destacando ideias que complementam essa visão – as de Reiss e Vermeer (1984), de Rabadán (1991) e de Nord (1994) – e fazendo nossa análise sob a perspectiva de que a equivalência textual tem um caráter dinâmico.

Neste subcapítulo, procuramos apresentar algumas questões relevantes para a construção de nosso trabalho, no que se refere a pontos ligados diretamente ao modo como a tradução é vista por alguns teóricos. No subcapítulo a seguir, veremos diferentes termos e conceitos ligados às palavras sem um referente na língua-alvo (ou sem um referente preciso), já que precisamos ter isso muito claro para sabermos que palavras do livro devemos selecionar e qual termo é o mais adequado de acordo com o que vamos encontrar.

⁵¹ NORD, Christiane. It's tea time in Wonderland. Culture-markers in fictional texts. In: PÜRCHEL, Heiner (ed.). **Intercultural Communication**. Duisburg: Leang (1994).

⁵² SNELL-HORNBY, M. **Translation Studies: an integrated approach**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

2.2 ITENS CULTURAIS ESPECÍFICOS (ICEs) E OUTROS TERMOS

São muitos os termos que perpassam o campo referente a palavras e expressões que denominam algo que faz parte de uma cultura ou de algumas culturas, mas não fazem parte de outras (como “samba”, por exemplo), por vezes trazendo problemas ao tradutor. Apresentaremos cinco termos para demonstrar a complexidade desta variação: palavras culturais, cuja seção também inclui termos culturais; culturemas; marcadores culturais específicos (MCEs); e itens culturais-específicos (ICEs). A seguir, exploraremos o conceito de cada um desses termos.

2.2.1 Palavras culturais

Traremos o conceito de “palavras culturais” proposto por Newmark (2010). Segundo Carr (2013, p. 3), “a denominação *palabras culturales* vem de Newmark (1992:133)”⁵³. Newmark (2010, p. 133) sustenta que:

[...] eu diferencio a linguagem “cultural” das linguagens “universal” e “pessoal”. “Morrer”, “viver”, “estrela”, “nadar”, e inclusive objetos quase praticamente ubíquos, como “espelho” e “mesa”, são universais... Não apresentam, em geral, nenhum problema de tradução. “Monção”, “estepe”, “*dacha*”, “chador” são palavras culturais... Aqui pode ocorrer algum problema de tradução, a menos que exista uma sobreposição cultural entre a fonte e a LT (e seus leitores). Palavras universais como “café da manhã”, “abraço”, etc., desempenham muitas vezes a função universal, mas não a descrição cultural do referente. Se eu me expresso de uma forma pessoal ([...] *his “underlife”* – qualidades pessoais e vida particular – *is evident in that poem; he’s a “monologger”* – ele não termina nunca as frases –), estou utilizando uma linguagem pessoal, não diretamente social, ou seja, um idioleto, e sua tradução sempre será um problema.⁵⁴

Podemos notar que o conceito de Newmark (2010) não frisa a presença do contexto como um ponto a ser considerado no momento de identificar uma palavra cultural.

O autor comenta que as distinções que apresenta são gerais e vagas e, ao delimitar um pouco mais o que considera como palavras culturais, explica que palavras dialetais não são palavras culturais quando designam algo conhecido universalmente, ou seja, palavras que

⁵³ “La denominación *palabras culturales* viene de Newmark (1992:133)”. Tradução nossa para o português. NEWMARK, Peter. **Manual de traducción**. 6. ed. Madrid: Cátedra, 1992.

⁵⁴ “[...] yo distingo el language ‘cultural’, de los languages ‘universal’ y ‘personal’. ‘Morir’, ‘vivir’, ‘estrella’, ‘nadar’, e incluso objetos casi prácticamente ubicuos, como ‘espejo’ y ‘mesa’, son universals... No presentan, por lo general, ningún problema de traducción. ‘Monzón’, ‘estepa’, *dacha*, *chador*, son palabras culturales... Aquí puede haber algún problema de traducción, a menos que exista un solapamiento cultural entre la fuente y la LT (y sus lectores). Palabras universales como ‘desayuno’, ‘abraço’, etc., cubren a menudo la función universal, pero no la descripción cultural del referente. Y si yo me expreso de una forma personal ([...] *his ‘underlife’* – cualidades personales y vida privada – *is evident in that poem; he’s a ‘monologger’* – no termina nunca las frases –), estoy usando un lenguaje personal, no directamente social, o sea, lo que se llama idiolecto, y su traducción siempre será un problema.” Todas as traduções de Newmark (2010) são nossas.

fazem parte do mesmo idioma, mas que são compartilhadas apenas por alguns grupos de falantes, podendo precisar até de tradução no mesmo idioma para outros grupos que não estão familiarizados com elas, não são consideradas palavras culturais se se referem a algo cujo significado já é conhecido pelos outros grupos e apenas o nome muda. Para isso, podemos pensar no exemplo das palavras “aipim”, “mandioca” e “macaxeira”, as quais variam de região para região do Brasil, mas designam o mesmo alimento, conhecido por todos. Já palavras como “acarajé” ou “carreteiro” são específicas de regiões diferentes do Brasil, designando também comidas diferentes. Assim, somente essas duas últimas palavras dialetais poderiam ser consideradas palavras culturais segundo Newmark (2010).

O autor também afirma que cada comunidade linguística pode ter um foco cultural, um tema (podem ser hábitos, alimentos, esportes, entre outros) priorizado em uma cultura. Conforme Newmark (2010, p. 134), “os espanhóis, por exemplo, o fizeram na tauromaquia (‘ter um bom porte’, ‘não cair na provocação’, ‘estar de arrasto’, ‘dar uma punhalada’); os franceses, nos queijos e vinhos; os ingleses, nos esportes, particularmente no críquete; os alemães, nas salsichas [...]”⁵⁵. O autor então comenta que a existência de um foco cultural pode causar problemas de tradução devido à distância entre as culturas fonte e alvo.

Para Newmark (2010), operativamente, a linguagem não é um componente ou traço cultural, mas “contém todo tipo de sedimentos culturais na gramática (gêneros dos objetos inanimados), formas de tratamento (‘senhor’, *Sie*), o léxico (‘o sol nasce’)..., que fogem à lógica dos universais, tanto na consciência do falante como na do tradutor”⁵⁶ (NEWMARK, 2010, p. 134). Em seguida, Newmark (2010) comenta que quanto mais específica for a linguagem em relação aos fenômenos naturais, mais próxima aos traços culturais ela será e, conseqüentemente, isso poderá causar problemas de tradução. Percebemos, assim, que, segundo o autor, as palavras culturais não são assim classificadas por serem “peças” de uma cultura, mas por refletirem essa cultura, o modo de vida das pessoas em determinado local e tudo o que isso envolve, como os fenômenos naturais.

Luque Nadal (2009) também comenta essa questão em relação aos culturemas. A autora mostra que estes refletem as observações feitas por um povo ao longo do tempo, no que diz respeito ao comportamento social, à natureza, aos animais, entre outros pontos que constituem a identidade de um país ou de uma região. Para que essas observações se tornem

⁵⁵ “los españoles, por ejemplo, lo han hecho en tauromaquia (‘tener un buen trapío’, ‘entrar al trapo’, ‘estar para el arrastre’, ‘dar la puntilla’); los franceses, en quesos y vinos; los ingleses, en deportes, particularmente en críquet; los alemanes, en salchichas [...]”

⁵⁶ “contiene todo tipo de sedimentos culturales en la gramática (gêneros de los nombres inanimados), fórmulas de tratamiento (‘usted’, *Sie*), el léxico (‘el sol sale’)..., que escapan a la lógica de los universales, tanto en la conciencia del hablante como en la del traductor.”

fraseologismos, podemos considerar fatores como o acaso, mas também a relevância delas dentro de determinada região. Luque Nadal (2009) traz o exemplo da ideia de estar em uma situação de risco: como o gelo fino é bastante presente nos países nórdicos, mas não nos do sul da Europa, encontramos expressões em língua inglesa, alemã ou russa que transmitem essa imagem, como “to walk on thin ice” (literalmente, “andar sobre gelo fino”), por exemplo. Já em línguas como o espanhol, o italiano e o francês, a ideia é a mesma, porém a imagem muda. Nessas, encontramos expressões que transmitem a imagem do fio da navalha ou do terreno escorregadio, por exemplo. Trata-se da mesma ideia em diferentes culturas, porém o modo de expressá-la varia de acordo com o que é mais presente e habitual em cada país. Assim, encontramos aqui um ponto em comum que pode haver entre conceitos referentes às diferentes terminologias deste campo de estudo, sendo necessário identificar esses pontos e suas variações, bem como suas diferenças.

Newmark (2010) continua explicando sua visão de um modo geral, oferecendo alguns exemplos, porém sem mencionar que o contexto poderia nos levar a classificar como palavra cultural uma palavra que reflete algo existente em ambas as culturas (por haver sentidos diferentes a serem considerados), reforçando nossa crença de que não abarca esse tipo de estudo ao falar em palavras culturais. Apesar de o autor não apresentar exemplos que contemplem a possibilidade de considerarmos uma palavra “comum” como cultural com base no contexto e no par de línguas envolvido, podemos detectar fatores que o autor também considera relevantes para a tradução das palavras culturais e que têm relação com o contexto. Assim, não se trata de o autor não valorizar o contexto, mas, se o compararmos com Franco Aixelá (2013), notamos que este mostra que qualquer palavra ou expressão pode ser um ICE e o contexto tem um papel crucial para identificarmos isso, já Newmark (2010, p. 136) sustenta que o tradutor de uma palavra cultural “depende sempre menos do contexto do que a linguagem usual”⁵⁷.

Desse modo, traremos agora pontos comentados por Newmark (2010) que servem para nortear a tradução de palavras culturais. Ao apontar dois procedimentos que podem ser utilizados na tradução de palavras culturais, o autor traz esses pontos para mostrar que é preciso considerá-los para realizar esses procedimentos, os quais são a transferência e a análise componencial (AC). Segundo o autor, a transferência, nos textos literários, pode servir para refletir o ambiente local e, nos textos especializados, para identificar com mais facilidade um referente em outros textos. Contudo, o autor acrescenta que a transferência dificulta a comunicação. Quanto à análise componencial, é caracterizada pela conservação do que há em

⁵⁷ “siempre depende menos del contexto que el lenguaje corriente.”

comum entre a língua-fonte e a língua-alvo e o acréscimo de elementos que ajudem a especificar o significado da palavra. Para o autor, o ponto negativo desse procedimento é sua falta de concisão e impossibilidade do mesmo efeito pragmático. Newmark (2010) sustenta também que, para traduzir uma palavra cultural, é preciso considerar o que os leitores estão buscando, bem como seu nível cultural temático e linguístico. Assim, o autor valoriza o modo como a comunicação está sendo feita e com quem se está comunicando, mostrando que esses fatores podem fazer a diferença no momento de o tradutor fazer uma escolha ou outra.

Newmark (2010) também apresenta, do mais relevante ao menos relevante, os fatores a serem considerados quando se decide atrelar com a AC “uma tradução já reconhecida [...], uma transferência, um equivalente funcional, um equivalente cultural e assim sucessivamente [...]”⁵⁸ (NEWMARK, 2010, p. 167): 1) o tipo de texto; 2) as exigências do leitor ou cliente; e 3) a relevância que a palavra cultural a ser traduzida tem no texto. Com isso, percebemos, de uma forma sistemática, pontos valorizados pelo autor nesse tipo de tradução.

É relevante, para o panorama terminológico que estamos apresentando neste subcapítulo, mencionarmos que Newmark já fez uso de “termos culturais”. Em “Approaches to Translation”⁵⁹, o autor emprega “cultural terms”; já em “A Textbook of Translation”⁶⁰, Newmark (1988) refere-se a “cultural words”. Ambos os termos aparecem traduzidos para o português, em Bertoldi (2016), como “termos culturais” e “palavras culturais” respectivamente. Ao abordar a tradução de termos culturais, Newmark (1981) nos dá a entender que o conceito atrelado a esse termo apresenta as mesmas características do conceito de palavras culturais.

Concluimos que as palavras culturais se destacam como específicas de uma cultura, refletindo seus hábitos, alimentação, lazer, entre outros, porém Newmark (2010) não menciona o contexto como um grande revelador dessas palavras, ao contrário de Franco Aixelá (2013) em relação aos ICEs, como veremos melhor mais adiante. Acreditamos que o termo “palavras culturais” (e, conseqüentemente, “termos culturais”) não se adequa perfeitamente à análise proposta, pois consideramos o contexto um fator bastante relevante para a seleção de palavras e expressões presentes na obra “1808”. Além disso, serão consideradas não só as palavras e expressões que Newmark (2010) poderia considerar como

⁵⁸ “una traducción ya reconocida [...], una transferencia, un equivalente funcional, un equivalente cultural y así sucesivamente [...]”.

⁵⁹Podemos traduzir esse título para “Abordagens para a Tradução”.
NEWMARK, P. **Approaches to Translation**. Oxford: Pergamon, 1981.

⁶⁰Podemos traduzir esse título para “Manual de Tradução”.
NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. London: Prentice Hall, 1988.

palavras culturais, mas também palavras e expressões que têm referentes na língua de chegada, mas que têm relações diferentes com cada cultura.

2.2.2 Culturemas

No que diz respeito aos culturemas, podemos encará-los como símbolos: valores e ideias que podem variar de cultura para cultura; tratando-se, assim, de elementos extralinguísticos. As consequências para a tradução estão no fato de que esses elementos se refletem em palavras e expressões em um texto. As expressões idiomáticas, por exemplo, carregam consigo símbolos culturais que lhes deram origem, esses símbolos podem, portanto, ser chamados de culturemas. Segundo Pamies Bertrán (2007 apud XATARA; RIVA, 2015, p. 287)⁶¹:

Os culturemas são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de tal simbolismo, podendo se generalizar e até se automatizar. Uma vez incorporados na língua como palavras ou componentes de frases, conservam, ainda assim, algo de sua “autonomia” inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas, e até mesmo permitem incorporar outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica.⁶²

Isso não quer dizer que esse seja o único modo de olharmos para os culturemas, pois há variação conceitual ligada ao termo. Adotamos aqui o conceito sugerido por Pamies Bertrán (2007 apud XATARA; RIVA, 2015), recém exposto, mas traremos também outras visões para ampliar a discussão. Na sequência, vejamos primeiro alguns exemplos de expressões idiomáticas (EIs) portadoras de culturemas que fazem parte da identidade brasileira propostos por Xatara e Riva (2015).

⁶¹ PAMIES BERTRÁN, Antonio. El lenguaje de la lechuga: apuntes para un diccionario intercultural. In: LUQUE, J. D & PAMIES, A. (eds.) **Interculturalidad y lenguaje**: el significado como corolario cultural. Granada: Granada Lingvística / Método, vol. 1, p. 375-404, 2007.

⁶²“Los culturemas son símbolos extralingüísticos culturalmente motivados que sirven de modelo para que las lenguas generen expresiones figuradas, inicialmente como alusiones o reaprovechamiento de dicho simbolismo, y que pueden generalizarse y hasta automatizarse. Una vez que han entrado en la lengua como palabras o componentes de frases, conservan aun así algo de su ‘autonomía’ inicial, en la medida en que cohesionan conjuntos de metáforas, e incluso permiten añadir otras a partir del mismo valor, asequibles para la competencia metafórica.” Todas as traduções de Pamies Bertrán (2007 apud XATARA; RIVA, 2015) para o português são nossas.

A figura da arara, remetendo a um temperamento irritado, é um culturema. Temos, a partir dessa ideia, a EI “ficar uma arara”, por exemplo, que significa ficar nervoso. De acordo com Xatara e Riva (2015), a figuratividade desse idiomatismo deve-se aos gransos das araras, comparados aos gritos de uma pessoa exaltada. Outro culturema fornecido pelos autores é o da festa do carnaval, algumas EIs ligadas a esse símbolo são “dar samba”, “jogar confetes” e “sambar na cara”. A primeira, “referência direta à composição de melodias ou letras de músicas de samba” (XATARA; RIVA, 2015, p. 295), significa que algo vai dar certo. A segunda, referente aos confetes jogados no carnaval, pode ter dois significados, um pejorativo e outro não. O pejorativo significa bajular e o não pejorativo apenas elogiar, de modo genuíno. A terceira, segundo Xatara e Riva (2015), é originada a partir da EI “pisar na cara” e tem o sentido de humilhar, podendo ser utilizada para retratar alguém bonito ou que é bem-sucedido em algo.

Com os exemplos de culturemas e de EIs fornecidos pelos autores, é possível perceber mais claramente como estes os veem e como pretendemos encarar o conceito desse termo. Ainda assim, parece-nos um pouco complexo delimitar o que é e o que não é um culturema, pois, ao fornecerem os exemplos, Xatara e Riva (2015) não fazem uma delimitação explícita de cada um deles: há um momento em que os autores afirmam que “esse culturema, o urubu como aproveitador, revela-se produtivo nas expressões ‘como urubu na carniça’ [...] ou ‘no bico do urubu’” (XATARA; RIVA, 2015) e em outros momentos referem-se aos culturemas de forma mais abrangente, como no caso da festa do carnaval, sem apontarem em que sentido a festa pode ser vista como um culturema. Em outras palavras, urubu é delimitado “como aproveitador” e festa do carnaval, como um culturema. Depois são mostradas diferentes EIs que surgiram a partir da imagem do carnaval e podemos perceber que estas podem ir para diferentes direções, sem serem necessariamente associadas a algo alegre e positivo, como se espera ao pensarmos apenas na festa do carnaval.

Aqui, procuramos seguir a mesma lógica estabelecida pelos autores, pois acreditamos que o que se pode depreender do modo como são apresentados esses culturemas (e, sempre na sequência, EIs ligadas a estes) é que, justamente, por terem um caráter simbólico, podemos nos referir a uma palavra como culturema, mas esclarecendo que somente é um culturema por dar margem a associações maiores dentro de uma cultura. De acordo com Xatara e Riva (2015, p. 288):

Os símbolos disponibilizados por determinada comunidade (por exemplo, paraíso = dimensão superior, nos céus) configuram-se em culturemas (todos almejam o paraíso), dos quais se depreendem alguns temas (sensação de felicidade; sensação de

grande prazer físico) e de cada tema sugerido por um culturema, criam-se unidades fraseológicas (estar nas nuvens, viver num paraíso, ir ao sétimo céu) que se cristalizam nas comunidades que compartilham do mesmo culturema.

Desse modo, podemos perceber a complexidade conceitual quando utilizamos o termo “culturema”.

Xatara e Riva (2015) apresentam, além da visão de Pamies Bertrán, os conceitos de Vermeer (1983) – o qual, segundo os autores, supostamente cunhou o termo “culturema” – e do Grupo de Investigación de Lingüística Tipológica e Experimental⁶³ (GILTE). De acordo com Xatara e Riva (2015, p. 288), para os pesquisadores do GILTE, “culturema é todo elemento simbólico referente um objeto, ideia, atividade ou fato” [sic], e reconhecido por uma sociedade, que possa ser utilizado como uma forma de comunicação e expressão entre os membros dessa sociedade. No que diz respeito ao conceito de Vermeer (1983), culturema é “um fenômeno social de uma cultura A que é considerado relevante pelos membros desta cultura e que, quando comparado a um fenômeno social correspondente na cultura B, é específico da cultura A”⁶⁴ (VERMEER, 1983, p. 8 apud LUQUE NADAL, 2009, p. 95)⁶⁵. Como podemos ver até aqui, temos conceitos que complementam uns aos outros. Todos em torno do caráter abstrato dos culturemas.

Ao conceito de Vermeer (1983), podemos acrescentar que, apesar da ideia que pode haver de que os culturemas são específicos de apenas um lugar, eles podem pertencer a mais de um lugar. Além disso, constatar sua origem nem sempre constitui uma pesquisa simples. Segundo Xatara e Riva (2015), considerando-se o intenso contato entre culturas, pode haver certa dificuldade em identificar se um culturema é, de fato, originário de uma determinada região. Adicionalmente, os autores comentam que isso também acontece em outras áreas do conhecimento e, entre seus exemplos, está o coco, fruta muito presente nas praias brasileiras, mas que tem origem na Índia, Sri Lanka ou Malásia, dependendo da espécie. No que se refere aos ICEs, também lidamos com esse tipo de situação, de modo que poderá haver itens em nossa análise que não são necessariamente originários do Brasil ou típicos somente no Brasil, mas serão analisados por manterem fortes laços com a cultura brasileira.

⁶³Tradução nossa: Grupo de Investigación de Lingüística Tipológica e Experimental.

⁶⁴“Un fenómeno social de una cultura A que es considerado relevante por los miembros de esta cultura y que, cuando se compara con un fenómeno social correspondiente en la cultura B, se encuentra que es específico de la cultura A.” Todas as traduções de Luque Nadal (2009) para o português são nossas.

⁶⁵ VERMEER, Hans J. **Translation theory and linguistics**. In: ROINILA, Pauli; ORFANOS, Ritva; TIRKKONEN-CONDIT, Sonja (eds.). *Häkökohtia kääntämisen tutkimuksesta*. Joensuu: University, 1983. p. 1-10.

Um dos motivos pelos quais não consideramos adequado o termo “culturema” para a presente pesquisa é o fato de que, de acordo com Xatara e Riva (2015, p. 288): “se por um lado detectamos culturemas que perduram em uma língua [...], por outro lado, alguns culturemas podem cair em desuso enquanto outros nascem a cada dia, visto que as sociedades passam pelas mais diversas transformações [...]”. Como as palavras e expressões a serem selecionadas não condizem com esse tipo de estudo, no sentido de que não nos debruçaremos sobre o nível simbólico que elas podem ter na atualidade ou a mudança que esse nível pode ter sofrido com o passar do tempo, mas sim seu significado “concreto” ou seu sentido, que pode variar da língua-fonte para a língua-alvo, utilizar o termo “culturema” não pareceu ser a melhor opção.

Apesar de os culturemas terem essa ligação com os símbolos dentro de uma cultura e de não termos considerado esse termo como o mais adequado para nossa pesquisa, esclarecemos que, como mencionamos anteriormente, encontramos variação conceitual nesse campo. Mais do que isso, encontramos um grau de complexidade ligado ao termo, outro motivo para nos afastarmos deste. Segundo Luque Nadal (2009, p. 93), sobre a noção de culturema, “trata-se de uma noção recente que ainda está sendo definida e diferenciada de outras como frasema, idiomatismo, símbolo, palavra cultural, etc.”⁶⁶. Acreditamos que esse caráter instável na formação dessa noção também pode aumentar a complexidade conceitual atrelada ao termo. Luque Nadal (2009, p. 94) também explica que muitos culturemas “possuem uma estrutura semântica e pragmática complexa”⁶⁷. Esse pode ser outro motivo que pode levar à complexidade do conceito.

Outro ponto que pode trazer certa obscuridade ao tema dos culturemas é que, segundo Luque Nadal (2009), não há um consenso quanto à sua origem: “alguns autores a atribuem à Nord (1997), outros a Vermeer (1983) e outros a Oksaar (1988)”⁶⁸ (LUQUE NADAL, 2009, p. 95)⁶⁹. Relembramos aqui que, ao trazerem o conceito proposto por Vermeer (1983), Xatara e Riva (2015) comentam que o autor foi quem supostamente cunhou o termo.

Luque Nadal (2009) também está de acordo com a visão de culturema apresentada pelo GILTE. Ainda assim, o que mencionamos anteriormente sobre essa visão não é

⁶⁶ “Se trata de una noción reciente que está aún por definir y distinguir de otras como frasema, idiomatismo, símbolo, palabra cultural, etc.”

⁶⁷ “poseen una estructura semántica y pragmática compleja.”

⁶⁸ “Algunos autores lo atribuyen a Nord (1997), otros a Vermeer (1983) y otros a Oksaar (1988).”

⁶⁹ NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

OKSAAR, Els. **Kulturremtheorie. Ein Beitrag zur Sprachverwendungsforschung**. Hamburg: Göttingen, 1988.

VERMEER, Hans J. Translation theory and linguistics. In: P. Roinila, R. Orfanos & S. Tirkkonen-Condit (eds.). **Häkökohtia kääntämisen tutkimuksesta**. Joensuu: University, 1983. p. 1-10.

suficiente para esclarecermos a série de fatores, como motivos e critérios, que perpassam essa terminologia. Traremos agora algumas considerações nesse sentido com o intuito de complementar as ideias já expostas. Quanto aos motivos pelos quais culturemas são criados, Luque Nadal (2009) afirma que os culturemas são criados constantemente por diversos motivos:

[...] figuras políticas,atores, escritores, personagens de ficção, do cinema, da televisão,músicas do momento, tipos de roupas, moda, determinados eventos políticos, sociais, artísticos, criações artísticas e literárias, fatores conjunturais, etc.que incrementam outros culturemas de caráter religioso, histórico, folclórico, literário que já têm uma longa existência na nossa língua e cultura.⁷⁰ (LUQUE NADAL, 2009, p. 96)

Decidimos nos afastar do termo pela complexidade que este representa, mas, para ilustramos a possibilidade de chamar de culturemas palavras como as que serão analisadas aqui, apontamos duas colocações. Para Molina Martínez (2006), os culturemas são considerados como tais dependendo das culturas envolvidas, “a palavra *chador*, considerada por Newmark como *palavra cultural*, não funcionaria como tal se as línguas em jogo fossem o persa e o urdu”⁷¹ (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 78-79). Essa situação também ocorre com os ICEs, e “chador” também poderia ser considerado um ICE. A segunda colocação é feita por Luque Nadal (2009, p. 99): “alguns culturemas têm seus equivalentes em outros idiomas, como, por exemplo, em datas. O dia 28 de dezembro na Espanha, o *Dia dos Santos Inocentes*, tem seu equivalente na Grã-Bretanha no dia 1º de abril, em uma festa conhecida como *April Fools*”⁷². Aqui também encontramos semelhanças com o que pode ocorrer com os ICEs.

Podemos ainda acrescentar que, baseando-se em Pamies Bertrán (2007, 2009)⁷³, Luque Nadal (2009) explica a visão do autor em relação aos culturemas, apontando para seu caráter simbólico e gerador de metáforas, as quais se consolidam na língua por meio de expressões. Luque Nadal (2009) complementa essa colocação ao afirmar que os culturemas são extralinguísticos, porque nem sempre são verbalizados, embora possam sê-lo. A autora os

⁷⁰ “[...] personajes políticos, actores, escritores, personajes de ficción, del cine, de la televisión, canciones del momento, tipos de vestimenta, modas, determinados hechos políticos, sociales, artísticos, creaciones artísticas y literarias, hechos coyunturales, etc. que incrementan otros culturemas de carácter religioso, histórico, costumbrista, literario que tienen ya una larga existencia en nuestra lengua y cultura.”

⁷¹ “la palabra *chador* que Newmark califica como <<palabra cultural>> no funcionaría como tal si las lenguas en juego fueran el farsi y el urdu”. Tradução nossa para o português.

⁷² “algunos culturemas tienen sus equivalentes en otros idiomas. Así por ejemplo en las fechas. El 28 de diciembre en España, el *Día de los Santos Inocentes*, tiene su equivalente en Gran Bretaña en el 1 de abril, en una fiesta conocida como *April Fools*.”

⁷³ PAMIES BERTRÁN, Antonio. El lenguaje de la lechuga: apuntes para un diccionario intercultural. In: LUQUE DURAN, J. D.; PAMIES BERTRÁN, A. (eds.). **Interculturalidad y lenguaje**: El significado como corolario cultural. vol. 1. Granada: Granada Lingvistica / Método, 2007. p. 375-404.

PAMIES BERTRÁN, Antonio (2009): El simbolismo cultural en el lenguaje. Ponencia presentada a la III Conferencia Internacional de Hispanistas de Rusia. Moscú, 19-21 de mayo de 2008.

define

como qualquer elemento simbólico específico cultural, simples ou complexo, que corresponda a um objeto, ideia, atividade ou evento, que seja suficientemente conhecido entre os membros de uma sociedade, que tenha valor simbólico e sirva de guia, referência ou modelo de interpretação ou ação para os membros de tal sociedade. Tudo isto significa que pode ser utilizado como meio comunicativo e expressivo na interação comunicativa dos membros dessa cultura.⁷⁴ (LUQUE NADAL, p. 96-97)

Com isso, temos uma visão que pode justificar o fato de tanto elementos verbais quanto não verbais poderem ser chamados de culturemas.

Até agora, trouxemos a ideia de que os culturemas podem gerar fraseologismos, porém devemos acrescentar que, segundo Luque Nadal (2009), às vezes são fraseologismos que criam o culturema, porém geralmente os culturemas surgem de símbolos que os falantes passam a conhecer quando estão aprendendo sua cultura. São diversas as origens dos culturemas e as formas que as crianças os aprendem. A autora menciona uma série de meios em que os culturemas podem estar presentes: manuais de boas maneiras, livros infantis, contos, livros didáticos, textos religiosos, catecismos, piadas, músicas, rimas infantis, charadas, enigmas, ditados populares, pinturas, rádio, televisão, cinema, entre outros.

Dentre os exemplos dados por Luque Nadal (2009) para ilustrar essa questão, está o do manual de boas maneiras, no qual podemos encontrar exemplos fáceis de visualizar. Para tratar da importância de educar as crianças cedo, pode-se utilizar como exemplo a árvore que já criou raízes, sendo impossível arrancá-la. Esse exemplo é um culturema e simboliza a dificuldade de destruir os maus hábitos quando estes já estão enraizados.

Para esclarecer mais o que pode ser considerado culturema e o que não pode, Luque Nadal (2009) faz ainda uma separação por critérios. Alguns deles já foram comentados aqui, porém iremos retomá-los brevemente. São quatro os grupos de critérios: vitalidade, figuratividade e motivação; produtividade fraseológica do culturema; frequência de ocorrência em alusões textuais, variações, aplicações, piadas etc.; e complexidade estrutural e simbólica (LUQUE NADAL, 2009). Na sequência, abordaremos brevemente cada um desses grupos.

a) Vitalidade, figuratividade e motivação: diz respeito à ideia de que os culturemas devem fazer parte de um conhecimento generalizado, ou seja, devem ser reconhecidos e

⁷⁴ “como cualquier elemento simbólico específico cultural, simple o complejo, que corresponda a un objeto, idea, actividad o hecho, que sea suficientemente conocido entre los miembros de una sociedad, que tenga valor simbólico y sirva de guía, referencia, o modelo de interpretación o acción para los miembros de dicha sociedad. Todo esto conlleva que pueda utilizarse como medio comunicativo y expresivo en la interacción comunicativa de los miembros de esa cultura.”

utilizados por um número considerável de falantes. Se surgiram no passado, não deixam de ser culturemas desde que ainda fluam no cotidiano das pessoas.

b) Produtividade fraseológica do culturema, subdividida pela autora em dois tipos: “produtividade fraseológica, que tem a ver com o número de frases existentes na língua em torno de um tema cultural e [...] produtividade geral, baseada no surgimento de um frasema em diferentes âmbitos, tais como piadas, títulos de filmes, livros [...]”⁷⁵ (LUQUE NADAL, 2009, p. 105). A autora também afirma que a variação desses fraseologismos é outro indicador de culturemas, pois “as variações implicam que, para os falantes, o culturema tem uma entidade mental própria. Assim, [#JUDAS#]⁷⁶ é um ponto de referência de uma série de ações diversas: *pior que Judas, mais traidor que Judas, mais falso que Judas, ser um Judas*[...]”⁷⁷ (LUQUE NADAL, 2009, p. 106). A partir dessa entidade, podem ser criadas outras.

c) Frequência de ocorrência em alusões textuais, variações, aplicações, piadas etc.: Luque Nadal (2009) menciona temas que se repetem no humor gráfico – o índio fazendo sinais de fumaça, o gênio de Aladim, a saia dos escoceses, Guilherme Tell lançando uma flecha na maçã sobre a cabeça de seu filho, entre outros –, a repetição desses temas em piadas, anúncios publicitários, comerciais, parêmsias etc. é então um dos critérios de identificação de um culturema.

d) Complexidade estrutural e simbólica: como os culturemas se manifestam de diferentes formas, podem ser confundidos com outros elementos. Conforme Luque Nadal (2009, p. 107), “um culturema é um costume ou encadeamento de causas e efeitos que servem como um programa de ação ou um guia de interpretação de fatos e comportamentos”⁷⁸. Em seguida, a autora explica que “o culturema é uma palavra ou expressão baseada em uma situação ou história conhecida a qual se faz referência para interpretar ou comentar outra situação real imediata”⁷⁹. Luque Nadal (2009) também comenta que o contexto situacional e a função textual são importantes para determinarmos o valor de um culturema. Quanto ao significado em fraseologismos e parêmsias, não depende do contexto.

⁷⁵ “productividad fraseológica que tiene que ver con el número de frases existentes en la lengua en torno a un tema cultural y [...] productividad general que se basa en las apariciones de un frasema en distintos ámbitos tales como chistes, títulos de películas, libros [...]”

⁷⁶ Luque Nadal (2009) explica que os membros do GILTE utilizam colchetes e cerquilhas para marcar e destacar a existência de um culturema.

⁷⁷ “las variaciones implican que, para los hablantes, el culturema tiene una entidad mental propia. Así [#JUDAS#] es un punto de referencia de una serie de actuaciones diversas: *más malo que Judas, más traidor que Judas, más falso que Judas, ser un Judas* [...]”

⁷⁸ “Un culturema es una rutina o concatenación de causas y efectos que sirven como un programa de acción o una guía de interpretación de hechos y conductas.”

⁷⁹ “El culturema es una palabra o expresión que se basa en una situación o historia conocida a la que se remite para interpretar o comentar otra situación real inmediata.”

Vimos que a autora traz palavras distintas para se referir aos culturemas. Em um primeiro momento, utiliza a construção “costume ou encadeamento de causas e efeitos” e, em um segundo momento, utiliza “palavra ou expressão”. Embora ela esteja trazendo ideias que se complementam, essa variedade de palavras para fazer referência a um termo, juntamente a considerações vistas até agora, pode levar alguém a se perguntar “o que são os culturemas, afinal? Trata-se somente de palavras e expressões? Mas elementos extralinguísticos não podem ser culturemas também?”. Acreditamos que a autora pode estar fazendo uso de diferentes palavras em diferentes momentos para descrever os culturemas não como uma forma de exclusão de uma descrição ao fazer outra, mas como uma forma de adição, de mostrar que há diferentes facetas a serem consideradas.

Luque Nadal (2009), ao desenvolver mais sobre as semelhanças e diferenças entre culturemas e fraseologismos, dá o exemplo de São Pedro, que, como culturema, é associado ao porteiro do céu. Contudo, existem fraseologismos que mencionam São Pedro e não estão vinculados com a imagem de porteiro do céu, como “São Pedro está bem em Roma, embora não coma” (traduzido literalmente do espanhol). Luque Nadal (2009) então esclarece que a relação entre culturema e fraseologismo precisa ser analisada com cuidado, pois encarar certo fraseologismo como culturema afeta a própria noção de culturema. A autora discorre sobre idiomatismos em espanhol relacionados à função de intensificação. Entre os exemplos, encontramos “mais leve que uma pena” e “mais limpo que uma patena”, comparações proverbiais que podem ser consideradas culturemas. No entanto, a ideia de que uma pena pesa pouco não demonstra um caráter de culturema, apenas um conhecimento. Quanto à “patena”, Luque Nadal considera questionável se deve ou não ser considerada um culturema, por ser algo específico da cultura religiosa.

Para finalizar esta seção, retomemos brevemente o conceito de Pamies Bertrán (2007 apud XATARA; RIVA, 2015) de culturemas, pois adotamos esse conceito como destaque de nosso estudo. O autor menciona tanto o caráter extralinguístico quanto o linguístico dos culturemas, mostrando que eles podem estar no nível simbólico e gerar fraseologismos e que podem fazer parte de uma língua como palavras ou componentes de fraseas, comportando um valor que pode ser passado adiante a partir da criação de outras metáforas. Assim, procuramos mostrar algumas ideias que complementam essa, bem como a questão de que projetar o que está na teoria para a prática é um trabalho complexo quando se trata de culturemas, porém necessário para podermos identificá-los com precisão. De modo geral, o conceito de culturemas não corresponde ao que procuramos em nossa análise, por isso não adotamos esse termo.

2.2.3 Marcadores culturais específicos (MCEs)

Segundo Herrero Rodes (1999, p. 139), os marcadores culturais específicos (MCEs) são:

aqueles elementos que atualizados no texto de origem supõem um problema de tradução no processo de transferência concreta devido ao fato de a língua meta carecer de um termo capaz de denotar, conotar e funcionar como o original, ou simplesmente porque o referente que designa não existe.⁸⁰

A autora baseia-se no termo “culture-marker” de Nord (1994)⁸¹ para adotar o termo “marcador cultural” (MC), em espanhol (traduzido aqui para “marcador cultural”). Depois, adiciona “específico” ao termo.

Para Nord (1994 apud HERRERO RODES, 1999, p. 138), os “culture-markers” se referem explícita ou implicitamente a “ações, atitudes, formas de comportamento ou elementos que são convencionalmente associados com modelos específicos da realidade”⁸². Herrero Rodes (1999) optou por acrescentar “específicos” a “marcadores culturais” devido à perspectiva de que somente conseguimos identificar um marcador a partir do contexto.

Bertoldi (2016), ao comentar sobre as diferentes cargas de sentido que um conceito pode ter em cada país, traz o exemplo da palavra “breakfast” (“café da manhã”, para os brasileiros). O autor menciona Newmark (1988)⁸³ e Fillmore (1982)⁸⁴ para trazer duas visões diferentes sobre como podemos encarar a palavra. Para o primeiro, seria uma palavra que carrega um conceito universal e, por isso, não representaria um problema de tradução. Já o segundo apresenta a ideia de que “breakfast”, na cultura norte-americana, “pode se referir tanto à primeira refeição do dia como à refeição contendo alimentos tipicamente consumidos em um café da manhã” (BERTOLDI, 2016, p. 154). Por esse motivo, nos Estados Unidos, podemos encontrar restaurantes que sirvam “breakfast all day”⁸⁵ ou famílias que tenham

⁸⁰ “aquellos elementos que actualizados en el texto origen suponen un problema de traducción en el proceso de transferencia concreto por carecer la lengua meta de un término capaz de denotar, conotar y funcionar como el original, o simplemente porque el referente que designa no existe.” Todas as traduções de Herrero Rodes (1999) para o português são nossas.

⁸¹ NORD, Christiane. It’s tea-time in Wonderland: Culture-markers in fictional texts. In: PÜRSCHEL, Heiner (ed.). **Intercultural Communication**. Proceedings of the 17th international L.A.U.D. symposium. Frankfurt: Peter Lang, 1994. p. 523-538.

⁸² “actions, attitudes, forms of behavior or elements which are conventionally associated with specific models of reality.” Tradução nossa para o português.

⁸³ NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. London: Prentice Hall, 1988.

⁸⁴ FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshing, 1982. p. 111-137.

⁸⁵ “café da manhã” o dia inteiro. Todas as traduções de Bertoldi (2016) para o português são nossas.

“breakfast for dinner”⁸⁶. Bertoldi (2016) acrescenta que um tradutor pode não saber, por exemplo, quais são os alimentos que constituem um “breakfast” em diferentes países, mas precisa reconhecer a especificidade cultural de uma frase como “we’ll have breakfast for dinner”⁸⁷. O autor então explica que essa relevância contextual motivou Herrero Rodes (1999) a acrescentar “específicos” a “marcadores culturais”, como vimos.

Herrero Rodes (1999) analisou diferentes termos e conceitos antes de escolher o termo de Nord (1994). Isso indica a necessidade de atentar para as diferenças terminológicas como “culturemas”, “palavras culturais”, “marcadores culturais” e “itens culturais-específicos”. Essa questão torna-se mais complexa se considerarmos o fato de que muitos termos foram criados em diferentes línguas e traduzidos para diferentes línguas. Um mesmo termo pode às vezes ter mais de uma tradução em uma mesma língua, por isso acreditamos que é necessário conhecer as origens de cada termo⁸⁸. Além disso, utilizar diferentes termos como sinônimos pode ser um risco, já que diferenças conceituais também estão envolvidas. Acreditamos que também poderíamos ter adotado o termo “marcadores culturais específicos” nesta pesquisa, já que, assim como “itens culturais-específicos”, sustenta nossa perspectiva em relação às palavras e expressões que buscamos. Como utilizamos também as estratégias de Franco Aixelá (2013), optamos por adotar “itens culturais-específicos”.

2.2.4 Itens Culturais-Específicos (ICEs)

Quando discutimos sobre ICEs, estamos tratando de palavras e expressões em um determinado contexto, ou seja, considerar uma palavra ou expressão como ICE depende do seu sentido no texto em que estão inseridas e do par de línguas em questão. Segundo Franco Aixelá (2013, p. 193), os ICEs são:

Aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo.

Após fornecer essa definição, Franco Aixelá (2013) aponta que qualquer item linguístico pode ser um ICE, já que isso depende “não apenas dele próprio, mas também da

⁸⁶“café da manhã” na janta.

⁸⁷Vamos ter “café da manhã” na janta.

⁸⁸ Neste trabalho, por exemplo, adotamos “itens culturais-específicos”, de Franco Aixelá, porém estamos lidando com uma tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. O termo do qual partiu a tradução é “culture-specific items”.

sua função no texto e de como é percebido na cultura de chegada” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 193). Para ilustrar essa questão, vejamos um dos exemplos trazidos pelo autor: a tradução de “cordeiro” na Bíblia⁸⁹. A palavra “cordeiro” poderá ser considerada um ICE em lugares em que o animal não é conhecido ou não remete à ideia de inocência e desamparo (na tradução do hebraico para línguas de esquimós, por exemplo). Se considerarmos a tradução do hebraico para o português, “cordeiro” não será um ICE, pois conota o mesmo nas duas línguas. Podemos perceber, com isso, que, para classificarmos um ICE como tal, não basta pensarmos em palavras como “rapadura” e “sertanejo” (palavras presentes no livro “1808”) de forma descontextualizada. A confirmação de que elas são ICEs está ligada diretamente à sua função no texto e ao par de línguas envolvido.

De acordo com Franco Aixelá (2013, p. 191):

Há uma tendência comum em identificar os ICEs como aqueles itens relacionados especialmente com a área mais arbitrária de cada sistema linguístico – suas instituições locais, ruas, personagens históricos, nomes de lugares, nomes próprios, jornais, obras de arte, etc. – que geralmente apresentarão problemas na tradução em outras línguas. Porém, a aparição constante de itens textuais que não parecem menos arbitrários que aqueles do que a média, cujo problema de tradução pode ser explicado apenas recorrendo a uma lacuna intercultural, força o estudioso de tradução a expandir sua visão.

O autor comenta a complexidade de definir a noção de ICE, pois “em uma língua tudo é produzido culturalmente, a começar pela língua propriamente dita” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 191). A tendência a que Franco Aixelá se refere deve-se possivelmente ao fato de que esses tipos de itens geralmente são identificados como ICEs na maioria dos pares de línguas e utilizados para exemplificar o que é um ICE quando os exemplos não são contextualizados. Fora de contexto, o nome de uma instituição (ou o que parece ser o nome de uma instituição), por exemplo, provavelmente tem mais chances de ser rotulado como ICE do que uma palavra aparentemente comum, como “cordeiro”.

De fato, Franco Aixelá (2013) também comenta que itens linguísticos que parecem ser ICEs, em um texto, muitas vezes realmente são ICEs, “porque seu diferencial cultural tende a ser sincronicamente estável entre dois povos, independente de sua posição textual” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 194). O autor explica que essa regularidade é o que permite estudiosos a categorizarem ICEs *a priori* e construir sentido. Essa característica também é relevante para fazermos o levantamento de ICEs. Ainda assim, a reflexão sobre o contexto e o par de línguas é essencial. Segundo Franco Aixelá (2013), o pensamento descontextualizado

⁸⁹ Embora Franco Aixelá (2013) não deixe isso claro, o exemplo da tradução de “cordeiro” vem de Nida (1964).

constitui uma armadilha, já que apresenta um caráter estático, que remete à ideia de que os ICEs são permanentes. Essa armadilha, conforme o autor, pode ser produzida pela falta de definição desse tipo de palavras (para ele, os ICEs), as quais ficam expostas ao senso comum. Além disso, ele aponta que a arbitrariedade excessiva também é uma armadilha dessa falta de definição.

Tendo em vista as considerações feitas até o momento neste tópico, iremos encarar o estudo do presente trabalho dessa mesma forma, ou seja, nem todas as palavras e expressões a serem analisadas denominam algo existente somente no Brasil, porém são itens desconhecidos nos Estados Unidos ou assumem outro valor lá. O charque, por exemplo, não tem relação somente com o Brasil, e “jerky” pode ser considerado um referente, nos Estados Unidos, para esse alimento, mas há um valor e um peso atrelados à palavra “charque” na cultura brasileira que nos permite considerá-la como um ICE. Adicionamos ainda que, segundo Franco Aixelá (2013), na tradução, o ICE é o resultado de um conflito gerado por uma referência do texto-fonte em sua transferência para o texto-alvo, representando um problema de tradução “em virtude da inexistência ou do diferente valor (tanto determinado pela ideologia, uso, frequência, etc.) do item dado na cultura da língua alvo” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 192).

Podemos agora mencionar as duas categorias básicas apresentadas por Franco Aixelá (2013) para distinguir tipos de ICEs: os nomes próprios e as expressões comuns. Estas, segundo o autor, “por falta de um termo melhor para abranger o mundo de objetos, instituições, hábitos e opiniões, restritos a cada cultura e que não podem ser incluídos no campo dos nomes próprios” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 194). Baseando-se em T. Hermans, o autor aponta duas categorias inseridas na dos nomes próprios: os convencionais e os carregados. Franco Aixelá (2013) explica que os nomes próprios convencionais não têm significados próprios, já os nomes próprios carregados são aqueles nomes literários que apresentam um significado, podendo ser nomes e apelidos apenas sugestivos ou bastante expressivos, além de incluírem tanto nomes ficcionais quanto não ficcionais.

Exemplificando por meio de itens retirados do livro “1808”, o qual não se enquadra inteiramente na categoria de livros literários, mas ainda assim apresenta nomes próprios que podem ser explorados aqui, “Carlota Joaquina” e “João” são nomes próprios convencionais, já “Padre Perereca” e “Frei Caneca” são nomes próprios carregados. O apelido “Padre Perereca” é explicado no livro: “devido à estatura baixa e franzina e os olhos esbugalhados” [sic] (GOMES, 2007, p. 140). Quanto a Frei Caneca, o apelido deve-se a uma homenagem a seu pai, Domingos da Silva Rabelo, o qual, segundo Terra (2001), trabalhava com a fabricação de

barris e pipas de madeira, os quais eram chamados popularmente de canecas. Assim, o pai de Frei Caneca ficou conhecido como o homem das canecas ou Domingos Caneca. Ao entrar para a Ordem dos Carmelitas, Joaquim do Amor Divino Rabelo, Frei Caneca, mudou seu nome para Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca (TERRA, 2001). Desse modo, observamos, em “1808: The Flight of the Emperor”, as traduções “*Padre Perereca – Father Tree Frog –*” e “*Brother Mug*”, transmitindo o fato de que esses apelidos têm um significado. Essa flexibilidade de escolha entre apontar um significado em inglês, mantê-lo na língua-fonte ou fazer os dois é naturalmente uma característica mais presente nos nomes próprios carregados. Os nomes próprios convencionais também podem apresentar mais de uma possibilidade de tradução, mas de uma forma diferente: “Dom João VI”, por exemplo, pode se tornar “John VI of Portugal”. Em “1808: The Flight of the Emperor”, o nome é mantido em português.

Adotamos o termo “itens culturais-específicos”, pois selecionaremos palavras e expressões a partir de seu sentido no contexto, por não existirem na cultura estadunidense ou por apresentarem referentes que assumem outro valor nessa cultura. Além de estarmos de acordo com o conceito de Franco Aixelá (2013) de ICEs, adotaremos também suas estratégias de tradução, expostas a seguir.

2.3 ESTRATÉGIAS E TÉCNICAS DE TRADUÇÃO

Estratégias e técnicas podem solucionar problemas que surgem ao longo de um processo tradutório. Assim, antes de partirmos para sua apresentação, devemos fazer algumas considerações quanto à noção de problema, a qual ainda precisa de uma estabilidade maior nos estudos tradutológicos. Conforme Waquil (2017, p. 77), “ao mesmo tempo em que é recorrente na discussão e análise de outras noções do campo de estudos, tem muito pouca bibliografia centrada em seu estudo exclusivo e sistemático”. A autora afirma que os problemas de tradução:

- a) representam obstáculos para a realização de uma tarefa tradutória;
- b) surgem no processo de identificação de equivalências (entre textos ou entre unidades menores dos textos) durante a tradução;
- c) podem ser linguísticos, extralinguísticos, terminológicos, textuais, de intencionalidade e pragmáticos;
- d) manifestam-se tanto na compreensão como na reexpressão, e há casos em que ocorrem em ambas;
- e) exigem a aplicação de estratégias para sua solução;
- f) são propositores da evolução do conhecimento da área da Tradutologia.

(WAQUIL, 2017, p. 78)

Acrescentamos ainda que, de acordo com Nord (1988/1991 apud HURTADO ALBIR, 2011)⁹⁰, um problema de tradução é “um problema objetivo que todo tradutor (independentemente de seu nível de competência e das condições técnicas de seu trabalho) deve resolver no transcurso de uma tarefa de tradução determinada”⁹¹. Assim, encaramos os problemas de tradução como algo extrínseco ao tradutor, e os ICEs podem causar alguns desses problemas.

Passamos agora para a apresentação das estratégias e das técnicas de tradução. Em nossa análise, utilizaremos como base as estratégias apresentadas por Franco Aixelá (2013), por isso ganharão um foco maior. Justificamos essa escolha por considerarmos a sistematicidade de Franco Aixelá (2013) a mais acessível para a análise em questão dentre as sistematicidades estudadas. Ainda assim, acrescentamos algumas observações sobre o que não consideramos claro em suas explanações. Juntamente à apresentação de cada estratégia de Franco Aixelá (2013), apresentaremos as técnicas de Hurtado Albir (2011). Algumas técnicas e estratégias consistem nos mesmos processos. Mencionaremos os casos que são abordados apenas por Hurtado Albir (2011) após as estratégias de Franco Aixelá (2013).

Quanto à noção de estratégias, relacionada com os problemas, Waquil (2017, p. 88) considera, “a partir da revisão da proposta de Hurtado Albir (2013) e do Grupo PACTE (2011), Lörcher (1991) e Chesterman (1997), que **as estratégias são operações realizadas com o objetivo de solucionar problemas constatados durante o processo de tradução**”⁹². Adotamos o termo “estratégia” em nossa análise, partindo da visão apresentada por Waquil (2017). Hurtado Albir (2011) diferencia o conceito de técnica dos conceitos de método e de estratégia. Para a autora, a técnica é o “procedimento verbal concreto, visível no resultado da

⁹⁰ NORD, Ch. **Textanalyse und Übersetzen**, Heidelberg: J. Groos Verlag, 1988 (**Text analysis in Translation**. Amsterdam: Rodopi, 1991).

⁹¹ “un problema objetivo que todo traductor (independentemente de su nivel de competencia y de las condiciones técnicas de su trabajo) debe resolver en el transcurso de una tarea de traducción determinada”. Tradução nossa para o português.

⁹² CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation**: the spread of ideas in translation theory. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1997.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**: introducción a la traductología. Madrid: Ediciones Cátedra, 2013.

LÖRSCHER, Wolfgang. **Translation performance, translation process and translation strategies**. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1991.

PACTE. (BEEBY, A.; FERNÁNDEZ, M.; FOX, O.; HURTADO ALBIR, A.; KUZNIK, A.; NEUNZIG, W.; RODRÍGUEZ-INÉS, P.; ROMERO, L.; WIMMER, S. Investigadora principal: HURTADO ALBIR, A.). Results of the Validation of the PACTE Translation Competence Model: Translation Problems and Translation Competence. In: ALVSTADA, Cecilia; HILD, Adelina; TISELIUS, Elisabet (ed.) **Methods and Strategies of Process Research: Integrative Approaches in Translation Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 317-343.

tradução, para conseguir equivalências tradutórias”⁹³ (HURTADO ALBIR, 2011, p. 256-257), e a diferença entre técnica e método se dá pelo fato de que aquela tem efeito no resultado e em unidades menores do texto e este está presente durante todo o texto e não só tem efeito no resultado como também no processo, já a diferença entre técnica e estratégia se dá pelo fato de que aquela aparece somente no momento em que se tomam as decisões finais e esta é empregada ao longo do processo de tradução, em todos os momentos (HURTADO ALBIR, 2011).

Apesar de Hurtado Albir (2011) adotar o termo “técnica”, não encontramos nenhum subsídio, nas explicações fornecidas pela autora para cada técnica, que nos leve a crer que não podemos igualar definições de algumas estratégias e técnicas, como faremos a seguir. Franco Aixelá (2013) divide as estratégias em dois grandes grupos: estratégias de conservação e estratégias de substituição, ou seja, estratégias para conservar ou evocar os elementos da língua-fonte e estratégias para substituí-los por elementos mais próximos da língua-alvo.

Estratégias de conservação: cinco casos.

- Repetição

Conforme Franco Aixelá (2013, p. 196), na repetição, “os tradutores mantêm o máximo possível da referência original”. Como exemplo, podemos mencionar a seguinte tradução de “cruzados”: “353 milhões de **cruzados**” (GOMES, 2007, p. 312) → “353 million **cruzados**” (GOMES, 2013, p. 227). A repetição corresponde ao empréstimo puro de Hurtado Albir (2011) (a autora divide a técnica de empréstimo em empréstimo puro e empréstimo naturalizado).

- Adaptação ortográfica

Procedimentos como a transcrição e a transliteração fazem parte desta estratégia. Adaptam-se os ICEs da língua-fonte para uma grafia já conhecida na língua-alvo, com base, por exemplo, na pronúncia original do ICE transcrita com o alfabeto, ou regras ortográficas, da língua-alvo ou na projeção do ICE, em seu alfabeto original, para o alfabeto da língua-alvo. Para exemplificar esta estratégia, podemos pensar em ICEs escritos no alfabeto árabe adaptados para o nosso alfabeto ou até em situações que não apresentam uma distância tão

⁹³“procedimiento verbal concreto, visible en el resultado de la traducción, para conseguir equivalencias traductorales.”

grande entre modalidades escritas, mas em que alguns elementos são modificados no ICE para torná-lo um pouco mais próximo ao que já é familiar na cultura alvo.

Vejamos a seguinte tradução: “língua geral” (GOMES, 2007, p. 271) → “*lingua-geral*” (GOMES, 2013, p. 195). Consideramos adaptação ortográfica pela eliminação do acento e o acréscimo do hífen. A adaptação ortográfica corresponde ao empréstimo naturalizado de Hurtado Albir (2011).

- Tradução linguística (não cultural)

Trata-se da tradução para “uma referência denotativa muito próxima do original” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 197). Essa escolha pode se basear no que já existe na língua-alvo e pode ser conhecido por seus falantes ou na transparência linguística do item. Para exemplificar a tradução linguística, Franco Aixelá (2013, p. 197-198) afirma que:

As unidades de medida e as moedas são exemplos muito frequentes dessa estratégia (*dollars* → *dólares*⁹⁴, *inch* → *pulgada*⁹⁵, que é uma unidade não usada na Espanha). Da mesma forma, os objetos e as instituições que são estranhos à cultura receptora, mas compreensíveis por serem análogas e mesmo homólogas às nativas, geralmente vêm na mesma categoria (*Grand Jury* → *gran jurado* → *big jury*⁹⁶ – frase que só faz sentido em espanhol se em conexão com a estadunidense, já que praticamente nunca existiu nenhum tipo de júri na Espanha).

Exemplificamos também esta estratégia com a seguinte tradução: “Confederação do Equador” (GOMES, 2007, p. 288) → “Confederation of the Equator” (GOMES, 2013, p. 206). A tradução linguística corresponde ao decalque de Hurtado Albir (2011).

- Explicação extratextual e explicação intratextual

Resolvemos explicar estas duas estratégias no mesmo tópico, pois precisamos discutir suas diferenças. Ao apresentar a explicação extratextual, Franco Aixelá (2013) afirma que esta ocorre quando o tradutor utiliza uma das estratégias anteriores, mas sente a necessidade de incluir mais alguma informação para seu leitor. O autor acrescenta que “ao mesmo tempo, não parece legítimo ou conveniente misturar esta explicação com o texto. A decisão, então, é distinguir o comentário indicando-o (nota de rodapé, nota de fim, glossário, comentário/tradução entre parênteses, em itálico, etc.)” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 198). Dentre os recursos apontados pelo autor para não misturar a explicação com o texto, estão os

⁹⁴Tradução nossa: dólares.

⁹⁵Tradução nossa: polegada.

⁹⁶No artigo em inglês, Franco Aixelá traduz literalmente exemplos para o inglês para que seu leitor possa compreender o que mudou do inglês para o espanhol. Isso foi mantido na tradução para o português que utilizamos. Tradução nossa: grande júri.

comentários/traduições entre parênteses e em itálico, mas esses recursos não estão inseridos no texto?

Segundo Menegotto (2016, p. 21), trata-se de “uma explicação por meio de notas ou glossários”, já a explicação intratextual, adiantamos, é “uma explicação incluída dentro do texto”⁹⁷ (MENEGOTTO, 2016, p. 21). O exemplo de explicação extratextual dado por Franco Aixelá (2013, p. 198) é de uma nota do tradutor que, aparentemente, foi colocada no rodapé ou no final da obra: “*Arnold Rothstein* → *Célebre gángster de los años 1920*⁹⁸. (*N. del T.*)[...]”. Além disso, o nome da estratégia também sugere algo que foi adicionado somente fora do texto. Desse modo, tudo – exceto o fato de Franco Aixelá (2013) ter mencionado parênteses e itálico – leva-nos a pensar que a explicação textual se refere a glossários, notas de rodapé e de fim e o que mais for acrescentado fora do texto para esclarecer o ICE. Adotaremos portanto essa perspectiva.

Quanto à explicação intratextual, o autor explica que esta é o mesmo caso que o da extratextual, porém:

os tradutores acham que podem ou devem incluir seu comentário em uma parte indistinta do texto, geralmente para não atrapalhar a atenção do leitor. [*five feet eight*→*cinco pies com ocho pulgadas* →*five feet with eight inches*⁹⁹; *St. Mark* →*Hotel St. Mark*¹⁰⁰].(FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 198)

Os exemplos não mostram nenhuma situação em que há um comentário ou tradução entre parênteses ou em itálico. O que podemos observar são elementos “acoplados” aos ICEs, elementos que tornam seu conteúdo mais visível, por assim dizer. Franco Aixelá (2013, p. 198) acrescenta ainda o seguinte:

Estou falando do que poderia ser descrito como estratégia de explicitação, que consiste em explicitar algo que está só em parte revelado no texto original (adicionando, por exemplo, o primeiro nome dos personagens só chamados pelos seus nomes cristãos) ou que aparece substituído por um pronome.

Esse comentário também contribui para o caráter um pouco disperso das explicações em torno destas duas estratégias, pois ainda não há exemplos que mostrem informações ou traduções entre parênteses, entre vírgulas, entre travessões ou em itálico, ou seja: o autor afirma que a explicação intratextual se refere a algo que é acrescentado ao texto, fazendo parte deste, porém menciona situações como explicações entre parênteses no espaço dedicado

⁹⁷A autora utiliza os termos “glosa extratextual” e “glosa intratextual”.

⁹⁸ Tradução nossa: célebre gângster dos anos 20.

⁹⁹ Tradução nossa: cinco pés com oito polegadas.

¹⁰⁰ Tradução nossa: Hotel St. Mark.

à explicação extratextual.

Apesar de algumas contradições, iremos considerar as situações referentes aos parênteses, itálicos e afins como pertencentes à explicação intratextual, já que, conforme mencionamos anteriormente, a explicação extratextual fica restrita ao que é acrescentado fora do corpo do texto. Exemplificamos a explicação intratextual com a seguinte tradução: “Dia do Fico” (GOMES, 2007, p. 264) → “Dia do Fico (‘The day that I stay’)” (GOMES, 2013, p. 189). Se, por exemplo, o tradutor tivesse colocado “The day that I stay”¹⁰¹ em uma nota de rodapé, teríamos um caso de explicação extratextual. Tanto a explicação extratextual quanto a intratextual correspondem à amplificação de Hurtado Albir (2011).

Estratégias de substituição: seis casos.

- Sinônimos

Franco Aixelá (2013) explica que esta estratégia está geralmente ligada ao fato de o tradutor não querer fazer muitas repetições no texto. Assim, o tradutor “recorre a algum tipo de sinônimo ou referência paralela” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 199). Podemos ilustrar essa situação com a seguinte tradução: “**Padre Perereca** registrava tudo que via e defendia suas idéias de forma apaixonada” (GOMES, 2007, p. 140) → “**Father Gonçalves dos Santos** recorded everything he saw and defended his ideas passionately” (GOMES, 2013, p. 85). Embora não possamos afirmar por que o tradutor utilizou esse recurso, podemos perceber aqui uma estratégia por sinônimo, em que o apelido foi substituído pelo sobrenome do padre.

- Universalização limitada

Esta estratégia diz respeito a uma troca que o tradutor faz do ICE da língua-fonte por outro ICE também da língua-fonte, porém a troca consiste em encontrar um item que, mesmo relacionado à língua-fonte, é menos específico e mais próximo dos leitores da língua-alvo do que o item original. Como exemplo, podemos mencionar a seguinte tradução: “pernambucana” (GOMES, 2007, p. 283) → “of Pernambuco”¹⁰² (GOMES, 2013, p. 203). Ainda há um item da língua-fonte, porém a tradução pode ser mais acessível aos estadunidenses por apresentar diretamente o estado, em vez do gentílico referente ao estado. A universalização limitada corresponde à generalização de Hurtado Albir (2011).

¹⁰¹Tradução nossa: o dia em que eu fico.

¹⁰²Tradução nossa: de Pernambuco.

- Universalização absoluta

Nesta estratégia, o ICE é trocado por uma referência mais genérica que não é específica da cultura fonte. Podemos exemplificar esta estratégia com a seguinte tradução: “rapadura” (GOMES, 2007, p. 250) → “brown sugar” (GOMES, 2013, p. 178). O tradutor substituiu o nome de um doce específico pelo nome de seu ingrediente, “açúcar mascavo”. A universalização absoluta, assim como a limitada, corresponde à generalização de Hurtado Albir (2011).

- Naturalização

Nesta estratégia, o ICE da língua-fonte é substituído por um ICE da língua-alvo. Franco Aixelá (2013, p. 200) considera que:

[...] as figuras históricas com traduções pré-estabelecidas em espanhol (por exemplo, *Queen Elizabeth* → *la reina Isabel*¹⁰³) não são casos de naturalização, mas de tradução linguística (não-cultural), já que nenhum leitor espanhol consideraria que essas versões envolvem algum tipo de substituição cultural, pelo fato de o nome ainda ser considerado parte da cultura da língua fonte [...]

Assim, se encontrássemos o item “Dom João VI” traduzido para “John VI of Portugal”, teríamos uma tradução linguística, e não uma naturalização. Exemplificamos esta estratégia com a seguinte tradução: “4 milhões de **reais**” (GOMES, 2007, p. 37) → “\$1.7 million” (GOMES, 2013, p. 9). A naturalização corresponde à adaptação de Hurtado Albir (2011).

- Eliminação

Esta estratégia consiste na eliminação do ICE da língua-fonte no texto alvo. Para exemplificar a eliminação, apresentamos a seguinte tradução: “Um quinto desse total, ou seja, 6 bilhões de **reais** em moeda de 2007, foi para os bolsos do rei na forma de impostos” (GOMES, 2007, p. 62) → “One fifth of this amount went directly into the coffers of the king in the form of taxes” (GOMES, 2013, p. 27). Hurtado Albir (2011) apresenta a técnica de elisão, porém acreditamos que a estratégia de eliminação não corresponde à técnica de elisão, pois esta consiste no apagamento de “elementos de informação presentes no texto original”¹⁰⁴ (HURTADO ALBIR, 2011, p. 270) – como exemplo de elisão, a autora menciona uma situação em que “Ramadán, el mes de ayuno”¹⁰⁵, em uma tradução para o árabe, torna-se apenas “Ramadán” –, já a eliminação, como vimos, é o apagamento do próprio item. Também podemos exemplificar a técnica de elisão com a seguinte tradução: “caso do brasileiro

¹⁰³Tradução nossa: a rainha Isabel.

¹⁰⁴ “elementos de información presentes en el texto original”

¹⁰⁵ “Ramadã, o mês do jejum”

Correio Braziliense, de Hipólito da Costa” (GOMES, 2007, p. 206) → “as was the case of the *Correio Braziliense*” (GOMES, 2013, p. 146). Na tradução, as informações “brasileiro” e “de Hipólito da Costa” foram apagadas, porém o ICE “Correio Braziliense” permanece.

- Criação autônoma

Esta estratégia consiste no acréscimo de “algumas referências culturais não existentes no texto fonte [...]” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 200). Como exemplo, apresentamos esta situação, que consideramos uma união entre a estratégia de repetição e a estratégia de criação autônoma: “lutadores de capoeiras” (GOMES, 2007, p. 232) → “capoeira matches” (GOMES, 2013, p. 164). Como consideramos “lutadores de capoeira” um só item, podemos classificar a substituição de “lutadores” por “matches” (que pode ser traduzido para “lutas” nesse contexto) como criação autônoma. Apesar de serem dois sentidos muito próximos, a tradução ainda é uma criação, uma referência diferente da original.

Esta estratégia corresponde à criação discursiva de Hurtado Albir (2011), porém a autora é mais extrema ao explicar a técnica: “uma equivalência efêmera, totalmente imprevisível fora do contexto”¹⁰⁶ (HURTADO ALBIR, 2011, p. 270). Assim, não classificaríamos o caso em questão como criação discursiva, mas casos que correspondessem à criação discursiva poderiam ser considerados criação autônoma também.

Após apresentar essas onze estratégias, Franco Aixelá (2013, p. 201) comenta que:

Há outras estratégias potenciais como a compensação (eliminação + criação autônoma em outro ponto do texto com um efeito similar), a deslocação (deslocamento no texto de uma mesma referência), ou a atenuação (substituição, em níveis ideológicos, de algo “muito forte” ou de alguma forma inaceitável, por algo “mais leve”, mais adequado à tradição de escrita do polo alvo, ou ao que poderia, em teoria, ser esperado por leitores). A atenuação parece ser a estratégia mais promissora das que ficaram fora da minha classificação e é, obviamente, usada na tradução tanto de gíria para o espanhol, quanto nos gêneros secundários como a literatura infantil em diversos países. De qualquer forma, a utilidade metodológica em incluir essas estratégias na escala terá que ser determinada por estudos posteriores de textos reais.

Assim, a princípio, não incluiremos a compensação, a deslocação e a atenuação em nossa análise. A compensação de Franco Aixelá (2013) corresponde à compensação de Hurtado Albir (2011).

¹⁰⁶ “una equivalencia efimera, totalmente imprevisible fuera de contexto”

Apresentaremos agora o restante das técnicas de Hurtado Albir (2011), que não correspondem especificamente a nenhuma estratégia de Franco Aixelá (2013)¹⁰⁷:

- Ampliação linguística vs compressão linguística

A ampliação linguística diz respeito à adição de elementos linguísticos, de modo que o número de palavras aumenta. A autora comenta que o recurso “costuma ser utilizado especialmente em interpretação consecutiva e dublagem”¹⁰⁸ (HURTADO ALBIR, 2011, p. 269). Para ilustrar a técnica, traremos o mesmo exemplo exposto por Hurtado Albir (2011), porém, em vez de apresentá-lo no par de língua inglês-espanhol, iremos projetá-lo para o par de língua inglês-português: traduzir a expressão “no way” para “de jeito nenhum”, em vez de traduzi-la para “nem pensar”, que teria o mesmo número de palavras.

A compressão linguística é o oposto da ampliação linguística: o tradutor diminui os elementos linguísticos. Hurtado Albir (2011, p. 270) explica que esse recurso é “especialmente utilizado em interpretação simultânea e legendagem”¹⁰⁹. Novamente, traremos o exemplo fornecido pela autora para o par de línguas inglês-português: traduzir a expressão “yes, so what?” para “e?”, em vez de traduzi-la para “sim, e daí?”, com o mesmo número de palavras.

Essas explicações nos levam a crer que, de um modo geral, se formos olhar para todas as traduções que não mantêm o mesmo número de palavras que a expressão original, todas podem ser consideradas ampliações ou compressões linguísticas. Contudo, como essas técnicas estão ligadas mais diretamente à interpretação consecutiva e à dublagem ou à interpretação simultânea e à legendagem, elas provavelmente não aparecerão nos resultados da análise, a menos que tenhamos algum motivo especial para considerá-las.

- Descrição

Hurtado Albir (2013, p. 270) explica que, na descrição, “substitui-se um termo ou expressão pela descrição de sua forma e/ou função”¹¹⁰. Para exemplificar essa técnica, apresentamos a seguinte tradução: “farinha de mandioca” (GOMES, 2007, p. 161) → “flour made from cassava root” (GOMES, 2013, p. 109). Na tradução, o ICE “farinha de mandioca”

¹⁰⁷Lembramos que a técnica de elisão também faz parte desse grupo, mas já a apresentamos juntamente à estratégia de eliminação.

¹⁰⁸ “suele ser especialmente utilizado en interpretación consecutiva y doblaje”

¹⁰⁹ “especialmente utilizado en interpretación simultánea y subtítulos”

¹¹⁰ “se reemplaza un término o expresión por la descripción de su forma y/o función”

tornou-se uma pequena descrição, apontando a origem da farinha (“farinha feita da raiz da mandioca”).

- Equivalente consagrado

Esta técnica consiste no uso de um equivalente que é consagrado na língua-alvo, ou seja, possivelmente não é estranho para os falantes da língua-alvo, os quais o usam normalmente e podem encontrá-lo em dicionários. Como exemplo, podemos mencionar a seguinte tradução: “mão-de-ferro” (GOMES, 2007, p. 63) → “iron fist” (GOMES, 2013, p. 29). Não se trata de um ICE, mas as técnicas não são destinadas apenas para a solução de problemas causados por ICEs.

Franco Aixelá (2013) não distingue, em suas estratégias, o que é equivalente consagrado do que não é. Há traduções linguísticas, por exemplo, que podem ser consideradas equivalentes consagrados, como “cassava” (“mandioca”), já que a palavra é encontrada em dicionários monolíngues de inglês¹¹¹.

- Particularização

A particularização é o caminho inverso da generalização: utilizar, na tradução, uma palavra ou expressão mais específica do que a palavra ou expressão original. Como exemplo de particularização, podemos nos inspirar em um exemplo dado por Franco Aixelá (2013) ao ilustrar a universalização absoluta, porém invertendo-o desta vez: traduzir “sofá” para “Chesterfield”, tipo específico de sofá.

- Modulação

A modulação consiste, conforme Hurtado Albir (2011, p. 270), em “uma mudança de ponto de vista, de abordagem ou de categoria de pensamento em relação à formulação do texto original; pode ser léxica e estrutural”¹¹². Para exemplificar a modulação, podemos pensar na tradução da expressão “estar na pele de alguém” para “to be in someone’s shoes”, as duas expressões têm o mesmo sentido, porém o foco da imagem (da pele para os sapatos) muda da língua portuguesa para a inglesa, e vice-versa.

- Substituição

¹¹¹Por exemplo: CASSAVA. In: New Oxford American Dictionary. Apple Inc, c2005-2011. [Software, versão 2.2.1].

¹¹²“un cambio de punto de vista, de enfoque o de categoría de pensamiento en relación con la formulación del texto original; puede ser léxica y estructural”

Hurtado Albir (2011, p. 271) explica que, nesta técnica, “trocam-se elementos linguísticos por paralinguísticos (entonação, gestos), ou vice-versa”¹¹³. A autora também comenta que esse recurso é utilizado principalmente na interpretação. Como exemplo, Hurtado Albir (2011, p. 271) menciona a tradução do “gesto árabe de colocar a mão sobre o coração por *obligada*”¹¹⁴.

- Tradução literal

Esta técnica consiste na tradução palavra por palavra de um sintagma ou de uma expressão. Passando para o par de língua inglês-português os exemplos de Hurtado Albir (2011), temos a tradução de “they are as like as two peas” para “se parecem como duas ervilhas” ou de “she is reading” para “ela está lendo”.

- Transposição

Esta técnica consiste na mudança da classe gramatical. Mais uma vez, utilizaremos o exemplo de Hurtado Albir (2011), porém com foco no par de línguas inglês-português em vez de inglês-espanhol: traduzir a frase “he will soon be back” para “ele não tardará a voltar”, de modo que o advérbio “soon” é substituído pelo verbo “tardar”. Uma possibilidade que não envolveria transposição seria traduzir a frase para “ele estará de volta logo”, mantendo o advérbio com “logo”.

- Variação

Quanto a esta técnica, Hurtado Albir (2011, p. 271) afirma que “trocam-se elementos linguísticos ou paralinguísticos (entonação, gestos) que influenciam aspectos da variação linguística: mudanças de tom textual, estilo, dialeto social, dialeto geográfico, etc.”¹¹⁵. Assim, para exemplificar a técnica, a autora menciona “introdução ou mudanças de marcas dialetais para a caracterização de personagens na tradução teatral, mudanças de tom em adaptações de romances para crianças, etc.”¹¹⁶.

Estratégias e técnicas de tradução nem sempre ocorrem separadamente, ou seja, podemos encontrar casos em que uma estratégia – utilizando a terminologia de Franco Aixelá

¹¹³ “se cambian elementos lingüísticos por paralingüísticos (entonación, gestos), o viceversa”

¹¹⁴ “gesto árabe de llevarse la mano al corazón por *gracias*”

¹¹⁵ “se cambian elementos lingüísticos o paralingüísticos (entonación, gestos) que afectan a aspectos de la variación lingüística: cambios de tono textual, estilo, dialecto social, dialecto geográfico, etc.”

¹¹⁶ introducción o cambios de marcas dialectales para la caracterización de personajes en la traducción teatral, cambios de tono en adaptaciones de novelas para niños, etc.

(2013) – pode ocorrer juntamente a outra. Quanto a isso, Franco Aixelá (2013, p. 196) afirma que “estes procedimentos de tradução podem ser combinados – e são de fato combinados – e não há nada de estranho em um mesmo tradutor usar estratégias diferentes para tratar de um ICE potencial idêntico no mesmo texto alvo”. Podemos perceber que, apesar de os autores apresentarem pontos muito semelhantes entre suas propostas, há situações em que um apresenta questões que o outro não apresenta. Por esse motivo, em nossa análise, se, para alguma escolha tradutória de Nevins, não encontrarmos uma classificação entre as estratégias de Franco Aixelá (2013), procuraremos uma resposta entre as classificações de Hurtado Albir (2011). A autora, ao apresentar suas técnicas, aponta também outras classificações correspondentes, propostas por outros autores. Aqui, consideramos somente as definições da autora quanto a suas técnicas.

Neste subcapítulo, apresentamos as estratégias de tradução de Franco Aixelá (2013) e as técnicas de tradução de Hurtado Albir (2011). Com isso, além de discorrermos sobre as estratégias de Franco Aixelá (2013), com as quais iremos trabalhar em nossa análise, procuramos mostrar as semelhanças e diferenças existentes entre os termos e conceitos de cada autor, bem como problematizar algumas questões que acreditamos não estarem suficientemente claras.

Neste capítulo trouxemos um aparato teórico em relação ao conceito de tradução que adotamos e a algumas noções que cercam esse conceito; à terminologia relacionada a palavras e expressões que carregam marcas culturais de onde provêm; e a estratégias e técnicas de tradução que podem ser utilizadas para solucionar problemas causados por essas palavras e expressões. No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia adotada.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos as etapas realizadas para a análise da tradução, do português brasileiro para o inglês estadunidense, de ICEs presentes no livro “1808”: levantamento dos candidatos, separação por categoria, levantamento das traduções dos candidatos e filtragem.

3.1 LEVANTAMENTO DE CANDIDATOS A ICE

Levantamos os candidatos a ICE de toda a obra em português (estamos nos referindo aos 29 capítulos do livro, sem considerar a introdução, para tratar apenas da história contada). O critério para fazer uma análise do livro inteiro deve-se aos seguintes fatores, observados a partir de um olhar geral do texto e de sua tradução: (a) os candidatos se dividem de modo não uniforme entre os capítulos e (b) alguns candidatos que ocorrem mais de uma vez passaram por diferentes traduções. Nenhuma ferramenta extratora de termos foi utilizada para o levantamento, porque muitas das palavras e expressões em questão não são termos (mesmo que essas ferramentas não extraíam necessariamente apenas termos), não somente por não serem geralmente relacionadas a uma área do conhecimento, mas também por estarem inseridas em uma obra que, como vimos, revela baixo grau de especialidade. Assim, ainda que também possamos encontrar, no livro “1808”, palavras e expressões referentes à área da História, das Ciências Sociais, entre outras, acreditamos que a forma mais produtiva de selecionar os candidatos de modo geral, neste caso, seria a partir da leitura de cada capítulo, destacando aquilo que parecia se enquadrar na definição de ICE de Franco Aixelá (2013).

Suspeitamos, durante a leitura do livro e do que podemos inferir pelos títulos dos capítulos, que há capítulos mais “produtivos”, em relação aos ICEs que procuramos, do que outros. Para confirmar essa suspeita, fizemos o levantamento nos 29 capítulos e percebemos que essa assimetria realmente ocorre. É natural que o léxico reflita o tema tratado em cada capítulo: o número de categorias de ICEs referentes ao Brasil começa a aumentar a partir do capítulo 8, pois é nesse capítulo que o autor começa a tratar da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Nos capítulos anteriores, a obra trata de fatores que levaram a essa partida; da situação da Europa e, mais especificamente, de Portugal naquele momento da história; dos problemas ocorridos na viagem de navio até o Brasil, entre outras questões que contextualizam o leitor em relação ao que acontece antes dessa chegada. Assim, até o capítulo 7, a maior concentração de ICEs se dá em torno de categorias relacionadas a cargos políticos

(pela repetição de “D.”, abreviação de “Dom”), a moedas, e a unidades de comprimento: categorias presentes nesses capítulos, porque o autor costuma colocar os valores em reais para seu leitor, as distâncias e medidas estão naturalmente em português brasileiro e Dom João é provavelmente a pessoa que mais tem destaque na história contada.

Já no capítulo 8, por exemplo, chamado “Salvador”, mais categorias começam a ocorrer, com o maior número de candidatos referentes a topônimos, já que muitas vezes o autor localiza o leitor ao apontar onde aconteceram os fatos que está narrando. Ainda assim, há capítulos, posteriores ao capítulo 8, nos quais não ocorrem muitos candidatos a ICE referentes ao Brasil. O autor segue uma ordem cronológica, porém há capítulos que ele dedica para a contextualização de algum assunto que ganha uma atenção maior em determinado momento.

Desse modo, somando a questão da distribuição assimétrica de candidatos pelos capítulos à variação observada na tradução de alguns, temos uma situação que nos levou a optar por analisar todos os capítulos. Acreditamos que é relevante para esta pesquisa descritiva verificar como um mesmo item foi traduzido em todos os momentos em que pudemos perceber que este ocorre (ou itens referentes a uma mesma categoria em casos como valor monetário, distância, medida, entre outras situações em que o que muda é somente o número), pois isso pode nos dar pistas quanto à sua função no texto e ao papel que essa função desempenha na tradução.

Mencionamos os casos de itens que apresentam variação em sua tradução, por chamarem nossa atenção de imediato; porém, nos casos em que não há variação, também podemos lançar discussões acerca da função dos ICEs. Assim, para selecionar uma maior variedade de casos, dentro de restrições que comentaremos mais adiante, optamos por analisar o livro inteiro.

3.2 SEPARAÇÃO DOS CANDIDATOS POR CATEGORIA

Após o levantamento, separamos esses candidatos por categorias, pois assim teríamos um conjunto de palavras e expressões mais organizado e saberíamos se há algum padrão tradutório a ser observado. Seguimos a proposta de Espindola (2005)¹¹⁷ para essa

¹¹⁷ Segundo Espindola (2005, p. 31): “as definições das categorias foram inspiradas em informações em sites da internet e em definições de The Newbury House Dictionary of American English (1996); a categoria *dialecto* foi inspirada em Halliday (1978)”. Todas as traduções de Espindola (2005) são nossas. No original: “The definitions of the categories were inspired by information in site at the World Wide Web and by definitions from The Newbury House Dictionary of American English (1996); the *dialect* category was inspired by Halliday 1978”. Para mais informações: The Newbury House: Dictionary of American English. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1996. A referência de Halliday (1978) está indicada na página 73.

categorização, pois essa proposta vai ao encontro do modo como pretendíamos organizar os itens encontrados. São doze as categorias propostas por Espindola (2005)¹¹⁸:

- 1) Topônimos¹¹⁹: nomes de lugares e regiões pertencentes ao planeta Terra, tanto naturais quanto construídos pelo ser humano.
- 2) Antropônimos: nomes e apelidos de pessoas famosas ou não, além de “nomes referentes a contextos regionais que adquirem status de identificação”¹²⁰ (ESPINDOLA, 2005, p. 31). Acreditamos que seria importante que Espindola (2005) tivesse fornecido um exemplo juntamente à explicação citada, pois não a consideramos muito clara.
- 3) Formas de entretenimento: além das formas de entretenimento como apresentações públicas ou programas de TV, esta categoria inclui reuniões, festas, celebrações, jantares, entre outros tipos de encontros.
- 4) Meios de transporte: meios de transporte de pessoas, de bens ou de mercadorias.
- 5) Personagens fictícios: pessoas que não existem na vida real, pertencentes a livros, peças, filmes, entre outros.
- 6) Sistema jurídico brasileiro: “regras de conduta inerentes à natureza humana e essenciais para ou vinculadas à sociedade humana”¹²¹ (ESPINDOLA, 2005, p. 32).
- 7) Instituições locais: organizações que auxiliam as pessoas, as áreas variam – “saúde, educação, trabalho, política, administrativa, religiosa, artística”¹²² (ESPINDOLA, 2005, p. 32).
- 8) Sistema de medidas: “unidades utilizadas para determinar tamanho, peso, velocidade, comprimento etc. de algo nas diferentes culturas”¹²³ (ESPINDOLA, 2005, p. 32).
- 9) Comida e bebida: qualquer tipo de comida ou bebida consumidas por seres humanos como fonte de alimentação.
- 10) Sistema educacional: aquilo que estiver relacionado à educação e ao estudo. De acordo com Menegotto (2016, p. 31), “incluindo-se aqui o sistema de notas (nomes próprios de instituições não são categorizados aqui, e sim como ‘instituição local’)”.
- 11) Celebrações religiosas: celebrações relacionadas a crenças religiosas.

¹¹⁸ Não encontramos páginas marcadas no trabalho de Espindola (2005), por isso as páginas apresentadas são referentes à indicação da barra superior do leitor de pdf utilizado.

¹¹⁹ Os nomes em português dessas categorias são de Menegotto (2016).

¹²⁰ “names referring to regional background which acquire identification status”.

¹²¹ “rules of conduct inherent in human nature and essential to or binding upon human society”

¹²² “health, education, work, political, administrative, religious, artistic”

¹²³ “units used in the determination of the size, weight, speed, length, etc. of something in the different cultures”

- 12) Dialeto: “variação relacionada ao usuário, a qual determina o status do falante no que se refere à classe social, à idade, ao sexo, à educação etc.¹²⁴ (Halliday, 1978, p. 110-111)”¹²⁵ (ESPINDOLA, 2005, p. 32).

Apesar da proposta de Espindola (2005) ser adequada para esta pesquisa, algumas mudanças precisaram ser feitas devido às particularidades do nosso objeto de estudo. Expomos anteriormente as categorias básicas apresentadas por Franco Aixelá (2013) para distinguir os tipos de ICEs. Aqui vamos retomar essas categorias, pois elas também são úteis para essas mudanças.

Franco Aixelá (2013) divide os tipos de ICEs em dois grandes grupos: os nomes próprios e as expressões comuns. No grupo dos nomes próprios, encontramos os convencionais e os carregados. Já no grupo das expressões comuns, encontramos objetos, instituições, hábitos e opiniões. Inicialmente, podemos indicar o que há em comum entre as categorias de Espindola (2005) e os tipos de ICEs de Franco Aixelá (2013): os antropônimos e os personagens fictícios – apenas seus nomes e apelidos – correspondem aos nomes próprios de Franco Aixelá (2013), alguns sendo convencionais e outros, carregados. Quanto às expressões comuns de Franco Aixelá (2013), as instituições podem ser comparadas às instituições locais de Espindola (2005), e os hábitos podem ser comparados às celebrações religiosas e, por vezes, às formas de entretenimento de Espindola (2005). Os tipos de ICEs mencionados por Franco Aixelá (2013) que não relacionamos a nenhuma categoria de Espindola (2005) são os objetos e as opiniões. A seguir, apresentamos um quadro com essa comparação:

Quadro 2 – Comparação entre categorias culturais de Aixelá (2013) e de Espindola (2005)

Franco Aixelá (2013)		Espindola (2005)
Nomes próprios	Convencionais e carregados	- Antropônimos - Personagens fictícios (apenas seus nomes e apelidos)
	Instituições	- Instituições locais
Expressões comuns	Hábitos	- Celebrações religiosas - Formas de entretenimento (às vezes)
	Objetos e opiniões	--

¹²⁴ “user-related variation, which determines speaker’s status as regards social class, age, sex, education, etc.” (tradução nossa para o português).

¹²⁵ HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**: The social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

De acordo com o caráter dos ICEs apresentado por Franco Aixelá (2013), dependentes do contexto para serem identificados como tais, sabemos que quando o autor menciona objetos, instituições, hábitos e opiniões, esta é apenas uma forma de fazer referência a uma série de tipos de ICEs, dentro do grupo das expressões comuns, que, na verdade, é muito mais extensa que isso. Acreditamos que esses tipos podem também abranger outros que, aparentemente, não estão presentes, como por exemplo as comidas e bebidas, que podem fazer parte dos hábitos. Aqui, na busca de divisões mais específicas, optamos por seguir as categorias de Espindola (2005), porém acrescentando a estas os objetos e os hábitos mencionados por Franco Aixelá (2013), além de algumas outras mudanças que mencionaremos a seguir:

- a) Retiramos a categoria de personagens fictícios, de sistema educacional, de meios de transporte e de celebrações religiosas, pois não encontramos itens no livro “1808” que consideramos relevantes para preencher essas categorias.
- b) Chamamos a categoria sistema jurídico brasileiro de “sistema jurídico e administrativo” para abranger mais a categoria.
- c) Trocamos o nome da categoria de dialeto por categoria de expressões, pois acreditamos que conseguiríamos abranger mais itens dessa forma, como “baeta” e “boca do sertão”.
- d) Substituímos a categoria de instituições locais por uma categoria que abranja também outros tipos de lugares, como “oca indígena” e “Sambódromo”, e chamamos essa categoria de “locais”.
- e) Além de objetos e hábitos, acrescentamos seis categorias: gentílicos (na qual inserimos adjetivos referentes ao estado ou à cidade brasileiros de origem de alguém, como “mineiro” e “carioca”), moeda (na qual inserimos moedas do Brasil, como “réis” e “reais”), acontecimento histórico (na qual inserimos acontecimentos que marcaram a história do Brasil, como “Revolta dos Alfaiates” e “Dia do Fico”), ocupações/etnias (na qual inserimos ocupações e etnias ligadas ao Brasil, como “Bandeirantes” ou “Botocudos”), línguas (na qual inserimos línguas que se formaram no Brasil, como “tupi”) e meios de comunicação escrita (na qual inserimos nomes de jornais vinculados ao Brasil, como “Diário Fluminense”).

Como já mencionamos, algumas colocações de Franco Aixelá (2013) foram observadas para formarmos esse conjunto de categorias. Os tipos de ICEs referentes às opiniões não foram acrescentados, pois não os consideramos relevantes para o presente

estudo, cujo foco não é em torno de pontos de vista e opiniões expressos no texto ou que podem ser revelados por meio da linguagem utilizada. Além disso, Franco Aixelá (2013) não fornece uma explicação quanto ao que se refere quando menciona opinião como tipo de ICE, portanto apenas podemos supor que se trate desse tipo de situação.

Expomos a seguir as dezesseis categorias utilizadas para a classificação dos ICEs levantados da obra “1808”:

Quadro 3 – Categorias culturais identificadas na obra “1808”

Categorias	Exemplos
Topônimos	“Praça 15 de Novembro” e “Praia do Sapateiro”.
Antropônimos	“Chica da Silva” e “Tiradentes”.
Formas de entretenimento	“Carnaval” e “escola” (referente à escola de samba).
Moeda	“Réis” e “reais”.
Sistema jurídico e administrativo	“Lei Saraiva” e “Tribunal da Relação do Brasil colônia”.
Locais	“Oca indígena” e “Sambódromo”.
Sistema de medidas	“Quilômetros” e “quilos”.
Comida e bebida	“Rapadura” e “cachaça”.
Hábitos	“Rodas de capoeira”.
Objetos	“Viramundo” e “trocano”.
Expressões	“Boca do sertão” e “baeta”.
Gentílicos	“Mineiro” e “sertanejo”.
Meios de comunicação escrita	“Diário Fluminense” e “Correio Braziliense”.
Acontecimento histórico	“Revolta dos Alfaiates” e “Dia do Fico”.
Ocupações/etnias	“Bandeirantes” e “Botocudos”.
Línguas	“Tupi” e “língua geral”.

Naturalmente, as categorias de ICEs podem mudar de acordo com cada objeto de estudo. Por esse motivo, seguimos a proposta de Espindola (2005), juntamente a algumas observações de Franco Aixelá (2013), e fizemos algumas modificações que pudessem se enquadrar ao que pretendemos analisar a partir do livro “1808”.

3.3 LEVANTAMENTO DAS TRADUÇÕES DOS CANDIDATOS

Após o levantamento dos candidatos em português e a distribuição destes por categorias, partimos para o levantamento dos equivalentes oferecidos na tradução do livro. A cada identificação da tradução de um candidato, esta era acrescentada à sua devida categoria. Ainda precisamos mencionar que esses levantamentos se deram em dois quadros: um para os candidatos em português e um para as referências em inglês. Os quadros eram descontextualizados, e os itens eram separados por capítulos (do primeiro ao vigésimo-nono) nas linhas e por categorias nas colunas. Ilustramos esse levantamento com o quadro a seguir, correspondente ao quadro em português, com o oitavo capítulo como exemplo para apontar a disposição dos elementos de análise.

Quadro 4 – Exemplo do levantamento inicial dos ICES

	Topônimos	Antropônimos	Formas de entretenimento	Moeda	Sistema jurídico e administrativo	Locais	Sistema de medidas	Comida e bebida	Hábitos	Objetos	Expressões	Gentílicos	Meios de comunicação escrita	Acontecimento histórico	Ocupações/etnias	Línguas
8	p. 112: Kua da Preguiça Ladeira da Carneleira Largo do Teatro Praça Castro Alves						p. 111: quilômetros	p. 109: caju pitanga				p. 106: baiano p. 107: baiana p. 108: baianos baiana p. 111: baiana p. 114: baiana p. 117: baiano p. 118: baianos baiana		p. 108: Revolta dos Alfaiates		

Essa foi apenas uma forma de fazer um levantamento inicial dos candidatos a ICE que podemos encontrar no livro “1808”. Para a análise, apesar de não expormos todos os contextos, levamos em consideração o contexto de cada item, pois, como vimos, isso é fundamental. Para uma melhor organização, houve também outras modificações na disposição dos itens, as quais serão esclarecidas no próprio espaço dedicado à análise.

3.5 FILTRAGEM

O levantamento dos equivalentes oferecidos na tradução do livro foi seguido de dois tipos de filtragem. A primeira filtragem diz respeito àquilo que considerariamos ou não ICEs, e a segunda diz respeito àquilo que, dentro de todo o grupo de ICEs, iríamos de fato analisar, pois precisamos excluir alguns tipos de ICEs de nossa análise para que esta não se tornasse exaustiva¹²⁶.

Quanto à primeira filtragem, precisamos fazê-la somente após a etapa da verificação dos equivalentes, pois dependíamos de alguns para sabermos se deveríamos ou não incluir os itens correspondentes da língua-fonte. Houve casos em que, se julgássemos somente pelo fato de existirem equivalentes nos Estados Unidos – ainda que fossem equivalentes que não correspondessem a tudo o que o item representa no Brasil, mas a uma parte relevante do seu significado –, poderíamos acabar deixando-os fora do levantamento, porém suspeitávamos que o modo como foram traduzidos no livro poderia confirmar que seria interessante analisá-los também (pesquisas em dicionários e em sites confiáveis também foram realizadas para a confirmação de algumas palavras e expressões como ICEs). Esse foi o caso da palavra “quilombo”, por exemplo. Também existiram quilombos nos Estados Unidos, e podemos pensar em “marron settlements” como seu referente em inglês. Ainda assim, na primeira ocorrência da palavra no livro, o tradutor opta por “*Quilombos (marron settlements)*” e, nas próximas ocorrências, apenas por “Quilombos”, preferindo a palavra em português¹²⁷. Desse modo, não sabemos os motivos que levaram o tradutor a fazer essas escolhas, porém podemos levantar fatores que podem condicionar esse tipo de decisão, como a função do item interagindo com o gênero textual e com o público-alvo. Esse tipo de situação nos levou a considerar algumas palavras e expressões como ICEs, porque suas traduções nos mostraram algumas particularidades em seus significados que poderiam ser levadas em consideração.

¹²⁶ Todos os dados colhidos na metodologia foram armazenados na ferramenta Word.

¹²⁷ Primeira ocorrência da palavra: página 234 em Gomes (2007) e página 166 em Gomes (2013). Segunda ocorrência da palavra: página 252 em Gomes (2007) e página 180 em Gomes (2013). Terceira ocorrência da palavra: página 253 em Gomes (2007) e página 180 em Gomes (2013).

Quanto à segunda filtragem, alguns tipos de itens (referentes, por exemplo, a alguns topônimos e antropônimos) não foram considerados, porque, além de ocorrerem muitas vezes no livro, suas traduções, pelo que pudemos observar de modo geral, não se revelaram tão relevantes para o presente estudo: “Rio de Janeiro”, por exemplo, é um topônimo que ocorre diversas vezes no livro e não parece apresentar traduções diferentes de “Rio de Janeiro”, “Rio” ou, então, pode ter sido substituído por algum pronome ou apagado em algum momento. Decidimos, assim, dedicar um espaço maior a casos mais produtivos para a pesquisa. Na análise, comentaremos com mais detalhes, dentro das devidas categorias, os itens que não foram considerados e por que não o foram.

Neste capítulo, apresentamos as etapas metodológicas utilizadas para a realização da análise da tradução de ICEs, do português brasileiro para o inglês estadunidense, presentes no livro “1808”. No próximo capítulo, apresentaremos a análise, na qual, além de comentarmos pontos a serem observados nessas traduções, iremos classificá-las de acordo com as estratégias de Franco Aixelá (2013); se, em algum momento, essas estratégias não forem suficientes, utilizaremos as técnicas de Hurtado Albir (2011).

4 ANÁLISE

Neste capítulo, analisaremos as escolhas tradutórias dadas a alguns ICEs presentes no livro “1808”¹²⁸. Apresentaremos os itens separados por categorias e, em cada categoria, exporemos as estratégias utilizadas e algumas considerações acerca das escolhas tradutórias observadas. Como são dezesseis categorias e encontramos uma grande quantidade de itens e/ou itens que se repetem muitas vezes em algumas delas, estas foram reduzidas a alguns itens.

Com o intuito de desenvolvermos a análise de um modo mais detalhado, mas sem a estendermos demais, reservamos uma pesquisa maior a duas das dezesseis categorias, comida e bebida e moeda. Na análise destas, além de expormos todos os contextos, consultamos mais dicionários e textos externos para, assim, lançar uma reflexão sobre os benefícios proporcionados por recursos como esses para o tradutor e para o próprio pesquisador em tradução. Na análise das outras categorias, discorreremos de modo mais geral sobre as estratégias utilizadas. Mesmo que, muitas vezes, uma mesma tradução possa apresentar mais de uma estratégia, acreditamos que algumas estratégias podem se sobressair, por isso escolhemos apenas uma quando possível.

Não incluímos na análise itens mencionados em citações feitas pelo autor ou em legendas de imagens. Devemos essa delimitação ao fato de que as citações presentes na obra, por vezes, são de estrangeiros: podem ter sido traduzidas para o português e depois retraduzidas ou pegas diretamente em inglês pelo tradutor se a língua original for esta. Também podem ser de textos em português, mas, se traduzidos anteriormente, a tradução ter sido aproveitada. Nem sempre essa questão está clara. Quanto às imagens, contam com elementos visuais que também necessitariam ser analisados, e o foco deste trabalho é o texto verbal. Ainda assim, comentamos alguns momentos referentes a imagens e a citações, partindo do pressuposto que estas últimas são traduções.

4.1 MOEDA

Tipos de moedas, como réis e reais.

Quadro 5 – Oitavas de ouro

¹²⁸ Consideramos nossa pesquisa descritiva, já que iremos descrever as escolhas tradutórias para os ICEs. Também iremos mencionar outras possibilidades de tradução em alguns momentos, mas apenas com o intuito de enriquecer a discussão. Não pretendemos avaliar a qualidade da tradução, apenas comentá-la com base em aspectos teóricos apresentados anteriormente.

<p>“Curiosamente, essa mesma paridade de preço entre um escravo e um animal era observada um século antes nos relatos do padre jesuíta João Antônio Andreoni, autor de <i>Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas</i>, um clássico da história brasileira. Andreoni, que escreveu o livro sob o pseudônimo de André João Antonil, relata que, em 1711, ‘um negro bem feito, valente e ladino’, custava em Minas Gerais trezentas oitavas de ouro, três vezes o preço de ‘um cavalo sendeiro’.” (p. 247)</p>	<p>“A century earlier, the reports of Jesuit priest Father João Antonio Andreoni – author of <i>Culture and Opulence in Brazil through Its Drugs and Miners</i>, a classic of Brazilian history – had established the equation. Writing under the pseudonym André JoãoAntonil, Andreoni relates that in 1711, ‘a well-built, brave and wily negro’ cost 300 eighths of gold, equal to three times the price of ‘a riding horse.’” (p. 175)</p>	<p>Tradução linguística (não cultural)</p>
--	---	--

Quadro 6 - Pataca

<p>“O carrasco, encarregado de executar o castigo, recebia uma pataca por cem chibatadas aplicadas. Pataca era uma antiga moeda de prata no valor de 320 réis.” (p. 251)</p>	<p>“The tormentor charged with executing the punishment received one pataca, a silver coin worth 320 réis, for every one hundred lashes applied.” (p. 178)</p>	<p>Repetição</p>
--	---	------------------

Quadro 7 - Reais

<p>“Formado pela Universidade de Oxford e pioneiro em uma ciência até então desconhecida — a Psiquiatria —, Willis também foi chamado a Portugal, em 1792, para cuidar de D. Maria I, mediante o pagamento de honorários no valor de 20000 libras esterlinas — o equivalente hoje a 1,1 milhão de libras ou 4 milhões de reais.”(p. 37)</p>	<p>“Trained at Oxford University and a pioneer of Science until then unknown – psychiatry – Willis was an honorarium of £20,000, equivalent today to \$1.7 million.” (p. 9)</p>	<p>Naturalização</p>
<p>“Também devido ao ataque de corsários franceses, de 1794 a 1801 o comércio do reino sofreu prejuízos avaliados em mais de 200 milhões de francos, quase tudo em cargas embarcadas do Brasil. Em valores de 2007, seria o equivalente a 414 milhões de euros ou 1,2 bilhão de reais.”(p. 58)</p>	<p>“Attacks by French pirates between 1794 and 1801 also affected the kingdom’s commerce to the tune of more than 200 million francs, almost all of it cargo loaded in Brazil. Today that loss would amount to about \$550 million.” (p. 24)</p>	<p>Naturalização</p>
<p>“O historiador mineiro Pandiá Calógeras calculou em 135 milhões de libras esterlinas o</p>	<p>“Historian PandiáCalógeras calculates the value of gold shipped to Portugal between</p>	<p>30 bilhões de reais: naturalização</p>

valor desse metal enviado para Portugal entre 1700 e 1801. Em moeda atual, seria o equivalente a 7,5 bilhões de libras esterlinas ou 30 bilhões de reais . Um quinto desse total, ou seja, 6 bilhões de reais em moeda de 2007, foi para os bolsos do rei na forma de impostos.” (p. 62)	1700 and 1801 as amounting to £135 million – the contemporary equivalent of \$11.8 billion. One fifth of this amount went directly into the coffers of the king in the form of taxes.” (p. 27)	6 bilhões de reais : eliminação
“Outro historiador, Tobias Monteiro, estimou que só de Minas Gerais foram despachadas para Portugal cerca de 535 toneladas de ouro entre 1695 e 1817, no valor de 54 milhões de libras esterlinas da época, ou 12 bilhões de reais corrigidos.” (p. 62)	“Another historian, Tobias Monteiro, estimates that from the Brazilian state of Minas Gerais alone, some 535 tons of gold were sent between 1695 and 1817, to the tune of 54 million pounds sterling at the time, or \$4.7 billion in today’s equivalent.” (p. 27)	Naturalização
“Quando o proprietário decidiu reclamar a casa, a nobre inquilina respondeu que não tinha outro lugar para morar e se ofereceu para pagar um aluguel anual de 600000 réis (equivalente hoje a 34000 reais).” (p. 149)	“When Alvas ¹²⁹ da Costa decided to take back the house, his noble tenant responded that she had no other place to live and offered an annual rent of 600,000 réis ¹³⁰ , equivalent today to \$20,000.” (p. 94)	Naturalização
“Por uma casa térrea fora da cidade, o diplomata Maler, encarregado de negócios da França, pagava 800000 réis por ano, o equivalente hoje a cerca de 45000 reais .” (p. 149)	“For a ground-level house outside the city, the diplomat Colonel Maler, consul from France, paid 800,000 réis (today \$28,000).” (p. 94)	Naturalização
“Uma excursão numa carroça puxada por mulas até a fazenda de Santa Cruz, situada a menos de cem quilômetros da capital, saía por quase 400 francos, cerca de 4000 reais em valores atuais.” (p. 149-150)	“An excursion in a mule-drawn carriage to the Santa Cruz plantation, fewer than sixty miles from the capital, cost almost 400 francs, equivalent to \$2,400.” (p. 94)	Naturalização
“Um dos padres recebia um salário fixo anual de 250000 réis — o equivalente hoje a 14000 reais — só para confessar a rainha.” (p. 189)	“One of these priests received a fixed annual salary of 250,000 réis —equivalent today to \$9,500— just for taking the queen’s confession.” (p. 133)	Naturalização
“Eram quase 200000 aves e 33000 dúzias de ovos por ano, que custavam cerca de 900 contos de réis ou quase 50 milhões de reais em dinheiro atual.” (p. 189)	“This gluttony totaled 200,000 fowl and 396,000 eggs per year, costing approximately 900 million réis or \$31.5 million today.” (p. 133)	Naturalização

¹²⁹ No original, o sobrenome está como “Alves”.

¹³⁰ O acento agudo na letra i em vez de na letra e, nessa palavra, ocorre em alguns momentos na tradução. Não podemos afirmar, mas acreditamos que isso não foi proposital, já que há outros momentos em que o acento está na letra e.

<p>“A anfitriã estava coberta com diamantes que, na estimativa de Graham, valeriam cerca de 150000 libras esterlinas, o equivalente hoje a 34 milhões de reais.” (p. 193)</p>	<p>“The hostess was glistening with diamonds worth around £150,000 in Graham’s estimate – the equivalent today of \$2 million.” (p. 136)</p>	<p>Naturalização</p>
<p>“Só em impostos, o Estado recolhia cerca de 80000 libras esterlinas por ano com o tráfico negreiro. Seria hoje o equivalente a 18 milhões de reais.” (p. 243)</p>	<p>“In taxes alone, the state made the equivalent of £80,000 per year on the slave trade, the equivalent today of \$11.3 million.” (p. 173)</p>	<p>Naturalização</p>
<p>“James Tuckey, oficial da Marinha britânica, relatou que, em 1803, um negro adulto era vendido por 40 libras no Rio de Janeiro. Seria hoje o equivalente a cerca de 10000 reais, menos da metade do preço de um carro popular.”(p. 246)</p>	<p>“James Tuckey, a British navy official, relates that in 1803 an adult slave sold for £40, the equivalent today of \$6,300, less than half of the price of a mid-range car.” (p. 175)</p>	<p>Naturalização</p>
<p>“O viajante alemão Ernst Ebel contou que, ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1824, alugou um negro por 700 réis ao dia — o equivalente a pouco menos de 30 reais atualmente.” (p. 248)</p>	<p>“German traveler Ernst Ebel recounts that upon arriving in Rio de Janeiro in 1824 he hired a slave for 700 réis per day, a little less than \$18 in today’s currency.” (p. 176)</p>	<p>Naturalização</p>
<p>“A dança começou às oito horas. Às onze, foi servida a ceia, de quarenta talheres. O imperador e a família foram servidos em baixela de ouro. Os demais convidados, em baixela de prata. Custo: 1 milhão de florins ou 1,5 milhão de francos’. Atualizado pela inflação dos últimos duzentos anos, seria hoje o equivalente a cerca de 18 milhões de reais. É um número espantoso: aproximadamente 9000 reais por pessoa.” (p. 295-296)</p>	<p>“<i>The ball began at 8 o’clock. At 11 o’clock, supper was served, with forty pieces of cutlery at each plate. The Emperor and family ate from serving sets made of gold and the other guests all had serving sets of silver. The cost was 1 million florins, or 1.5 million francs.</i> Adjusting for inflation in the last two hundred years, this would be the equivalent today of \$11 million, a staggering amount that represents approximately \$5,400 per person.” (p. 212)</p>	<p>18 milhões de reais: naturalização 9000 reais: naturalização</p>
<p>“Sentindo-se enganado pela fuga da corte para o Brasil, Napoleão impôs a Portugal punições duríssimas. A primeira foi uma indenização de guerra no valor de 100 milhões de francos— uma cifra astronômica, equivalente hoje a cerca de 400 milhões de euros ou 1,2 bilhão de reais, que o país, na situação de penúria em que se encontrava, jamais teria</p>	<p>“Tricked by the court’s flight to Brazil, Bonaparte imposed sever punishments on Portugal. First, he announced war reparations in the amount of 100 million francs, an astronomical figure, equivalent today to approximately \$500 million, which the country, in its penurious situation, could never repay.” (p. 223)</p>	<p>Naturalização</p>

condições de pagar.”(p. 306-307)		
----------------------------------	--	--

Quadro 8 - Cruzados

“Em 1807, embarcaram com o tesouro real cerca de 80 milhões de cruzados . Representavam metade das moedas em circulação em Portugal, além de uma grande quantidade de diamantes extraídas em Minas Gerais que, inesperadamente, retornavam ao Brasil.” (p. 75)	“In 1807, they departed with a royal treasury of 80 million cruzados , nearly half of the currency in circulation in Portugal, along with a huge quantity of diamonds extracted from Minas Gerais that rather unexpectedly were returning to Brazil.” (p. 36)	Repetição
“Em 1809, um morador de Vila Rica, atual Ouro Preto, ofereceu ao príncipe regente 100 cruzados . Em troca, foi feito comendador da Ordem de Cristo e fidalgo da Sua Real Casa.” (p. 198)	In 1809 a resident of Vila Rica, modern-day Ouro Preto, offered the prince regent 100 cruzados , and in Exchange he became a commander of the Order of Christ and a fidalgo of His Majesty’s House. (p. 139)	Repetição
“Prejudicado pela concorrência britânica, o comércio de Portugal com o Brasil despencou. As exportações para a colônia, que eram de 94 milhões de cruzados entre 1796 e 1807, caíram para apenas 2 milhões de cruzados nos dez anos seguintes.” (p. 312)	Harmed by British competition, Portugal’s trade with Brazil plummeted. The exports to the colony, totalling 94 million cruzados between 1796 and 1807, fell to just 2 million in the following ten years. (p. 227)	94 milhões de cruzados : repetição 2 milhões de cruzados : repetição ¹³¹
“No sentido contrário, as exportações do Brasil para Portugal se reduziram de 353 milhões de cruzados para a metade, 189 milhões .” (p. 312)	“In the other direction, exports from Brazil to Portugal reduced by half, from 353 million cruzados to 189 million .” (p. 227)	353 milhões de cruzados : repetição 189 milhões : repetição

Quadro 9 - Réis

“Quando o proprietário decidiu reclamar a casa, a nobre inquilina respondeu que não tinha outro lugar para morar e se ofereceu para pagar um aluguel anual de 600000 réis (equivalente hoje a 34000 reais).” (p. 149)	“When Alvas da Costa decided to take back the house, his noble tenant responded that she had no other place to live and offered an annual rent of 600,000 réis , equivalent today to \$20,000.” (p. 94)	Repetição
“A duquesa se fez de surda e permaneceu na chácara até 1821, quando voltou para Portugal em companhia de D. João VI e mandou depositar no	“The duchess pretended not to hear him and remained until 1821, when she returned to Portugal in the company of the king, dispatching a bank deposit	Repetição

¹³¹ Apesar de o item não estar presente de forma explícita, consideramos repetição, pois sabe-se que se está referindo ao item. Isso também se aplica quando o item não aparece de forma explícita nem no texto original nem na tradução, mas é possível reconhecê-lo pelo contexto.

banco a importância correspondente a 600000 réis por ano, sem agradecer ou dar explicações ao coronel.” (p. 149)	of 600,000 réis for each year that she stayed – but without thanks or even a word of explanation to the colonel.” (p. 94)	
“Por uma casa térrea fora da cidade, o diplomata Maler, encarregado de negócios da França, pagava 800000 réis por ano [...]” (p. 149)	“For a ground-level house outside the city, the diplomat Colonel Maler, consul from France, paid 800,000 réis [...]” (p. 94)	Repetição
“Um dos padres recebia um salário fixo anual de 250000 réis ¹³² [...] só para confessar a rainha.” (p. 189)	“One of these priests received a fixed annual salary of 250,000 réis [...] just for taking the queen’s confession.” (p. 133)	Repetição
“Eram quase 200000 aves e 33000 dúzias de ovos por ano, que custavam cerca de 900 contos de réis ou quase 50 milhões de reais em dinheiro atual.” (p. 189)	“This gluttony totaled 200,000 fowl and 396,000 eggs per year, costing approximately 900 million réis or \$31.5 million today.” (p. 133)	Universalização absoluta e repetição
“No último ano, 1821, o buraco no orçamento tinha aumentado mais de vinte vezes — de 10 contos de réis para 239 contos deréis.” (p. 190)	“In the final year, 1821, the budget gap had grown more than twenty times – from 10 million réis to 239 million.” (p. 133)	10 contos de réis: universalização absoluta e repetição 239 contos de réis: universalização absoluta e repetição
“Pela carta régia de outubro de 1808, o capital do Banco do Brasil seria composto de 1200 ações no valor unitário de um conto de réis.” (p. 191)	“By royal fiat in October 1808, the Bank of Brazil started with a capital of 1,200 stocks with a total unit value of 1 million réis.” (p. 134)	Universalização absoluta e repetição
“Ao morrer, em 1808, tinha seis engenhos na região de Campos e fortuna líquida de 1500 contos de réis, cifra 25% superior ao capital inicial usado na fundação do Banco do Brasil.” (p. 197)	“At his death in 1808, he owned six sugarcane mills near Campos and had a net worth of 1.5 billion réis, a figure 25 percent more than the initial capital used to found the Bank of Brazil.” (p. 138)	Universalização absoluta e repetição
“Outra assinou as inúmeras ‘listas de subscrição voluntária’, que circularam pelo Rio de Janeiro logo após a chegada da corte. Eram listas de doações, destinadas a angariar fundos para cobrir as despesas da Coroa. O historiador Jurandir Malerba calculou em cerca de 1500 o total desubscritores. Desses, 160 fizeram contribuições individuais superiores a 150000 réis, valor	“Others signed the countless ‘lists of voluntary subscriptions’ that circulated in Rio de Janeiro after the court’s arrival. These donation lists raised funds to cover the crowns expenses. Historian JurandirMalerba calculated a total of approximately 1,500 subscribers. Of this number, 160 made contributions greater than 150,000 réis, an amount sufficient to purchase a slave	Repetição

¹³² Em Gomes (2007, p. 189), encontramos “um dos padres recebia um salário fixo anual de 250000 reais”, supomos que seja “réis”, e não “reais”.

suficiente para comprar um escravo com idade entre dez e quinze anos.” (p. 198)	between the ages of ten and fifteen.” (p. 139)	
“Em 1812, metade dos trinta maiores comerciantes do Rio de Janeiro se constituía de traficantes de escravos. Os lucros do negócio eram astronômicos. Em 1810, um escravo comprado em Luanda por 70000 réis, era revendido no Distrito Diamantino, em Minas Gerais, por até 240000 réis, ou três vezes e meia o preço pago por ele na África.” (p. 242-243)	“In 1812, half of the thirty largest enterprises in Rio de Janeiro were slave traffickers, and the profits of this business proved astronomical. In 1810, a slave purchased in Luanda, Angola, for 70,000 réis was resold in the Diamond District of Minas Gerais for up to 240,000 réis, more than three times the price paid in Africa.” (p. 173)	70000 réis: repetição 240000 réis: repetição
“Ao morrer, em 1815, era dono de 110 escravos e de fortuna calculada em 236 contos de réis, distribuída em palácios, fazendas, ações do Banco do Brasil e navios negreiros.” (p. 246)	“At his death in 1815, he owned 110 slaves and fortune of 236 million réis (\$7.5 million) in palaces, plantations, shares of the Bank of Brazil, and slave ships.” (p. 175)	Universalização absoluta e explicação intratextual
“Uma besta adestrada custava no Rio de Janeiro cerca de 28000 réis, valor que, segundo o historiador Almeida Prado, o botânico austríaco Karl Friedrich Phillip von Martius teria pago por um animal em 1817.” (p. 246-247)	“In the time of the Portuguese court, a tame beast of burden cost approximately 28,000 réis, the price that Austrian botanist Karl von Martius paid for an animal in 1817, according to historian Almeida Prado.” (p. 175)	Repetição
“O viajante alemão Ernst Ebel contou que, ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1824, alugou um negro por 700 réis ao dia[...].” (p. 248)	“German traveler Ernst Ebel recounts that upon arriving in Rio de Janeiro in 1824 he hired a slave for 700 réis per day [...]” (p. 176)	Repetição
“Conseguiu contratar uma ‘pretinha’, segundo sua própria definição, de dezesseis anos chamada Delfina, que lhe saía por 11000 réis mensais [...]” (p. 247)	“He hired a sixteen-year-old ‘blacky’ – his description – named Delfina, who cost 11,000 réis per month [...]” (p. 176)	Repetição
“Pataca era uma antiga moeda de prata no valor de 320 réis.” (p. 251)	“[...]pataca, a silver coin worth 320 réis, for every one hundred lashes applied.” (p. 178)	Repetição
“Estava livre, por exemplo, o escravo que encontrasse um diamante de vinte quilates ou mais, sendo que, nesse caso, o seu proprietário receberia uma indenização de 400000 réis, quantia suficiente para comprar outros quatro novos escravos.” (p. 255-256)	“A slave who found a diamond of twenty carats or more, for example, gained his freedom, and in this case the owner received an indemnity of 400,000 réis, enough to buy four more slaves.” (p. 182)	Repetição

<p>“Também era considerado legalmente alforriado o escravo que denunciasse seu dono por contrabando de diamantes. Nesse caso, o próprio escravo receberia um prêmio de 200000 réis.” (p. 256)</p>	<p>“A slave who denounced his master for smuggling also legally received his freedom. In this case, the slave himself received a reward of 200,000 réis.” (p. 182)</p>	<p>Repetição</p>
<p>“Clara Maria estava disposta a pagar 200000 réis pela alforria do filho, mas o padre se recusava a fazer o negócio.” (p. 257)</p>	<p>“Clara Maria was willing to pay 200,000 réis for the manumission of her son, but the priest refused the deal.” (p. 183)</p>	<p>Repetição</p>
<p>“Na carta de 21 de julho de 1821, já citada na abertura do capítulo ‘A escravidão’, ele comunica ao pai ter comprado um negro por 93600 réis.” (p. 340)</p>	<p>“In a letter of July 21, 1811, which we saw earlier, he tells his father that he has bought a black slave for 93,600 réis.” (p. 245)</p>	<p>Repetição</p>
<p>“O restante do acervo da antiga Biblioteca Real permaneceu no Brasil e mais tarde foi comprado de Portugal por D. Pedro I para formar a base da atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O preço pago por esses livros, de 800 contos de réis (cerca de 250000 libras esterlinas na época), correspondia a 12,5% da indenização exigida pelo governo português para reconhecer a Independência brasileira.” (p. 342)</p>	<p>“The rest of the holdings of the old Royal Library remained in Brazil, later bought from Portugal by Emperor Pedro I to form the foundation of the National Library of Rio de Janeiro. The price paid for these books, 800 million réis (approximately \$23 million today), corresponded to 12.5 percent of the indemnities demanded by the Portuguese government for recognizing Brazilian independence.” (p. 246)</p>	<p>Universalização absoluta e repetição</p>
<p>“Estreou a farda a que o novo cargo lhe dava direito em 6 de fevereiro de 1818, dia da cerimônia de aclamação de D. João VI. Voltou à rotina de dedicação aos livros em 22 de março de 1821, semanas antes da volta do rei a Portugal, promovido a encarregado da ‘direção e arranjo’ das reais bibliotecas, com ordenado anual de 500000 réis, no lugar de frei Gregório José Viegas, nomeado bispo de Pernambuco.” (p. 342-343)</p>	<p>“He debuted his uniform in this new post on February 6, 1818, the day of João VI’s acclamation ceremony. He returned to a more bookish routine on March 22, 1821 – just weeks before the king’s return to Portugal – in the loftier post of “director and arrangement” of the Royal Libraries, with an annual salary of 500,000 réis, taking over from Brother Gregorio José Viegas, himself newly appointed bishop of Pernambuco.” (p. 247)</p>	<p>Repetição</p>

Os casos de repetição e de naturalização compõem a maior parte das estratégias utilizadas na categoria moeda, a primeira é empregada vinte e nove vezes, e a segunda é empregada dezesseis vezes. Outras estratégias empregadas são a universalização absoluta (sete vezes), a explicação intratextual (uma vez), a tradução linguística (uma vez) e a

eliminação (uma vez). No total, as estratégias de conservação são empregadas trinta e uma vezes, e as de substituição são empregadas vinte e quatro vezes.

Observamos que, muitas vezes, o autor traz um valor em réis e, logo após, apresenta o valor equivalente em reais. Em casos assim, a tendência do tradutor é manter o valor em réis (repetição do ICE “réis”) e converter o valor em reais para dólares (naturalização do ICE “reais”). Essa escolha tradutória condiz com o direcionamento ao público para o qual o livro foi traduzido. Se o autor decidiu explicar ao seu leitor o equivalente em reais dos valores que apresenta em réis, é natural que o tradutor converta os valores em reais para dólares, mostrando ao leitor estadunidense uma equivalência em uma moeda com a qual já está acostumado. Com isso, insere-se na linguagem acessível, característica do gênero textual em questão, cumprindo essa função e podendo atingir a finalidade de ir ao encontro das necessidades do público estadunidense.

Tratemos agora de outros casos que não correspondem à situação recém mencionada:

- Juntamente ao ICE “pataca”, já temos uma explicação do significado desse item no texto em português. O tradutor apenas repete o item, deixando a explicação, a qual contém outro ICE: o autor explica o valor da pataca em réis. Nesse caso, o tradutor apenas repete o valor. Colocar uma explicação a mais, sobre esse valor em dólares, por exemplo, talvez representasse um acúmulo de explicações. Outra solução seria apresentar o valor da pataca diretamente em dólares, porém isso, ao mesmo tempo em que estaria aproximando o texto da realidade do leitor, estaria representando um distanciamento do valor que, de fato, tinha a pataca na época, que talvez não fosse o desejado.
- O ICE “cruzados” foi repetido nas vezes em que ocorre, sem explicações adicionais do tradutor. Segundo o dicionário Aurélio, na acepção que condiz com o contexto em questão, cruzado é uma “moeda (antiga) de 400 réis” (FERREIRA, 2008, p. 171). O leitor, tanto brasileiro quanto estadunidense, que não sabe o significado tem a possibilidade de pesquisar em outras fontes. Outra solução, para a tradução, poderia ser uma breve explicação, entre parênteses, apontando o valor em réis dos cruzados, na primeira vez em que o item aparece, já que o leitor está mais acostumado a encontrar “réis” durante a leitura do livro “1808”.
- Nem sempre o autor oferece o equivalente em reais dos valores que apresenta em réis. Na maioria desses casos, o tradutor faz o mesmo. Não percebemos nenhum padrão que indique o porquê de às vezes mostrar o equivalente, em moeda atual, e às vezes não. Contudo, podemos notar que assuntos recorrentes ligados aos valores monetários são a

escravidão, os preços de casas e animais, os gastos da nobreza e questões afins. Em geral, tanto a exposição dos valores em reais quanto a falta dela acontecem em todos esses assuntos, podendo ser esse o motivo pelo qual o autor fez a conversão em alguns momentos e em outros não: dando apenas uma noção ao leitor, de modo mais aproximado de seu tempo, sobre alguns valores relacionados a alguns assuntos. Assim, o tradutor pode ter seguido a mesma lógica.

- Há um momento, porém, em que o tradutor utiliza a estratégia de explicação intratextual, convertendo em dólares um valor que, no original, não está convertido em reais: “Ao morrer, em 1815, era dono de 110 escravos e de fortuna calculada em **236 contos de réis**, distribuída em palácios, fazendas, ações do Banco do Brasil e navios negreiros” (p. 246) → “At his death in 1815, he owned 110 slaves and fortune of **236 million réis (\$7.5 million)** in palaces, plantations, shares of the Bank of Brazil, and slave ships” (p. 175). Trata-se de um trecho referente a um traficante de escravos, em um momento do livro que mostra que os traficantes de escravos eram “empresários proeminentes, reverenciados e respeitados” (GOMES, 2007, p. 245) em 1808. Não consideramos a informação em questão diferente das outras que não ganharam conversões, no sentido de precisar dessa conversão mais do que as outras. Talvez o tradutor tenha considerado importante frisar essa informação e, por isso, fez a conversão. Independentemente do motivo, também é uma possibilidade de tradução.
- Podemos notar também que, quando o autor apresenta os valores em contos de réis, o tradutor traz diretamente a quantia equivalente aos contos de réis, ou seja, milhões de réis. Consideramos esses casos uma junção de universalização absoluta com repetição. O item “contos” representa algo mais específico que “million”, porém o tradutor encontrou uma solução que pode cumprir o que mais parece interessar nesses trechos e em textos jornalísticos em geral: informar.
- Há um momento em que o tradutor faz uso da eliminação. Vejamos:

Quadro 10 – Retomada da tradução de “6 bilhões de reais”

<p>“O historiador mineiro Pandiá Calógeras calculou em 135 milhões de libras esterlinas o valor desse metal enviado para Portugal entre 1700 e 1801. Em moeda atual, seria o equivalente a 7,5 bilhões de libras esterlinas ou 30 bilhões de reais. Um quinto desse total, ou seja, 6 bilhões de reais em moeda de 2007, foi para os bolsos do rei na forma de impostos.” (p. 62)</p>	<p>“Historian Pandiá Calógeras calculates the value of gold shipped to Portugal between 1700 and 1801 as amounting to £135 million – the contemporary equivalent of \$11.8 billion. One fifth of this amount went directly into the coffers of the king in the form of taxes.” (p. 27)</p>
--	--

O ICE eliminado compõe uma explicação a mais que o autor colocou, tornando seu texto mais acessível. O tradutor, nesse caso, pode ter considerado suficiente apenas dizer que se tratava de um quinto do valor, o qual já foi exposto em dólares. Com isso, também garante a fluidez do texto, a qual também é uma das características de um livro-reportagem.

- Cabe comentar também a tradução de “oitavas de ouro”:

Quadro 11 – Retomada da tradução de “oitavas de ouro”

<p>“Curiosamente, essa mesma paridade de preço entre um escravo e um animal era observada um século antes nos relatos do padre jesuíta João Antônio Andreoni, autor de <i>Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas</i>, um clássico da história brasileira. Andreoni, que escreveu o livro sob o pseudônimo de André João Antonil, relata que, em 1711, ‘um negro bem feito, valente e ladino’, custava em Minas Gerais trezentas oitavas de ouro, três vezes o preço de ‘um cavalo sendeiro’.” (p. 247)</p>	<p>“A century earlier, the reports of Jesuit priest Father João Antonio Andreoni – author of <i>Culture and Opulence in Brazil through Its Drugs and Miners</i>, a classic of Brazilian history – had established the equation. Writing under the pseudonym André João Antonil, Andreoni relates that in 1711, ‘a well-built, brave and wily negro’ cost 300 eighths of gold, equal to three times the price of ‘a riding horse.’” (p. 175)</p>
--	--

De acordo com o dicionário Houaiss, “oitava”, nas acepções que mais cabem ao contexto, é “7 no antigo sistema de pesos, medida correspondente à oitava parte da onça (‘antiga unidade’), ou 3,586 g 8 *Bant.* unidade monetária equivalente a 1.200 réis” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2055). Quanto a “eighth”, nos dicionários consultados, não encontramos paráfrases explanatórias que correspondam a algo tão específico. Em acepções que correspondem ao contexto, encontramos “cada uma das oito partes iguais das quais algo é ou pode ser dividido: *um oitavo de polegada*”¹³³, no *New Oxford American Dictionary*, e “uma de oito partes iguais de algo”¹³⁴ no dicionário online *Merriam-Webster*. Assim, consideramos “eighths of gold” apenas uma tradução linguística (não cultural). Acreditamos que, aqui, uma explicação intratextual seria uma forma de trazer uma ideia mais precisa desse valor e desse sistema monetário da época.

Podemos perceber, na categoria moeda, que há um conjunto de diferentes soluções: em alguns momentos, o tradutor aproxima os valores da realidade estadunidense e, em outros, apenas faz uma repetição. Não encontramos muitas explicações sobre essas moedas e acreditamos que, realmente, não são necessárias explicações que incluam o fato de que se está

¹³³ “each of eight equal parts into which something is or may be divided: *an eighth of an inch*”. Todas as traduções para o português do *New Oxford American Dictionary* são nossas.

¹³⁴ “one of eight equal parts of something”. Todas as traduções para o português do dicionário *Merriam-Webster* são nossas.

falando de moedas, pois isso fica claro por meio do contexto. Assim, podemos considerar que a tradução desta categoria mantém as características do gênero textual livro-reportagem, sendo acessível e ao mesmo tempo fluída, aproxima-se do público-alvo pelo menos em momentos que dão uma margem maior para fazer isso, como na conversão de reais em dólares, e parece preencher a função de informar a leigos sobre essa parte da história brasileira, bem como a finalidade de informá-la a um público menos familiarizado com ela do que o público-alvo do texto original.

4.2 COMIDA E BEBIDA

Comidas e bebidas originárias do Brasil ou que têm uma forte ligação com a culinária e cultura brasileiras.

Quadro 12 - Caju; pitanga

<p>“Com uma carga de caju, pitanga, outras frutas e refrescos, tinha a missão de tentar localizar a nau de D. João na altura em que se calculava estar a esquadra portuguesa.” (p.109)</p>	<p>“Carrying a load of cashews, pitanga cherries, and other fruits and refreshments, it had the mission of trying to locate the prince regent in the vicinity in which they calculated the Portuguese to be.” (p. 60)</p>	<p>Caju: tradução linguística (não cultural)</p> <p>Pitanga: repetição e universalização absoluta</p>
--	---	---

Quadro 13 - Cará

<p>“O conde também determinou aos governadores das províncias vizinhas, São Paulo e Minas Gerais, que enviassem carne de vaca, porco, carneiro e aves, mais uva, pêsego, goiaba, banana, cará, batata, batata-doce, milho, mandioca e feijão — alimentos e provisões para matar a fome de uma corte que chegava necessitada de tudo e maltratada pela longa travessia do Atlântico.” (p. 142)</p>	<p>“The count also ordered the governors of the neighboring provinces, São Paulo and Minas Gerais, to send along bananas, beans, beef, cassava, corn, fowl, grapes, guava, lamb, peaches, pork, potatoes, and sweet-potatoes – provisions all crucial to satisfy the hunger and nutritional wants of a court arriving famished and weakened by the long ocean crossing.” (p. 88)</p>	<p>Eliminação</p>
--	--	-------------------

Quadro 14 - Angu

<p>“Os escravos realizavam todo tipo de trabalho manual. Entre outras atividades, eram barbeiros, sapateiros, moleques de recado, fazedores de cestas e vendedores de capim, refrescos, doces, pães-de-ló, angu e café.</p>	<p>“Slaves undertook every type of manual labor. Among other activities, they were barbers, shoemakers, couriers, basket makers, and merchants selling hay, refreshments, sweets, cornmeal, and coffee. They</p>	<p>Universalização absoluta</p>
--	---	---------------------------------

Também carregavam gente e mercadorias.” (p. 162)	also carried around people and goods.” (p. 110)	
--	---	--

Quadro 15 - Rapadura

“A máscara de folha de flandres era usada para impedir o escravo de comer cana, rapadura ou engolir pepitas e pedras preciosas.” (p. 250)	“A tinplate mask prevented a slave from eating sugarcane or brown sugar or from swallowing precious stones or gold nuggets.” (p. 178)	Universalização absoluta
--	--	--------------------------

Quadro 16 - Mandioca; farinha de mandioca

“Um dos maiores pecuaristas da região, José Antônio dos Anjos, abatia 50000 cabeças de gado por ano. Em 1808, o Porto do Rio Grande, com 500 casas e 2000 habitantes, recebia 150 navios por ano, o triplo da vizinha Montevideú. Exportava essas mercadorias para todo o resto do país e também para Portugal, África e os domínios portugueses nas Índias. Importava das outras regiões da própria colônia aguardente, açúcar, tabaco, algodão, arroz, mandioca e doces em geral.” (p. 126)	“One of the greatest cattlemen of the region, José dos Anjos, slaughtered 50,000 cattle per year. In 1808, the port of Rio Grande – which contained some 500 homes of 2,000 inhabitants – received 150 ships per year, triple that of neighboring Montevideo. They exported goods to the rest of the country as well as Portugal, Africa, and the Portuguese dominions in the Indies. In turn, they imported cassava , cotton, rice, rum, sugar, sweets, and tobacco from other regions in the colony [...]” (p. 73)	Tradução linguística (não cultural)
“O conde também determinou aos governadores das províncias vizinhas, São Paulo e Minas Gerais, que enviassem carne de vaca, porco, carneiro e aves, mais uva, pêssego, goiaba, banana, cará, batata, batata-doce, milho, mandioca e feijão [...]” (p. 142)	“The count also ordered the governors of the neighboring provinces, São Paulo and Minas Gerais, to send along bananas, beans, beef, cassava , corn, fowl, grapes, guava, lamb, peaches, pork, potatoes, and sweet-potatoes [...]” (p. 88)	Tradução linguística (não cultural)
“A farinha de mandioca ou milho era um alimento usado em toda a colônia. Compunha com a carne seca e o feijão o tripé básico da alimentação brasileira.” (p. 161)	“ Flour made from cassava root or corn flour was used throughout the colony. Together with dried meat and beans it completed the basic pyramid of the Brazilian diet.” (p. 109)	Descrição

Quadro 17 - Cachaça

“Protegidas do vento e das tempestades pelas montanhas, as águas calmas da Baía da Guanabara serviam como abrigo ideal para reparo das	“Protected from wind and storms by the mountains, the calm waters of Guanabara Bay served as ideal shelter for repairing ships and restocking	Naturalização
--	---	---------------

embarcações e reabastecimento de água potável, charque, açúcar, cachaça , tabaco e lenha.” (p. 153)	potable water, jerky, sugar, rum , tobacco, and firewood.” (p. 101)	
“Ficava à espreita nas esquinas ou aparecia de repente nas rodas de capoeira ou nos batuques em que os escravos se confraternizavam bebendo cachaça até tarde da noite.” (p. 234)	“He waited in ambush on street corners or suddenly swooped down on capoeira matches or drum circles where slaves gathered, drinking cachaça until late at night.” (p. 166)	Repetição
“Em 1703, a Coroa expediu alvará que proibia o uso de metal precioso nas transações e punia os transgressores com o confisco dos bens e degredo de seis anos em São Tomé. A partir daí, a compra de escravos passou a ser paga com produtos da colônia, em especial tecidos, tabaco, açúcar e cachaça , além de pólvora e armas de fogo.” (p. 243)	“In 1703, the crown prohibited the use of precious metals in these transactions and punished offenders with confiscation of property and deportation for six years to São Tomé off the coast of Africa. From then on, slaves were bartered with products from the colony, in particular fabric, tobacco, sugar, cachaça , gunpowder, and firearms.” (p. 173)	Repetição

Quadro 18 - Charque

“O Rio Grande do Sul produzia trigo e gado, usado na fabricação de charque , mantas de couro, sebo e chifre. Suas fazendas eram gigantescas.” (p. 125)	“Rio Grande do Sul produced wheat and cattle, the latter used also in the production of leather, jerky , tallow, and horns. Its farms were enormous.” (p. 73)	Universalização absoluta
“Protegidas do vento e das tempestades pelas montanhas, as águas calmas da Baía da Guanabara serviam como abrigo ideal para reparo das embarcações e reabastecimento de água potável, charque , açúcar, cachaça, tabaco e lenha.” (p. 153)	“Protected from wind and storms by the mountains, the calm waters of Guanabara Bay served as ideal shelter for repairing ships and restocking potable water, jerky , sugar, rum, tobacco, and firewood.” (p. 101)	Universalização absoluta

Quadro 19 - Carne-seca

“É costume não carregar o viajante alimentos’, anotou Martius. ‘Pois em toda parte encontra vendas para lhe fornecer gêneros e os ingredientes necessários ao seu preparo.’ Essas refeições consistiam em geral de feijão cozido com toucinho, acompanhado de carne-seca assada, e a sobremesa, de queijo	“It is a custom of these travelers not to carry food,’ noted von Martius. ‘As in every place they find shops providing rations and ingredients ready to be prepared.’ These meals generally consisted of beans cooked with lard, accompanied by dried meat and a dessert of cheese and banana.” (p. 76)	Universalização absoluta
--	--	--------------------------

e banana.” (p. 129)		
“A carne de porco era vendida, igualmente, ‘em estado bastante doentio’. Por essa razão, a carne seca , que chegava de muito longe, depois de tratada com sal e curada ao sol, era muito mais usada.” (p. 161)	“Pork also was sold ‘in a very diseased state.’ For these reasons, dried meat from far away – slated and cured in the sun – was more widely consumed.” (p. 108)	Universalização absoluta
“A farinha de mandioca ou milho era um alimento usado em toda a colônia. Compunha com a carne seca e o feijão o tripé básico da alimentação brasileira.” (p. 161)	“Flour made from cassava root or corn flour was used throughout the colony. Together with dried meat and beans it completed the basic pyramid of the Brazilian diet.” (p. 109)	Universalização absoluta

Podemos perceber que, na categoria comida e bebida, a estratégia mais corrente é a universalização absoluta (utilizada oito vezes). A tradução linguística e a repetição são as segundas mais empregadas (três vezes cada uma), seguidas pela eliminação e pela naturalização (uma vez cada uma). No total, as estratégias de substituição são empregadas dez vezes, e as estratégias de conservação são empregadas seis vezes. Além disso, há um momento em que a técnica de descrição é utilizada. Muitos dos dados que apresentaremos nesta categoria são com o intuito de apontar por que optamos por considerar algumas palavras como ICEs mesmo podendo haver referentes nos Estados Unidos.

A estratégia de universalização absoluta foi empregada nos itens “angu”, “rapadura”, “charque” e “carne-seca”. Esta estratégia também foi empregada no item “pitanga”, porém acreditamos que a estratégia de repetição deve constar também. Quanto ao item “angu”, de acordo com o *Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico*, trata-se de uma “mistura espessa de farinha de milho, de mandioca ou arroz com água, leite ou caldos diversos e sal, é servido como acompanhamento” (VIEIRA; CÂNDIDO, 2000, p. 26). No *Pequeno Dicionário da Gula*, também consta que, no Brasil, “o angu é a base alimentar de várias populações e dos bóias-frias” (ALGRANTI, 2000, p. 40-41). No *Aulete Digital*, encontramos a seguinte paráfrase explanatória, de acordo com o contexto: “1. Cul. Papa grossa feita com farinha de milho (fubá), de mandioca ou de arroz [Cf.: *polenta*.]”.

Quanto a “cornmeal”, de acordo com o dicionário online *Oxford Living Dictionaries*, é uma “refeição feita do milho, especialmente (nos EUA) farinha de milho ou (na Escócia) aveia. ‘fubá cozido misturado com leite’”¹³⁵. No dicionário online *Merriam-Webster*, encontramos a seguinte paráfrase explanatória: “refeição moída do milho”¹³⁶.

¹³⁵ “meal made from corn, especially (in the US) maize flour or (in Scotland) oatmeal. ‘cooked cornmeal mixed with milk’”. Todas as traduções para o português do dicionário online *Oxford Living Dictionaries* são nossas.

¹³⁶ “meal ground from corn”

Assim, observamos que o tradutor utilizou uma palavra que não corresponde à receita do angu, mas sim a algo mais genérico e familiar para o público-alvo.

No que diz respeito ao item “rapadura”, de acordo com o *Pequeno Dicionário da Gula*, é um

caldo de cana concentrado pelo calor, que se solidifica em tijolos ou barras de coloração castanho-escura ou amarelada, de massa firme, porém quebradiça. [...] especialmente consumido na região Nordeste como guloseima ou para adoçar o café. A rapadura presta-se para o preparo do pé-de-moleque, um dos doces típicos da doçaria brasileira. (ALGRANTI, 2000, p. 437)

Podemos também observar a seguinte paráfrase explanatória, retirada do dicionário *Aulete Digital*, “1. Bras. Açúcar mascavo em forma de pequeno tijolo”, bem como esta, retirada do dicionário Houaiss: “2 B açúcar mascavo solidificado em forma de um pequeno tijolo” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2383). Assim, a primeira explicação, apesar de não ser tão parecida com as duas últimas, leva-nos ao mesmo caminho: basicamente, açúcar mascavo concentrado em tablete.

O tradutor utiliza “brown sugar”, expressão que pode ser traduzida para “açúcar mascavo”. Com isso, podemos considerar a estratégia utilizada aqui como uma universalização absoluta: o açúcar mascavo, mesmo que seja o único ingrediente da rapadura, não é exatamente o mesmo, já que aquele é o açúcar, utilizado para vários fins, e esta é um doce mais específico.

A rapadura não é um doce que existe somente no Brasil, podemos encontrar variados nomes dependendo de cada país, seguem alguns desses nomes:

- 1) Panela – Paráfrase explanatória retirada de dicionário online da Real Academia Espanhola: “3. f. *Col., El Sal. e Hond.* Açúcar mascavo em formato de tijolo ou em cones”¹³⁷.
- 2) Piloncillo – Paráfrase explanatória retirada de dicionário online da Real Academia Espanhola: “1. m. *Méx.* Açúcar mascavo que se vende geralmente em formato de cones”¹³⁸.
- 3) Rapadura – O nome “rapadura”, não é usado somente no Brasil. De acordo com dicionário online da Real Academia Espanhola, a “rapadura” é o mesmo que a “panela” em alguns países: “3. f. *Arg., Eq., Guat., Hond. e Nic.* panela (II açúcar mascavo em formato de tijolos)”¹³⁹.

¹³⁷ “3. f. *Col., El Sal. y Hond.* Azúcar mascabado en panes prismáticos o en conostruncados”. Todas as traduções para o português deste dicionário online da Real Academia Espanhola são nossas.

¹³⁸ “1. m. *Méx.* Azúcar morena que se vende generalmente en panes cónicos”

¹³⁹ “3. f. *Arg., Ec., Guat., Hond. y Nic.* panela (II azúcar mascabado en panes)”

- 4) Chancaca – Paráfrase explanatória retirada de dicionário online da Real Academia Espanhola: “f. *Arg., Bol., Chile, Eq., El Salv., Méx. e Peru.* Tablete retangular feito com o mel obtido a partir da cana-de-açúcar”¹⁴⁰.

Podemos mencionar também dois nomes da língua inglesa, são eles:

- 5) Jaggery – Paráfrase explanatória retirada do dicionário online *Oxford Living Dictionaries*, com o filtro “Dictionary (US)”: “um açúcar marrom escuro e áspero feito na Índia pela evaporação da seiva das palmeiras”¹⁴¹.
- 6) Brittle – Paráfrase explanatória retirada do dicionário online *Oxford Living Dictionaries*, com o filtro “Dictionary (US)”: “doce feito com frutos secos e açúcar derretido. ‘*brittle de amendoim*’”¹⁴².

Podemos perceber que os nomes em espanhol se referem a doces muito parecidos, senão iguais, por vezes contendo algumas variações. Já os doces com nomes em inglês apresentam diferenças em relação aos doces com nomes em espanhol e entre si. Por fim, podemos pensar que a rapadura brasileira tem bastante em comum com os doces apresentados em língua espanhola.

Acreditamos que informações como essas são necessárias no momento de analisar a tradução em questão, pois nos permitem procurar por mais opções tradutórias, mesmo que estas não sejam em língua inglesa. Ocorre que as três primeiras palavras em espanhol apresentadas se encontram dicionarizadas também no dicionário online *Oxford Living Dictionaries*, por exemplo. Isso é um motivo para pensarmos que talvez essas palavras não sejam tão distantes do público-alvo, além disso podem ser encontradas em sites em língua inglesa, como o happyhealing.com e o sweetpotatochronicles.com. Em uma rápida pesquisa no *Corpus of Contemporary American English*, no entanto, não encontramos nenhum resultado com a palavra “rapadura”; onze resultados contendo “panela”, porém somente dois deles remetendo ao significado em questão; dezesseis resultados para “piloncillo” (talvez mais familiar para os estadunidenses pela proximidade com o México); e apenas um resultado para “chancaca”.

Procurar informações a respeito do que é familiar ou não na cultura alvo faz parte do trabalho do tradutor, principalmente quando a preocupação de fornecer um texto acessível é intrínseca ao gênero textual, à função e à finalidade. Assim, voltemos agora ao contexto em

¹⁴⁰ “1. f. *Arg., Bol., Chile, Ec., El Salv., Méx. y Perú.* Tableta rectangular hecha con la miel que se obtiene de la caña de azúcar”

¹⁴¹ “a coarse dark brown sugar made in India by evaporation of the sap of palm trees”

¹⁴² “a candy made from nuts and set melted sugar. ‘*peanut brittle*’”

que o item “rapadura” está inserido, lançando uma discussão a partir deste e das considerações mencionadas a recém.

Quadro 20 – Retomada da tradução de “rapadura”

<p>“A máscara de folha de flandres era usada para impedir o escravo de comer cana, rapadura ou engolir pepitas e pedras preciosas.” (p. 250)</p>	<p>“A tinfole mask prevented a slave from eating sugarcane or brown sugar or from swallowing precious stones or gold nuggets.” (p. 178)</p>
---	--

A partir do texto em português, um tradutor, conhecendo seu público, poderia pensar em substituir o nome do doce por outro que seja mais familiar para os estadunidenses, digamos que este seja “piloncillo”. Inserir um doce típico de outra cultura nesse contexto – considerando-se que o livro “1808” tem como um dos principais objetivos informar, ainda que de forma acessível – poderia ser inadequado. Isso poderia fazer com que o leitor acreditasse que se comia “piloncillos” no Brasil nessa época ou que estranhasse a presença de um doce típico do México nesse contexto. Além disso, verificar o ano em que o “piloncillo” surgiu também seria uma atitude coerente se a intenção é fazer essa tradução.

Assim, o contexto também pode nos direcionar para traduções mais ou menos apropriadas. No caso em questão, consideramos a tradução válida, por manter um texto fluído, trazer algo familiar ao público e, ao mesmo tempo, seguro em relação ao que pode despertar no leitor a partir do contexto, além de ser basicamente o mesmo que rapadura, no que se refere ao seu ingrediente. Fazer uma repetição poderia trazer algo desconhecido, deixando o texto mais truncado. Quanto a uma explicação intratextual ou extratextual, também poderia representar uma pausa para explicar algo que, nessa passagem, não é o mais relevante. Ainda assim, são opções válidas: o leitor que desconhece o item “rapadura” poderia pesquisar, e o que recebesse informações já no livro poderia se beneficiar de tais informações.

Outro fator que podemos mencionar é que, quando a finalidade é produzir uma tradução acessível, o tradutor também precisa estar atento ao seu público para não tornar acessível aquilo que o público já conhece – trocando a informação “pura” que o leitor poderia receber por algo diferente – ou para não explicar aquilo que não necessita de explicação. Sabemos que cada leitor é diferente, mas atentar para a frequência de um item dentro da cultura e da língua-alvo, entre outras pesquisas que indiquem a familiaridade do público em relação ao item, é necessário para que a tradução transmita a preocupação em não subestimar esse público.

Em relação aos itens “charque” e “carne-seca”, trata-se de alimentos bastante parecidos. De acordo com o Pequeno Dicionário da Gula, a carne-seca é uma

carne submetida a processo de salga e compressão, cujo preparo é feito logo após o abate do animal, quando a carne é retalhada, esfregada com sal grosso e empilhada em recintos adequados. A desidratação é completada quando a carne é estendida em varais próprios sob o sol. No sul do Brasil, a carne-seca recebe o nome de charque e é feita com menos sal, menos sol e mais vento que no Nordeste. A carne-seca é um dos ingredientes mais importantes da feijoada [...] (ALGRANTI, 2000, p. 113)

O dicionário aponta que as diferenças entre a carne-seca e o charque são apenas o nome que recebem dependendo da região do Brasil e a questão da quantidade de sal e da exposição ao sol e ao vento.

No *Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico*, a carne-seca é uma “carne de boi salgada e seca ao sol” (VIEIRA; CÂNDIDO, 2000, p. 89), e o charque “é como se chama a carne-seca no Sul do país, também conhecida como carne-do-sul” (VIEIRA; CÂNDIDO, 2000, p. 99). No dicionário Aulete Digital, encontramos as seguintes paráfrases explanatórias em relação ao item “charque”:

1. Carne de gado bovino salgada e aberta em mantas; CARNE-SECA; JABÁ; CARNE-DO-CEARÁ
2. P.ext. Prato ou iguaria preparados com essa carne
[F.: do esp. platense *charque* 'id' e este, do quíchua *charki* 'carne salgada ao sol para guardar em conserva'.]

Quanto ao item “carne-seca”, encontramos a seguinte paráfrase explanatória: “1. Bras. O mesmo que *charque*”. Assim, percebemos a semelhança entre os dois alimentos. Por vezes, podendo ser usados como sinônimos.

Acreditamos que o tradutor pode ter tido a preocupação de estabelecer a diferença que existe entre esses itens, pois os traduziu de formas diferentes: “charque” foi traduzido para “jerky”, e “carne-seca” foi traduzido para “dried meat”. Quanto a “jerky”, de acordo com o dicionário online *Oxford Living Dictionaries*, com o filtro “Dictionary (US)”, trata-se de “carne curada cortada em tiras longas e finas e seca. *beef jerky*”¹⁴³. O dicionário também traz explicações quanto à origem da palavra, “século XIX: do quechua *charqui*”¹⁴⁴. Percebemos, assim, que “jerky” e “charque” têm origens muito próximas.

No *Cambridge American English Dictionary*, encontramos a seguinte paráfrase explanatória: “tiras de carne salgada e seca. *beef jerky*”¹⁴⁵. Quanto a “dried meat”, não se encontra nesses dicionários, porém podemos encontrar textos em língua inglesa em que a expressão ocorre. Tomemos os seguintes trechos como exemplo:

Quadro 21 – Exemplos de textos com “dried meat”

¹⁴³ “meat that has been cured by being cut into long, thin strips and dried. *beef jerky*”

¹⁴⁴ “mid 19th century: from American Spanish *charqui*, from Quechua”

¹⁴⁵ “strips of dried, salty meat. *beef jerky*”

“[...] You have seen freeze dried fruits and vegetables, now feast your eyes on Honeyville’s Ranchers Cut Freeze **Dried Meats**. Available from Ranchers Cut are beef dices, ground beef, white chicken [...]”¹⁴⁶ (HONEYVILLE, [2017?]), grifo nosso

“[...] **Dried meat** can be stored under ambient temperatures for many months. [...] It is therefore advisable to use lean meat only. Beef and buffalo meat as well as goat and certain game meats [...] are best suited. [...]”¹⁴⁷ (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED STATES, [2017?]), grifo nosso

A partir dos exemplos, acreditamos que “dried meat” é uma expressão mais abrangente que “carne-seca”, esta é referente à carne bovina, já “dried meat” pode ser outros tipos de carne, como vimos. Também podemos mencionar que, nos Estados Unidos, parece haver uma grande variedade de produtos industrializados nesse quesito. O site Amazon, por exemplo, apresenta uma página com uma seção chamada “Jerky & Dried Meat Snacks”¹⁴⁸, com lanches prontos e rápidos.

No site *Petit Gastrô*, o cozinheiro Pedro Frade explica de maneira mais detalhada as diferenças entre carne-seca e charque, comentando também as diferenças com a carne de sol, e conclui que:

Todas essas três carnes apresentadas são diferentes nos aspectos organolépticos, que envolve a textura, a cor e a umidade. Cada uma terá diferentes características, por causa dos métodos de preparos, e também histórias e importâncias culturais marcantes. O charque é um produto típico gaúcho, enquanto a carne de sol e a carne seca são encontradas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. (FRADE, [2015?])

Dessa forma, entendemos que “jerky” e “dried meat” não cobrem tudo o que o charque e a carne-seca representam na cultura brasileira. Apesar disso, são soluções válidas – estão dentro do que se espera do gênero textual, do respeito ao público-alvo, à finalidade e à função – e que, por serem nomes diferentes, trazem uma ideia de que não se trata do mesmo alimento.

Também podemos mencionar que, antes de classificarmos essas traduções como universalização absoluta, também cogitamos classificá-las como tradução linguística (não cultural) ou como universalização limitada. Como os casos de tradução linguística remetem mais a casos de traduções que refletem a mesma estrutura da palavra e passam a adquirir um significado novo na língua-alvo (podemos lembrar o exemplo que Franco Aixelá dá de “Gran Jurado”) ou a casos em que a tradução existe na língua-alvo, porém com o mesmo significado, não cultural, mas denotativo, que tem na língua-fonte (podemos lembrar o exemplo que Franco Aixelá dá de “dólares”). Acreditamos que nem “charque” nem “carne

¹⁴⁶Tradução nossa: “[...] Você viu frutas e verduras liofilizadas, agora desfrute das ‘dried meats’ dos fazendeiros de Honeyville. Disponíveis com o corte do fazendeiro, são cubos de carne, carne moída, galinha branca [...]”

¹⁴⁷Tradução nossa: “[...] A carne seca pode ser armazenada em temperatura ambiente por muitos meses. [...] Dessa forma, é aconselhável utilizar apenas carnes magras. Carnes de gado e de búfalo, assim como de cabra e certas carnes de caça [...] são mais adequadas. [...]”

¹⁴⁸Tradução nossa: Petiscos de Jerky e Dried Meat.

seca”, apesar de terem similaridades com esse segundo caso, nem sempre remetem exatamente a isso. Quanto à universalização limitada, é a troca de um item da língua-fonte por outro também da língua-fonte, porém mais familiar na língua-alvo. Também não acreditamos que seja esse o caso, já que “jerky” e “dried meat” não são outros itens da língua-fonte.

Quanto à tradução de “pitanga”, “pitanga cherries”, sabemos que, muitas vezes, podemos considerar mais de uma estratégia para alguma tradução e, para realizar a análise dos itens em questão, decidimos escolher apenas uma estratégia entre as possibilidades que poderiam se apresentar, exceto no caso do item “pitanga”. Ocorre que, diferentemente dos outros itens, essa tradução apresenta, em sua forma, dois traços nitidamente distintos, de modo que não consideramos possível escolher apenas uma estratégia: a tradução é composta por duas palavras, uma diz respeito a uma estratégia e outra, à outra. Para outros casos, optamos pela estratégia que mais se destacou.

Desse modo, classificamos a tradução “pitanga cherries” como uma repetição da palavra “pitanga”, juntamente a uma universalização absoluta, pelo fato de o tradutor ter utilizado a palavra “cherries”. Também cogitamos a possibilidade de classificar a tradução inteira como uma explicação intratextual, porém percebemos que o uso da construção “pitanga cherries” já existe na língua inglesa. Acreditamos que podemos dedicar a classificação de explicação intratextual preferencialmente aos casos em que o tradutor de fato explica, de alguma forma, o item no corpo do texto. No caso em questão, trata-se de uma construção com a qual o público-alvo já pode ter se deparado. Nas imagens a seguir, podemos observar essa questão:

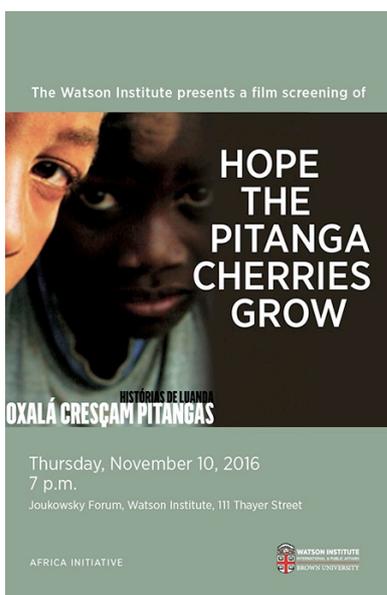


Figura 1 - Cartaz do filme “Hope the Pitanga Cherries Grow”

Imagem retirada do site do Watson Institute, da Brown University. “Hope the Pitanga Cherries Grow” (tradução nossa: “Espero que as Pitangas Cresçam”) é um filme, oferecido pelo instituto, sobre a situação social, a cultura, entre outras questões, em Luanda.



Figura 2 - Embalagem de manteiga corporal à base de pitanga

Imagem retirada do site da marca Perfectly Posh. Logo abaixo do nome do produto, “Sassy Surinam”, na embalagem, está escrito “rich, exotic pitanga cherry body butter” (tradução nossa: manteiga corporal rica e exótica de pitanga).

Com isso, podemos perceber que “pitanga cherry” ou “pitanga cherries” está presente em diferentes contextos em língua inglesa, mesmo que possa não ser tão usual, já que não encontramos nenhum resultado referente a esse nome da fruta no *Corpus of Contemporary American English*. Quanto a nossa consulta no *New Oxford American Dictionary*, no *Cambridge American English Dictionary*, no *Merriam-Webster* e no *Macmillan Dictionary*, encontramos a palavra “pitanga” apenas no dicionário *Merriam-Webster*. Neste, sua paráfrase explanatória aparece da seguinte forma: “surinam cherry”. No que se refere à origem da palavra, encontramos “português, do tupi”¹⁴⁹. Assim, não temos provas suficientes quanto à familiaridade dos estadunidenses em relação à tradução feita, porém os dados podem servir para refletirmos sobre a presença dessa palavra ou expressão na língua inglesa: rara na consulta lexicográfica apresentada, ausente no corpus consultado, porém não é totalmente inacessível quando pesquisada de modo geral.

Ainda devemos mencionar que, de acordo com Gomes (1972, p. 384-385), a pitangueira:

[...] No estrangeiro, é muito apreciada. Daí as suas muitas denominações: Florida-cherry, Surinam-cherry, Cayenne-cherry, cerise de Cayenne, cerise carrée, cerezo de Cayenne. [...] Do Brasil, a pitangueira foi levada para alguns países ou regiões de climas mais ou menos idênticos. Cultivam-na na América Central, nas Antilhas, na Flórida, na Califórnia, nas ilhas Havaí, na China meridional, em Ceilão, na Argélia, na Tunísia e até no Sul da França, tal é a capacidade de adaptação da pitangueira.

Assim, observamos que a fruta é cultivada nos Estados Unidos, contudo isso não significa que a expressão que estamos analisando é familiar para os estadunidenses. Talvez traduzir “pitanga” para “Florida-cherry”, “Surinam-cherry” ou “Cayenne-cherry”, nesse contexto – em

¹⁴⁹ “Portuguese, from Tupi”

que se está contando sobre o momento em que o governador de Pernambuco enviou um barco, que, dentre outras provisões, continha pitangas, para procurar a nau em que estava D. João VI quando a corte estava chegando no Brasil –, seria uma forma de estabelecer uma associação, entre a fruta e o nome de outro país, que não caberia nessa situação. Já “Brazilian cherry” talvez poderia soar redundante ou menos específico para quem está lendo um livro sobre o Brasil e deseja encontrar palavras mais precisas e exóticas. Acreditamos que “pitanga cherries” é uma tradução muito válida, trazendo o nome em português, juntamente a uma palavra que aponta o seu significado, além de ser uma expressão já presente na língua inglesa.

Passaremos agora para outros casos, diferentes do que acontece com a maioria. No que diz respeito às traduções de “caju” e “mandioca”, “cashew” e “cassava” são palavras que se encontram dicionarizadas na língua inglesa. Considerando-se essa questão, pretendemos analisar essas traduções pela forte ligação que o caju e a mandioca têm com a cultura brasileira, mesmo que possamos encontrar equivalentes estáveis em inglês. Assim, classificamos a estratégia utilizada nessas traduções como tradução linguística (não cultural).

Quanto ao item “caju”, de acordo com o *Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico*, trata-se de um “pseudofruto do cajueiro, que é uma árvore de caule tortuoso, originária das Américas, produz um fruto chamado castanha e o caju é o pedúnculo da castanha, daí o nome de pseudofruto” (VIEIRA; CÂNDIDO, 2000, p. 78). No dicionário online *Oxford Living Dictionaries*, com o filtro “Dictionary (US)”, encontramos a seguinte paráfrase explanatória, na acepção adequada ao contexto em questão: “um tipo de fruto seco comestível do formato de um rim, rico em óleo e proteína, que é torrado e retirado da casca antes de poder ser consumido. O óleo é extraído da casca e utilizado como lubrificante, inseticida e na produção de plásticos”¹⁵⁰. Neste mesmo dicionário, também observamos a seguinte informação etimológica: “do português, do Tupi acajú, cajú”¹⁵¹. Assim, com base nessas consultas, “cashew” é mais compatível com a castanha do que com o caju propriamente dito, ou seja, o pseudofruto caju pode ter sido traduzido pelo fruto castanha. O fato de que se trata do pseudofruto poderia ter sido esclarecido na tradução, mas não consideramos a troca prejudicial no contexto em questão.

No que diz respeito ao item “mandioca”, de acordo com o *Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico*, a mandioca é

o mesmo que aipim e macaxera, é uma planta originária da América do Sul [...]. São conhecidas mais de 1000 variedades de mandioca no país. É da raiz que se extrai a farinha de mandioca, o polvilho e a tapioca. A mandioca tem diversas aplicações

¹⁵⁰ “an edible kidney-shaped nut, rich in oil and protein, which is roasted and shelled before it can be eaten. Oil is extracted from the shells and used as a lubricant and insecticide and in the production of plastics”

¹⁵¹ “from Portuguese, from Tupi acajú, cajú”

culinárias desde a peixada amazonense, o tutu à mineira, o churrasco gaúcho, o tacaca paranaense, o quibebe goiano, a tapioca nordestina, o xinxim de galinha baiana, além de servir de acompanhamento para a feijoada brasileira entre outros pratos. (VIEIRA; CÂNDIDO, 2000, p. 237)

Assim, temos informações suficientes para relacionar esse alimento com o Brasil.

Quanto à tradução “cassava”, podemos observar a seguinte paráfrase explanatória do *New Oxford American Dictionary*: “um tubérculo amiláceo de uma árvore tropical, utilizado como alimento em países tropicais [...]. Também chamado de MANIOC”¹⁵². Acreditamos que a escolha do tradutor é adequada, trazendo o mesmo alimento já reconhecido na cultura alvo, mesmo que nesta possa não representar tudo o que representa no Brasil.

Podemos passar agora para o item “cachaça”. A naturalização foi empregada somente na primeira vez em que o item aparece. Nas outras duas vezes, a repetição foi empregada. Inicialmente, comentaremos sobre a naturalização: a tradução de “cachaça” para “rum”, bebida com o mesmo nome em português. A cachaça é uma bebida brasileira, já o rum, não. De acordo com o *Pequeno Dicionário da Gula*, a origem da cachaça “tem a ver com o período colonial, quando as primeiras mudas de cana-de-açúcar foram introduzidas no Brasil [...]” (ALGRANTI, 2000, p. 98). Quanto à origem do rum, de acordo com Santos, Dinham e Adames (2013, p. 119-120), “inicialmente, o rum foi feito em Cuba, no século XVI”. Além disso, o processo de produção da cachaça e do rum diferem. Ao explicarem sobre a cachaça, os autores afirmam que:

É a bebida nacional brasileira feita à base de cana-de-açúcar. Existe uma grande diferença em relação ao rum. Este é feito do melaço, enquanto a cachaça é feita do caldo de cana-de-açúcar – a garapa –, que é mais diluída em água, formando o mosto para a fermentação. (SANTOS; DINHAM; ADAMES, 2013, p. 128)

Com isso, podemos concluir que a cachaça e o rum não são a mesma bebida.

Apesar do surgimento do rum não ter sido nos Estados Unidos, consideramos que essa tradução pode ser considerada uma naturalização, por acreditarmos, com base em consultas feitas, que há uma forte ligação cultural e histórica do rum com os Estados Unidos. Devemos lembrar que utilizamos essa mesma linha de raciocínio para considerar algumas palavras presentes no livro “1808” como ICES.

De acordo com o Departamento de Química do KAIST¹⁵³(2011, p. 557), “o rum era [...] um destilado popular entre os colonizadores da América [...]. Na verdade, o rum da Nova Inglaterra era uma das melhores bebidas disponíveis no século XVII e XVIII [...]. O rum foi a

¹⁵² “the starchy tuberous root of a tropical tree, used as food in tropical countries [...]. Also called MANIOC”

¹⁵³Instituto Avançado de Ciência e Tecnologia da Coreia

base da indústria colonial da Nova Inglaterra [...]”¹⁵⁴. Assim, percebemos a presença do rum marcada na história dos Estados Unidos, principalmente na região da Nova Inglaterra.

À explicação do Departamento de Química do KAIST, podemos adicionar algumas informações e dados que podem contribuir para a ideia de que o rum faz parte da cultura dos Estados Unidos. Em uma pesquisa publicada no site do jornal *The Economist*, sobre os países que mais consomem vodka, gim, whisky e rum, os Estados Unidos aparecem em segundo lugar no consumo de rum, considerando-se outros nove países. (THE ECONOMIST, 2012).

Podemos mencionar também o “eggnog”, que, de acordo com o *Dictionary of Flavors*, “é normalmente uma bebida de fim de ano, servida e vendida nos Estados Unidos do Dia de Ação de Graças até o Ano-Novo”¹⁵⁵ (ROVIRA, 2017, p. 100). Essa bebida, de valor cultural nos Estados Unidos, é composta de “rum, conhaque ou outro álcool misturado com ovos batidos, leite e açúcar”¹⁵⁶ de acordo com o dicionário online *Oxford Living Dictionaries*. Assim, acreditamos que, juntamente às informações recém mencionadas, o fato do rum ser uma das possibilidades de bebida na receita do “eggnog” pode ser um motivo para classificarmos o rum como um ICE nos Estados Unidos e, portanto, para classificarmos a tradução de “cachaça” para “rum” como naturalização.

Como duas estratégias diferentes foram empregadas para o item “cachaça”, naturalização em sua primeira ocorrência e repetição nas outras duas ocorrências, verificaremos os contextos em que o item aparece para discutirmos os elementos que diferem e se assimilam e como isso pode ser um ponto ao qual um tradutor pode atentar. Seguem os trechos na ordem em que aparecem no livro:

Quadro 22 – Retomada das traduções de “cachaça”

“Protegidas do vento e das tempestades pelas montanhas, as águas calmas da Baía da Guanabara serviam como abrigo ideal para reparo das embarcações e reabastecimento de água potável, charque, açúcar, cachaça , tabaco e lenha.” (p. 153)	“Protected from wind and storms by the mountains, the calm waters of Guanabara Bay served as ideal shelter for repairing ships and restocking potable water, jerky, sugar, rum , tobacco, and firewood.” (p. 101)
“Ficava à espreita nas esquinas ou aparecia de repente nas rodas de capoeira ou nos batuques em que os escravos se confraternizavam bebendo cachaça até tarde da noite.” (p. 234)	“He waited in ambush on street corners or suddenly swooped down on capoeira matches or drum circles where slaves gathered, drinking cachaça until late at night.” (p. 166)
“Em 1703, a Coroa expediu alvará que proibia o uso de metal precioso nas transações e punia os transgressores com o confisco dos bens e	“In 1703, the crown prohibited the use of precious metals in these transactions and punished offenders with confiscation of property and

¹⁵⁴“Rum was [...] a popular spirit of the early American colonists [...]. Indeed, New England rum was probably of the best quality available in the seventeenth and eighteenth centuries [...]. Rum was the basis of the early Colonial New England’s largest industry [...]”. Tradução nossa para o português.

¹⁵⁵ “is usually a holiday drink served and sold in the United States from Thanksgiving to New Year”. Tradução nossa para o português.

¹⁵⁶ “rum, brandy, or other alcohol mixed with beaten egg, milk, and sugar”

degrede de seis anos em São Tomé. A partir daí, a compra de escravos passou a ser paga com produtos da colônia, em especial tecidos, tabaco, açúcar e cachaça , além de pólvora e armas de fogo.” (p. 243)	deportation for six years to São Tomé off the cost of Africa. From then on, slaves were bartered with products from the colony, in particular fabric, tobacco, sugar, cachaça , gunpowder, and firearms.” (p. 173)
---	---

Os três contextos trazem situações diferentes, porém o primeiro e o terceiro têm semelhanças: os dois dizem respeito a produtos que eram utilizados em trocas e no comércio da época; entre esses produtos, estava a cachaça. Quanto ao segundo contexto, apresenta uma situação referente a um momento de confraternização dos escravos, da qual a cachaça fazia parte. Acreditamos que não seja necessário o uso de estratégias diferentes e que, entre as duas estratégias utilizadas, a repetição seria a melhor escolha para os três casos. O primeiro contexto não nos mostra elementos que requeiram o uso de naturalização em relação aos outros dois contextos. Além disso, como é um dos objetivos do livro “1808” trazer informações verdadeiras, seria adequado oferecer a informação exata em relação aos produtos que faziam parte do reabastecimento de embarcações no porto do Rio de Janeiro, assim como foi feito no momento em que são mencionados produtos da colônia e o uso destes na compra de escravos. Quanto ao segundo contexto, também acreditamos que, para melhor transmitir a cultura brasileira, a repetição é uma estratégia cabível.

O uso dessas diferentes estratégias também pode fazer com que o leitor não perceba que se trata da mesma bebida nas três vezes. Ainda assim, devemos mencionar também que, apesar de não concordarmos com o uso de diferentes estratégias para o item “cachaça”, a partir dos contextos, e com a naturalização no primeiro caso, consideramos as soluções válidas, pois estão de acordo com o que se espera de um texto fluído, acessível e, ao mesmo tempo, que mantém o que, por vezes, pode parecer mais exótico.

No que diz respeito à familiaridade dos estadunidenses em relação ao item “cachaça”, apesar de não encontrarmos nenhum resultado no *Corpus of Contemporary American English*, fizemos uma busca pela palavra no dicionário online *Oxford Living Dictionaries* com o filtro “Dictionary (US)”, no *Merriam-Webster*, no *Cambridge American English Dictionary* e no *Macmillan Dictionary* e este último é o único em que a palavra não se encontra. Esses dados certamente não são suficientes para afirmarmos se os estadunidenses, em geral, conhecem a palavra “cachaça”. Apenas podemos ter uma rápida noção de que não é tão usual a ponto de estar presente no corpus de língua inglesa pesquisado, porém já se encontra dicionarizada em alguns dicionários de língua inglesa e, por isso, talvez não seja tão desconhecida. De uma forma ou de outra, podemos lembrar que um livro sobre a história do Brasil naturalmente trará

elementos culturais com os quais o público-alvo nem sempre estará familiarizado, é algo que esse público pode esperar ao escolher ler esse tipo de livro.

Quanto ao item “cará”, o tradutor utilizou a estratégia de eliminação, pois não encontramos, na tradução, uma palavra correspondente a esse item. De acordo com o *Pequeno Dicionário da Gula*, o cará é bastante consumido no Nordeste do Brasil “no lugar do pão e como sobremesas, acompanhado com mel ou melado” (ALGRANTI, 2000, p. 108), o dicionário também apresenta, dentre as denominações do cará, a denominação “cará-inhame”. No *Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico*, consta que o cará é “o mesmo que inhame” (VIEIRA; CÂNDIDO, 2000, p. 86). Quanto à consulta no dicionário *Aulete Digital*, verificamos que cará pode ser o tubérculo de várias trepadeiras, muitas delas nativas do Brasil, e que também pode ser chamado de inhame-da-china no casoda trepadeira *Dioscorea batatas*, nativa da Ásia (AULETE DIGITAL, [2017?]). Conforme as consultas apresentadas, além do vínculo desse alimento com o Brasil, podemos perceber que há uma relação entre o cará e o inhame. Dessa forma, pesquisamos também a palavra “inhame” no dicionário *Aulete Digital* ([2017?]) e concluímos que, apesar de poderem ser utilizados como sinônimos, o cará e o inhame apresentam diferenças, e o cará tem uma ligação maior com o Brasil.

Para acentuar a diferença entre os dois, mencionamos um trecho de uma matéria no site da revista Saúde: “[...] eles são parecidíssimos. ‘O inhame pertence à família Dioscoreácea, que tem nove gêneros e cerca de mil espécies. E o cará é uma delas’, ensina a nutricionista Rachel Faria [...]” (MANARINI, 2016). O cará, então, é uma espécie de inhame, o qual pode ser traduzido para “yam”. Quanto à presença da palavra “cará” na cultura estadunidense, o *Corpus of Contemporary American English* não apresentou nenhum resultado e, dentre os dicionários *Oxford Living Dictionaries*, *Cambridge American English Dictionary*, *Merriam-Webster* e *Macmillan Dictionary*, a palavra foi reconhecida apenas pelo dicionário *Merriam-Webster*. O dicionário apresenta a palavra “cush-cush” como paráfrase explanatória.

O dicionário online *Oxford Living Dictionaries* traz outra opção de palavra quando buscamos por “cush-cush”: “também chamado de yampee”¹⁵⁷. Assim, temos informações suficientes para acreditarmos que o tradutor poderia ter traduzido “cará” para alguma outra palavra – dentre elas, “yam”, “cush-cush” e “yampee” –, evitando a eliminação. Ainda seria importante verificar a que cada palavra se refere exatamente para esclarecer qual tem o significado mais próximo de “cará”. De um modo ou de outro, acreditamos que a tradução de

¹⁵⁷ “also called yampee”

“cará” para uma dessas palavras é mais adequada que a eliminação. Vejamos o contexto novamente:

Quadro 23 – Retomada da tradução de “cará”

<p>“O conde também determinou aos governadores das províncias vizinhas, São Paulo e Minas Gerais, que enviassem carne de vaca, porco, carneiro e aves, mais uva, pêssego, goiaba, banana, cará, batata, batata-doce, milho, mandioca e feijão — alimentos e provisões para matar a fome de uma corte que chegava necessitada de tudo e maltratada pela longa travessia do Atlântico.” (p. 142)</p>	<p>“The count also ordered the governors of the neighboring provinces, São Paulo and Minas Gerais, to send along bananas, beans, beef, cassava, corn, fowl, grapes, guava, lamb, peaches, pork, potatoes, and sweet-potatoes – provisions all crucial to satisfy the hunger and nutritional wants of a court arriving famished and weakened by the long ocean crossing.” (p. 88)</p>
---	--

O trecho em que o item está inserido diz respeito ao momento em que o conde dos Arcos toma providências para a recepção da corte portuguesa no Rio de Janeiro. Como se trata de um momento em que muitas provisões são citadas, manter “cará” e explicar o item talvez causasse uma pausa indesejada. Utilizar outra palavra, mesmo que não remetesse ao mesmo tubérculo, ao menos poderia fornecer uma informação semelhante e/ou familiar, e utilizar a repetição, mesmo que o texto pudesse fluir menos nesse momento por conta de um leitor se deparar com algo desconhecido, haveria a opção de pesquisar sobre o item e passar a conhecê-lo.

Com a estratégia de eliminação, qualquer conexão que o leitor pudesse ter com o item desaparece. Ainda assim, consideramos essa estratégia válida, já que o item está inserido em um conjunto de palavras referentes a provisões requeridas quando a corte chegasse ao Rio de Janeiro, de modo que essas provisões são apenas mencionadas, sem que se desenvolva algo especificamente em relação a elas: o cará pode ser considerado apenas mais uma delas, a principal informação do trecho é que o conde mandou providenciar esses alimentos para a chegada da corte, os alimentos em si não parecem ser tão relevantes. Desse modo, ainda é possível produzir uma tradução acessível e fluída, sem prejudicar muito as informações presentes no trecho, pensando-se no público-alvo, no gênero textual, na finalidade da tradução e na função desse texto.

Quanto à tradução de “farinha de mandioca”, “flour made from cassava root”, consideramos como uma descrição, técnica apresentada por Hurtado Albir (2011), pois não encontramos, dentre as estratégias de Franco Aixelá (2013), uma que representasse essa tradução. De acordo com o *Pequeno Dicionário da Gula*, a farinha de mandioca é “obtida do aipim ou mandioca, é muito utilizada na culinária brasileira no preparo de farofas, de pirão e outros” (ALGRANTI, 2000, p. 224). Assim como a mandioca, consideramos essa farinha um

item, pela sua relação com a culinária e cultura brasileiras. Consideramos “flour made from cassava root” um modo de descrever a farinha de mandioca, mais do que uma tradução para o nome da farinha em si.

Ao buscarmos por “cassava flour” no *Corpus of Contemporary American English*, encontramos quatro resultados. Buscamos também por “manioc flour” no corpus e obtivemos oito resultados. Outra busca que podemos comentar é a que fizemos no site linguee.com.br, para verificarmos quais as opções de tradução, para a língua inglesa, de “farinha de mandioca” oferecidas pelo site. Há ocorrências tanto de “cassava flour” quanto de “manioc flour” nos resultados. Assim, temos uma noção de que podem existir construções em inglês referentes à construção “farinha de mandioca”. Mesmo assim, acreditamos que a solução presente no livro é válida, por manter o significado e porque encontramos respeito ao gênero textual, ao público-alvo, à finalidade e à função. Além disso, mantém a palavra “cassava”, que ocorre outras vezes.

Devemos mencionar também o motivo pelo qual não incluímos a palavra “feijão” em nossa análise: sabemos que, assim como “mandioca”, por exemplo, poderíamos tê-la incluído por sua ligação com a culinária e a cultura brasileiras, mesmo que exista um equivalente estável na língua inglesa: “beans”. De fato, considerando-se apenas as passagens que não são citações na história contada, a tradução para o item “feijão” é “beans”. Contudo, acreditamos que diferentemente da mandioca ou de outros itens selecionados, o feijão já é conhecido em grande escala também na cultura alvo¹⁵⁸. No *Corpus of Contemporary American English*, por exemplo, encontramos 13688 resultados para “beans”, já “cassava” apresenta 356 resultados. É claro, a questão da ligação com a cultura brasileira permanece, porém acreditamos que essa tradução não representa grandes problemas de modo geral, pois parece a opção mais adequada se a finalidade é produzir uma tradução acessível ao público estadunidense. Os três contextos em que “feijão” ocorre estão nos quadros apresentados, com o foco em outros itens, e também não apontam algo que nos faça acreditar que a palavra deveria ter sido traduzida de modo diferente.

Outra questão válida para reflexão é que utilizar a estratégia de repetição, em alguns casos, poderia levar à situação em que o leitor não está familiarizado com o item. Utilizar a universalização, tanto limitada quanto absoluta, a naturalização ou a eliminação poderia resolver esse problema, entregando ao público um texto acessível. Contudo, essas soluções não poderiam trazer outros problemas? O livro “1808” contém um texto acessível, porém

¹⁵⁸ Apesar disso, não desconsideramos a possibilidade de incluir “feijão” em análises futuras, já que o alimento pode ser visto de outra forma na cultura estadunidense, em que é comum o feijão enlatado, por exemplo.

também tem a função de informar corretamente, ou seja, dizer que se comercializava rum em vez de cachaça, por exemplo, é desviar um pouco da informação real, mesmo que as duas bebidas sejam bastante parecidas. Por esse motivo, acreditamos que conciliar todos os fatores envolvidos é uma tarefa delicada e nem sempre possível, às vezes é necessário fazer escolhas a partir do que se pretende priorizar.

Por fim, acreditamos que, na maioria das vezes, na categoria comida e bebida, a tradução dos ICEs transmite um texto acessível, utilizando-se palavras e/ou expressões que podem ser familiares para o público-alvo. Sob uma perspectiva direcionada para o cuidado com o gênero textual, o público-alvo, a finalidade da tradução e a função do texto em questão, consideramos as traduções dessa categoria, em geral, válidas e respeitadas.

4.3 TOPÔNIMOS

Para não estender muito a análise, incluímos aqui apenas nomes de ruas, praças, praias, largos e bairros. Na obra “1808”, também é possível encontrar outros tipos de itens que se inserem nessa categoria, como nomes de cidades, vilas, distritos, estados, fazendas, palácios, favelas, teatros, museus, igrejas etc.

Quadro 24 - Rua da Preguiça; Ladeira da Cameleira; Largo do Teatro; Praça Castro Alves

<p>“Ao chegar a terra firme, a família real entrou nas carruagens que estavam a sua espera e seguiu pela Rua da Preguiça e pela Ladeira da Cameleira¹⁵⁹, até o Largo do Teatro (atual Praça Castro Alves).” (p. 111-112)</p>	<p>“After reaching solid ground, the royal family entered the carriages waiting for them and proceeded along the Rua da Preguiça and the Ladeira da Cameleira until reaching the Largo do Teatro (today, Castro Alves Square).” (p. 62)</p>	<p>Rua da Preguiça: repetição Ladeira da Cameleira: repetição Largo do Teatro: repetição Praça Castro Alves: repetição e tradução linguística (não cultural)</p>
---	---	---

Quadro 25 - Praça do Paço

<p>“Duas semanas mais tarde, em 7 de março, o restante da esquadra fundeou em frente à Praça do Paço.” (p. 143)</p>	<p>“Two weeks later, on March 7, the rest of the fleet anchored in front of the Palace Square.” (p. 90)</p>	<p>Tradução linguística (não cultural)</p>
<p>Brackenridge, que observava tudo do cais situado bem em frente à Praça do Paço, conta um episódio engraçado envolvendo o comandante do seu navio. (p. 301)</p>	<p>“Brackenridge, who observed all from the docks in front of the Royal Palace, recounts an amusing episode involving the commander of his ship.” (p. 215)</p>	<p>Sinônimo</p>

¹⁵⁹ A palavra é mencionada com a letra c no livro original, porém, ao pesquisarmos, encontramos somente com a letra g.

Quadro 26 - Praça 15 de Novembro

“Encarregado de organizar a recepção, o vice-rei, conde dos Arcos, deixou sua moradia, um prédio acanhado, de dois pavimentos, situado bem em frente ao cais do porto, onde hoje é a Praça 15 de Novembro. ” (p. 142)	“Charged with organizing the reception, the viceroy, the count of Arcos, moved out of his home, a modest two story structure in front of the docks of the port, where today the Plaza 15th of November stands.” (p. 87)	Tradução linguística (não cultural)
“A multidão que aguardava na rampa do cais, em frente à atual Praça 15 de Novembro , incluía vereadores, padres, cônegos, fidalgos, magistrados e a tropa com os estandartes portugueses.” (p. 146)	“The crowd that gathered on the ramps of the dock included aldermen, canons, magistrates, nobles, priests, and troops bearing the Portuguese flag.” (p. 91)	Eliminação

Quadro 27 - Praia do Sapateiro; Praia do Flamengo; Rua dos Ferradores; Alfândega; Rua dos Pescadores; Visconde de Inhaúma; Rua dos Latoeiros; Gonçalves Dias; Rua Direita; Primeiro de Março

“Os nomes das ruas ajudam a explicar sua atividade: Praia do Sapateiro (atual Praia do Flamengo), Rua dos Ferradores (atual Alfândega), Rua dos Pescadores (Visconde de Inhaúma) e Rua dos Latoeiros (Gonçalves Dias). A via principal era a Rua Direita , atual Primeiro de Março .” (p. 161)	“The names of the roads help explain their purpose: Praia do Sapateiro: Shoemaker’s Beach , today Flamengo Beach ; Rua dos Ferradores: Blacksmiths’ Street , today Alfandega ; Rua dos Pescadores: Fishermen’s Street , today Visconde de Inhaúma ; and Rua dos Latoeiros: Tinsmith’s Street , today Gonçalves Dias . The main street was Rua Direita , today 1st of May Avenue [...]” (p. 109) ¹⁶⁰	Praia do Sapateiro: explicação intratextual Praia do Flamengo: repetição e tradução linguística Rua dos Ferradores: explicação intratextual Alfândega: adaptação ortográfica Rua dos Pescadores: explicação intratextual Visconde de Inhaúma: repetição Rua dos Latoeiros: explicação intratextual Gonçalves Dias: repetição Rua Direita: repetição Primeiro de Março: explicação intratextual
--	--	---

“Praia do Flamengo” é mencionado em um outro momento e a mesma união de repetição com tradução linguística foi empregada; “Rua Direita” é mencionado mais quatro vezes e, em todas, a estratégia de repetição foi empregada; e “Primeiro de Março” é mencionado mais uma vez e a mesma estratégia de explicação intratextual foi empregada.

Quadro 28 - Bairro de Botafogo

“Isso causou uma série de incidentes diplomáticos, uma	This requirement caused a series of diplomatic incidentes	Eliminação e repetição
--	---	------------------------

¹⁶⁰ Há um erro na tradução de “Março”, já que deveria ser “March”, em vez de “May”.

vez que a maioria dos representantes estrangeiros se recusava a cumprir o ritual. O mais famoso deles envolveu Thomas Sumpter, ministro dos Estados Unidos, republicano convicto e vizinho de Carlota no bairro de Botafogo . Sumpter estava passeando a cavalo quando a comitiva da rainha se aproximou a galope.” (p. 127)	because a large number of foreign visitors refused to enact the ritual. Thomas Sumpter – American envoy to the royal court, a dyed-in-the-wool Republican, and Carlota’s neighbor near Botafogo – was out riding when the queen’s retinue approached him galloping.” (p. 127)	
---	--	--

Quadro 29 - Bairro do Catete

Gertrudes Pedra Carneiro Leão, nora de D. Ana Francisca Rosa Maciel da Costa, baronesa de São Salvador de Campos dos Goitacazes, foi assassinada a tiros de bacamarte, ao apelar da carruagem em frente a sua casa, no bairro do Catete , no Rio de Janeiro. (p. 182)	“[...] rifle shots killed Gertrudes Carneiro Leão, baroness of São Salvador de Campos dos Goitacazes, as she alighted from her carriage in front of her house in the Catete neighborhood in Rio de Janeiro.” (p. 128-129)	Repetição e tradução linguística (não cultural)
--	--	---

Quadro 30 - Rua dos Inválidos; Riachuelo

“Ao final do período de D. João no Brasil, sua casa, com dois andares e sótão, situada na esquina da Rua dos Inválidos com Riachuelo , era uma das maiores do Rio de Janeiro.” (p. 194)	“At the end of João’s time in Brazil, Targini’s house, with its two stories and an attic, situated at the corner of Rua dos Invalidos and Riachuelo , was one of the largest in Rio de Janeiro.” (p. 136)	Rua dos Inválidos: adaptação ortográfica Riachuelo: Repetição
---	---	--

“Rua dos Inválidos” é mencionado em outro momento, porém trata-se de uma citação, e a estratégia de repetição foi empregada. Diferentemente do trecho apresentado, o item aparece com o acento ortográfico na citação.

Quadro 31 - Praia de Santa Luzia

“Mais tarde, já no Rio de Janeiro, presenteou o contra-almirante Sidney Smith, comandante da esquadra britânica, com uma chácara na Praia de Santa Luzia , em agradecimento pelos serviços prestados.” (p. 207)	“Later, in Rio de Janeiro, he presented Vice-Admiral Sidney Smith, commander of the British fleet, with a country estate on Santa Luzia beach , in appreciation for his services.” (p. 147)	Repetição e tradução linguística (não cultural)
--	--	---

Quadro 32 - Estrada do Comércio

<p>“A Estrada do Comércio, ligando as cidades do Vale do Paraíba, reduziu pela metade o percurso que os tropeiros tinham de percorrer para ir de São Paulo ao Sul de Minas.” (p. 216)</p>	<p>“The Commerce Road, linking the cities of the Valley of Paraíba, cut in half the distance that troopers had to traverse between São Paulo and the south of Minas.” (p. 153)</p>	<p>Tradução linguística (não cultural)</p>
--	---	--

Quadro 33 - Rua do Ouvidor

<p>“Em 13 de novembro do mesmo ano, Bellard, na Rua do Ouvidor, número 8, avisa ter recebido ‘um novo sortimento de falsa e verdadeira bijuteria, chapéus para senhoras, livros franceses [...]’” (p. 224)</p>	<p>“On November 13 of the same year, on 8 Rua do Ouvidor [Omdubsmán’s Road], House of Bellard advertises having received ‘a new assortment of real and fake jewelry, ladies’ hats, French books [...]’” (p. 159)</p>	<p>Explicação intratextual</p>
<p>“[...] o comerciante Carlos Durante avisava a seus clientes que havia se mudado da Rua do Ouvidor, número 28, para a Rua Direita [...]” (p. 224)</p>	<p>“[...] merchant Carlos Durante advertises to his clients that he has moved from 28 Rua do Ouvidor to 9 Rua Direita [...]” (p. 159)</p>	<p>Repetição</p>

O item é mencionado outras duas vezes e a estratégia empregada é a repetição.

Quadro 34 - Praias de Ipanema e do Leblon

<p>“[...]o terreno está hoje ocupado pela Favela do Vidigal, de onde se tem uma vista privilegiada das praias de Ipanema e do Leblon.” (p. 235)</p>	<p>“[...] this land today has become the Vidigal favela, with its spectacular views of the beaches of Ipanema and Leblon.” (p. 166)</p>	<p>Tradução linguística (não cultural) e repetição</p>
--	--	--

Quadro 35 - Bairros da Gamboa, da Saúde e do Santo Cristo; Rua do Valongo; Rua do Camerino; Praia Mauá; Morro do Valongo

<p>“Sua localização é ignorada nos mapas de ruas e nos guias turísticos. Situada entre os bairros da Gamboa, da Saúde e do Santo Cristo, a antiga Rua do Valongo até mudou de nome. Hoje chama-se Rua do Camerino. Ao final dela, em direção à Praia Mauá, uma ladeira chamada Morro do Valongo, sem nenhuma placa, monumento ou explicação, é a única referência geográfica que restou.” (p. 238-239)</p>	<p>“Maps and tourist guides ignore its location. The old Rua do Valongo, situated among the neighborhoods of Gamboa, Saúde, and Santo Cristo, has even changed its name. Today it’s the Rua do Camerino. At its end, toward Mauá beach, a slope called Valongo Hill – with no sign, monument, or explanation – remains the only geographic reference to the old warehouse.” (p. 169)</p>	<p>Bairros da Gamboa, da Saúde e do Santo Cristo: tradução linguística e repetição Rua do Valongo: repetição Rua do Camerino: repetição Praia Mauá: repetição e tradução linguística Morro do Valongo: repetição e tradução linguística</p>
---	---	--

O item “bairro da Gamboa” é mencionado em outro momento e as mesmas estratégias de tradução linguística e repetição são empregadas (trata-se do trecho exposto a seguir).

Quadro 36 - Rua Pedro Ernesto

“Em 1996, a história do Valongo emergiu do subsolo de forma abrupta. Um casal de moradores da Rua Pedro Ernesto , 36, no bairro da Gamboa, decidiu fazer reformas na sua casa, construída no início do século XVIII.” (p. 239)	“In 1996, the history of Valongo abruptly emerged from underground. A couple living at 36 Rua Pedro Ernesto in the Gamboa neighborhood was remodeling their house, built at the beginning of the eighteenth century.” (p. 169)	Repetição
---	---	-----------

Quadro 37 - Bairro do Brás

“Saint-Hilaire chegou a São Paulo carregando dezoito malas e hospedou-se numa chácara onde hoje está situado o bairro do Brás .” (p. 270)	“Saint-Hilaire arrived in São Paulo carrying eighteen suitcases and satyed in a country estate where the neighborhood of Brás is located today.” (p. 193)	Tradução linguística (não cultural) e repetição
--	--	---

Quadro 38 - Cruz Cabugá; bairro de Santo Amaro

“ Cruz Cabugá é hoje o nome de uma das principais artérias viárias do bairro de Santo Amaro , no Recife.” (p. 289)	“ Cruz Cabugá today names one of the main thoroughfares running through the neighborhood of Santo Amaro in Recife.” (p. 203)	Cruz Cabugá: repetição Bairro de Santo Amaro: tradução linguística e repetição
--	--	---

Quadro 39 - Bairro de Santo Antônio

“Os revolucionários ocuparam Recife em 6 de março de 1817. No regimento de artilharia, situado no bairro de Santo Antônio [...]” (p. 288)	“The rebels occupied Recife on March 6, 1817. In the artillery regiment in the neighborhood of Santo Antonio [...]” (p. 206)	Tradução linguística e adaptação ortográfica
--	---	--

Quadro 40 - Praia de Porto de Galinhas

“No interior, a batalha decisiva foi travada na localidade de Ipojuca, hoje sede do município em que está a Praia de Porto de Galinhas .” (p. 291)	“In the backlands, the decisive battle took place in the region of Ipojuca, today the municipality that hosts the famous Porto de Galinhas beach resort .” (p. 208-209)	Repetição e tradução linguística (não cultural)
---	--	---

Quadro 41 - Largo do Rocio; Praça Tiradentes

“Na manhã de 26 de fevereiro, uma multidão aglomerada no	“On the morning of November 26, a crowd gathered at Rocio	Largo do Rocio : repetição e tradução linguística
--	--	--

Largo do Rocio , atual Praça Tiradentes , exigia a presença do rei no centro do Rio de Janeiro e a assinatura da Constituição liberal.” (p. 319)	Square , today Tiradentes Plaza , demanding the presence of the king in the center of Rio de Janeiro and the signing of the liberal constitution.” (p. 230-231)	Praça Tiradentes : repetição e tradução linguística
--	---	--

Quadro 42 - Bairro de São Cristóvão

“Dentro de pouco tempo, o príncipe regente iria morar num palácio muito mais amplo e agradável, situado no atual bairro de São Cristóvão [...]” (p. 148)	“Within a short time, the prince regent would move to a much more spacious and agreeable palace in the present-day neighborhood of São Cristóvão [...]” (p. 93)	Tradução linguística (não cultural) e adaptação ortográfica
---	--	---

Quadro 43 - Praça do Comércio

“D. João partiu do Rio de Janeiro em 26 de abril, cinco dias depois do massacre da Praça do Comércio .” (p. 321)	“João departed Rio de Janeiro on April 26, five days after the massacre at the Plaza of Commerce .” (p. 232)	Tradução linguística (não cultural)
---	---	-------------------------------------

O item é mencionado outras duas vezes e a tradução linguística também é empregada.

Quadro 44 - Largo do Paço

“Para a coroação de D. João VI, os pintores, escultores e arquitetos da Missão Francesa se esmeraram ainda mais nos preparativos. O acanhado Largo do Paço se transformou repentinamente numa praça imperial com alegorias às maiores civilizações que a humanidade havia testemunhado nos dois milênios anteriores.” (p. 299)	“For the coronation of the king the painters, sculptors, and architects of the French Artistic Mission went even further in their preparations. The timid Palace Square suddenly turned into na imperial plaza with allegories to the greatest civilizations that humanity had witnessed in the preceding two millennia.” (p. 214)	Tradução linguística (não cultural)
---	---	-------------------------------------

Nesta categoria, há um maior uso de estratégia de conservação: a estratégia de repetição é a mais empregada (trinta e duas vezes), seguida pela tradução linguística (vinte e quatro vezes), explicação intratextual (sete vezes), adaptação ortográfica (quatro vezes), eliminação (duas vezes) e sinônimo (uma vez), sendo as duas últimas estratégias de substituição. Faremos agora algumas considerações:

- Não sabemos os critérios do tradutor para ter traduzido alguns desses itens de um jeito e outros de outro, ou seja, para ele ter empregado tradução linguística e repetição em uns, somente repetição ou somente tradução linguística em outros e assim por diante.

De uma forma ou de outra, quando há somente repetição, em geral, os contextos podem ajudar o leitor a saber do que se trata;

- Acreditamos que o caso do sinônimo pode ser classificado como tal, pois, apesar de não ser um sinônimo propriamente dito, é uma outra expressão utilizada para localizar o leitor no mesmo ponto de referência ou, ao menos, em um ponto de referência muito similar;
- É interessante observar que no trecho que começa com “os nomes das ruas ajudam a explicar sua atividade”, o tradutor apontou também o significado desses nomes na tradução. Desse modo, essa informação chega também ao leitor estadunidense;
- Classificamos a tradução de “Primeiro de Março” para “1st of May Avenue” como explicação intratextual, pois “Avenue” (“avenida”) não consta no texto original e também é um elemento de informação;
- Acreditamos que os casos de eliminação poderiam ter sido evitados. Sugerimos a tradução “Botafogo neighborhood” para “Bairro de Botafogo”. Desse modo, torna-se mais claro o fato de que se trata de um bairro. Quanto à eliminação de “Praça 15 de Novembro”, já há a tradução “Plaza 15th of November” em outro momento, ela poderia ter sido empregada neste momento também.
- Quanto à explicação intratextual dada a “Rua do Ouvidor”, consideramos importante apontar que o significado do “ouvidor”, nesse contexto, pode ser o mesmo que este apresentado pelo dicionário Aulete Digital: “Bras. Hist. No período colonial, juiz nomeado pelo soberano de Portugal”. Não encontramos, contudo, um significado de “ombudsman”, no dicionário *Merriam-Webster*, que remeta a esse significado antigo de “ouvidor”. De um modo ou de outro, também é uma explicação válida, pois dá uma ideia sobre o nome da rua em português, mas não a consideramos necessária, pois nenhum dos contextos apresenta motivos para isso.
- Consideramos a tradução de “São Cristóvão” para “São Cristovão” adaptação ortográfica por ter perdido um acento.

4.4 ANTROPÔNIMOS

Incluimos nesta categoria somente apelidos de brasileiros e brasileiras que tiveram destaque na história do Brasil, não elencando nomes de pessoas da família real portuguesa, de viscondes, de condes, de duques e duquesas, entre outros nomes referentes ao cenário político, social e administrativo da época, nem nomes de historiadores e de outros pesquisadores mencionados.

Quadro 45 - Tiradentes

“Por isso, uma segunda manifestação popular foi marcada para o dia 21 de abril, aniversário do enforcamento de Tiradentes .” (p. 320)	“As a result, a second popular demonstration was scheduled for April 21, a date that marked the anniversary of the 1792 hanging of Tiradentes, the rebel leader of the Conjuração Mineira .” (p. 231)	Explicação intratextual
“Eram essas as províncias que gravitavam em torno da região onde, no final do século XVIII, tinha acontecido a Conjuração Mineira de Tiradentes .” (p. 329)	“These provinces encircled the region where the Conjuração Mineira of Tiradentes took place in the late eighteenth century.” (p. 237)	Repetição

Nas outras duas vezes em que o item ocorre, a estratégia empregada é a repetição.

Quadro 46 - Frei Caneca

“ Frei Caneca , o futuro líder da Confederação do Equador, participou dessa batalha.” (p. 291)	“ Brother Mug , future leader of the Confederation of Equator, among them.” (p. 209)	Tradução linguística (não cultural)
---	---	-------------------------------------

O item é mencionado outra vez no livro e a tradução linguística também foi empregada.

Quadro 47 - Chica da Silva/Chica

“Tijuco, atual Diamantina, tinha 40000 pessoas na época de Chica da Silva , a famosa escrava que conquistou o coração de um rico português ligado ao garimpo de diamantes.” (p. 131)	“Tijuco, modern-day Diamantina, had 40,000 people in the era of Chica da Silva , the famous slave who became rich after she won the heart of a rich Portuguese diamond mine owner.” (p. 78)	Repetição
“Entre os bens de Chica havia [...]” (p. 256)	“Among Chica da Silva ’s possessions [...]” (p. 182)	Explicação intratextual

O item é mencionado em outros dois momentos no livro, nos quais a repetição foi empregada.

Quadro 48 - Repórter Perereca/Padre Perereca/Perereca

“O Repórter Perereca ” (p. 139)	“ Tree Frog, the Reporter ” (p. 84)	Tradução linguística (não cultural)
“[...] tinha um apelido engraçado, Padre Perereca , devido à estatura baixa e franzina e os olhos	“He also had a funny nickname: Padre Perereca – Father Tree Frog – because of his short, scrawny frame	Explicação intratextual

esbugalhados.” (p.140)	and bulgingeyes.” (p. 85)	
“ Padre Perereca registrava tudo que via e defendia suas idéias de forma apaixonada.” (p. 140)	“ Father Gonçalves dos Santos recorde very thing he saw and defended his ideas passionately.” (p. 85)	Sinônimo
“Logo atrás, segundo Perereca , ‘seguia-se o estandarte da Câmara [...]’” (p. 146)	“Immediately behind them, ‘followed the banner of the Chamber [...]’” (p. 92)	Eliminação

O item é mencionado outras oito vezes no livro. Em sete delas, ocorre a estratégia de sinônimo e, em uma, tradução linguística. O tradutor parece preferir utilizar o nome do padre, em vez do apelido. Nesse segundo caso de tradução linguística, o nome do padre é mencionado no livro original seguido do apelido, e o tradutor faz o mesmo.

Podemos perceber que, em geral, as traduções analisadas são mais acessíveis: se não havia explicação no texto original, o tradutor inseriu uma. No que se refere à tradução de “Chica” para “Chica da Silva”, consideramos explicação intratextual, pois é uma forma de reforçar uma informação, inserindo um elemento que não está no texto original. Quanto ao item “Frei Caneca”, como já mencionamos anteriormente, é um apelido com um significado, ou seja, não é apenas um nome. O pai de Frei Caneca vendia barris e pipas, chamadas também de canecas na linguagem popular. Contudo, de acordo o dicionário *Merriam-Webster*, “mug” não apresenta esse significado. “Caneca”, hoje em dia, também não é mais conhecida com essa conotação. Assim, de uma forma ou de outra, essa tradução literal é válida, pois o apelido carrega um significado que pode ser traduzido, mesmo que a tradução não remeta ao significado de origem. Além disso, “Brother Mug” existe em outros contextos em inglês, como no trabalho de DeGoes (2015): o autor menciona o nome em português, porém adiciona “Brother Mug” ao lado. Consideramos essa tradução linguística também uma forma de aproximar o texto do leitor.

Quanto a “Padre Perereca”, a tradução linguística também é válida pelo mesmo motivo: o apelido partiu da aparência do padre. Ainda assim, na maioria das vezes, o tradutor optou por colocar o nome do Padre, e a tradução linguística serviu mais para mostrar que o padre tinha esse apelido. O sinônimo é a estratégia que mais aparece (oito vezes) por conta desse item; é seguida pela estratégia de repetição (seis vezes), mas, como vimos, o livro original muitas vezes já traz explicações; depois seguem a tradução linguística (quatro vezes), a explicação intratextual (três vezes) e a eliminação (uma vez). Nesta o item não aparece no

corpo do texto, porém é possível recuperar a informação sobre quem fez o comentário citado, pois o trecho traz uma nota com a referência, tanto no original quanto na tradução.

4.5 FORMAS DE ENTRETENIMENTO

Festas e atrações ligadas ao Brasil.

Quadro 49 - Carnaval; escola (de samba)

<p>“Esforço inútil, porque bem ali perto fica o Sambódromo, onde, em todo Carnaval, uma escola insiste em lembrar que a escravidão faz parte da memória dos cariocas e brasileiros.” (p. 239)</p>	<p>“Such willful amnesia is futile, however, because nearby lies the Sambadrome, where each year at Carnaval one of the samba school performances persists in remembering slavery as part of the history of Brazil.” (p. 169)</p>	<p>Carnaval: repetição Samba school: explicação intratextual</p>
---	---	--

“Carnaval” também poderia ter sido traduzido para “Carnival”, porém, como são palavras parecidas, o item em português possivelmente não representa grandes problemas para o leitor estadunidense e ainda o aproxima da cultura brasileira, sendo uma solução bastante equilibrada. Quanto ao acréscimo de “samba” ao lado de “school” é muito válido, pois o leitor estadunidense, menos acostumado com o Carnaval do que o brasileiro, pode não perceber que se trata, neste caso, de escolas de samba.

4.6 SISTEMA JURÍDICO E ADMINISTRATIVO

Aqui incluímos tipos de sistemas jurídicos ou administrativos ou itens que têm alguma relação com esses sistemas. Trata-se de uma categoria que foi reduzida para não ficar muito extensa. Apresentaremos leis, tribunais, sociedades, bancos e alguns sistemas antigos. Também são mencionados no livro outros itens referentes a cargos e títulos políticos e administrativos, além de outros departamentos e medidas.

Quadro 50 - Lei Saraiva

<p>“Em 1881, quando a chamada Lei Saraiva estabeleceu, pela primeira vez, a eleição direta para alguns cargos legislativos, somente 1,5% da população tinha direito ao voto.” (p. 334-335)</p>	<p>“In 1881, when the Saraiva Law established direct election of certain legislative posts for the first time, only 1.5 percent of the population had this right to vote.” (p. 241)</p>	<p>Repetição e tradução linguística (não cultural)</p>
---	--	--

Quadro 51 - Tribunal da Relação do Brasil colônia

<p>“Nesse prédio, conhecido como Paço dos Vice-Reis, funcionava também o Tribunal da Relação do Brasil colônia. Ali deveriam ser hospedados o príncipe regente e sua família.” (p. 141)</p>	<p>“This building, known as the Palace of Viceroys, also functioned as the Court of Relations with colonial Brazil. Here the prince regent and his Family would live.” (p. 87)</p>	<p>Tradução linguística (não cultural)</p>
--	---	--

Quadro 52 - Sociedade Literária do Rio de Janeiro

<p>“Um caso exemplar do esforço do governo português em impedir a circulação de idéias na colônia foi o trágico destino da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Criada em 1786, com o apoio do vice-rei, D. Luís de Vasconcelos e Sousa, a sociedade tinha como sócios figuras importantes da capital, incluindo médicos, advogados, escritores e poetas. Nas reuniões, semanais, discutiam-se assuntos diversos, como Física, Astronomia, Filosofia e Literatura e também os acontecimentos políticos na Europa e nos Estados Unidos. Era a época da Revolução Francesa, da Independência Americana e da Conjuração Mineira, o movimento de independência de Minas Gerais que transformaria o alferes José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, em herói nacional. Por temer que a sociedade funcionasse como um fermento incontrolável para essas idéias o então vice-rei, conde de Rezende, sucessor de Vasconcelos e Sousa, decidiu extingui-la em 1794.” (p. 134-135)</p>	<p>“Created in 1786 with the support of the viceroy, Luís de Vasconcelos e Sousa, the Literary Society of Rio de Janeiro counted among its members important figures in the capital, including doctors, lawyers, writers, and poets. In weekly meetings, they discussed diverse topics such as astronomy, literature, philosophy, physics, and politics in Europe and America. It was the era of the French Revolution, American Independence, and the Conjuração Mineira – the Independence movement in Minas Gerais that transformed the ensign Joaquim da Silva Xavier, better known as Tiradentes, into a national hero. Out of fear that the Literary Society would uncontrollably allow for the fermentation of such ideas, the next viceroy, the count of Rezende, successor to Vasconcelos e Sousa, decided to shut it down in 1794.”(p. 80-81)</p>	<p>Tradução linguística (não cultural) e repetição</p>
---	--	--

Quadro 53 - Banco do Brasil

<p>“O crime ocorreu um ano antes de a família real portuguesa voltar a Lisboa e deu origem a uma onda de boatos, segundo os quais a mandante do crime seria Carlota Joaquina, que teria um</p>	<p>“The crime occurred one year before the royal family’s return to Lisbon and gave rise to a wave of rumors, according to which Carlota Joaquina ordered the killing because she had na</p>	<p>Tradução linguística (não cultural)</p>
--	--	--

relacionamento amoroso com Fernando Carneiro Leão, marido de Gertrudes, conde de Vila-Nova de São José e diretor do Banco do Brasil. " (p. 183)	amorous relationship with Fernando Carneiro Leão, Gertrudes's husband, count of Vila-Nova de São José, and director of the Bank of Brazil. "	
--	---	--

O item é mencionado outras dez vezes, sendo uma delas citação, e, em todas, a mesma estratégia de tradução linguística foi empregada.

Quadro 54 - Sistema de ganho

"Outra forma de escravidão que se desenvolveu, paralela ao trabalho de aluguel, foi o sistema de ganho. " (p. 248)	"Another variation of slavery developed in the form of moonlighting 'for-profit' slaves. " (p. 176)	Sinônimo
---	--	----------

O item é mencionado em outro momento e a estratégia de sinônimo também foi empregada, em situação parecida com esta.

Quadro 55 - Senado da Câmara

"[...] D. João foi ao Senado da Câmara assinar seu mais famoso ato em território brasileiro: a carta régia de abertura dos portos ao comércio de todas as nações amigas." (p. 116)	"the prince regent went to the Municipal Council to sign his most famous legislation issued on Brazilian territory: the royal decree opening Brazilian ports to commercial trade with all friendly nations." (p. 65-66)	Universalização absoluta
"Dois dias depois, em 16 de janeiro, o Senado da Câmara — espécie de Câmara de Vereadores da época do Brasil colonial, composta por representantes destacados da sociedade — reuniu-se para organizar a recepção da família real." (p. 142)	"Two days later, on January 16, the Senate of the Chamber — a kind of council of aldermen in the era of colonial Brazil, composed of esteemed representatives of society — gathered to organize the reception of the royal family." (p. 88-89)	Tradução linguística (não cultural)

O item é mencionado em outro momento e a estratégia de tradução linguística foi empregada, porém trata-se de uma tradução diferente da apresentada no segundo trecho: "Chamber of Senate".

Nesta categoria, observamos, a partir dos itens analisados, um maior uso de estratégias de conservação: a tradução linguística é a mais empregada (quinze vezes), seguida pela repetição (duas vezes), sinônimo (uma vez) e universalização absoluta (uma vez), sendo essas duas últimas estratégias de substituição. Acreditamos que as soluções observadas são válidas, pois parecem tornar mais acessíveis os itens para os leitores estadunidenses.

Quanto ao último item apresentado, “Senado da Câmara”, sugerimos a tradução “Senate of the Chamber” para os três momentos em que o item é mencionado. Como está explicado no próprio texto, o leitor pode identificar melhor que se trata sempre do mesmo item quando este tiver sempre a mesma tradução. Escolhemos essa tradução dentre as três observadas, pois transmite o sentido original de forma mais precisa do que a outra tradução linguística, “Chamber of Senate”, e aponta melhor a especificidade do item do que “Municipal Council”(o qual podemos traduzir para “Câmara Municipal”).

4.7 SISTEMA DE MEDIDAS

Aqui incluímos sistemas de medidas utilizados no Brasil e que poderiam não ser os mesmos que apareceriam na tradução, já que, nos Estados Unidos, usa-se muito milhas em vez de quilômetros, por exemplo.

Quadro 56 - Quilômetros

<p>“Ao saber da abertura de uma loja maçônica na Ilha de Madeira, situada mil quilômetros ao sudoeste de Lisboa, Pina Manique enviou para lá um corregedor da intendência de polícia [...]” (p. 85)</p>	<p>“On discovering the establishment of a Masonic lodge on the island. Of Madeira, some six hundred miles southwest of Lisbon, da Pina Manique sent a police magistrate there [...]” (p. 44)</p>	<p>Naturalização</p>
<p>“Só no quarto dia, quando haviam percorrido mais de 160 milhas náuticas, ou cerca de 300 quilômetros, puderam, finalmente, corrigir as velas e rumar para sudoeste, na direção do Brasil.” (p. 97)</p>	<p>“Only on the fourth day, having traversed more than 160 nautic miles, could they finally correct their sails and head southwest toward Brazil.” (p. 51)</p>	<p>Eliminação</p>

O item é mencionado outras dezesseis vezes, duas delas em imagens, e a estratégia de naturalização foi empregada em quinze delas. Na situação restante, referente a uma imagem, a eliminação foi empregada.

Quadro 57 - Metros

<p>“Com 67 metros de comprimento, 16,5 de largura, três conveses para as baterias de tiro dos seus 84 canhões e um porão de carga, o navio não tinha espaço para tanta gente.” (p. 91)</p>	<p>“[...] at 220 feet long and 55 feet wide, the ship simply didn’t have space for all her passengers.” (p. 48)</p>	<p>Naturalização nos dois casos</p>
--	---	-------------------------------------

“Lançado ao mar em novembro de 1804 como navio de primeira classe da Marinha Real Britânica, o <i>Hibernia</i> tinha 110 canhões, 203 pés de comprimento (cerca de 62 metros) e pesava 2530 toneladas.” (p. 101)	“Launched in November 1804 as a first-class ship of the Royal British Navy, the <i>Hibernia</i> had 110 cannons, stretched 203 feet long, and weighed 2,530 tons.” (p. 54)	Eliminação
“Aclamado pelo povo que se aglomerava nas ruas, o cortejo seguiu em direção à Capela Real, situada na Rua Direita, a alguns metros de distância do Paço Real.” (p. 298)	“Jubilantly applauded by the crowds gathered in the streets, the retinue proceeded toward the Royal Chapel, on the Rua Direita, near the Royal Palace.” (p. 214)	Universalização absoluta

Quadro 58 - Quilos/quilo

“Outros 150000 quilos de ouro teriam sido contrabandeados no mesmo período, no cálculo de Monteiro.” (p. 62)	“Monteiro calculates that another 330,000 pounds of gold were illegally smuggled in the same period.” (p. 27)	Naturalização
“A pedra, com uma libra de peso — pouco menos de meio quilo — e uma polegada e meia de diâmetro, foi entregue pessoalmente ao príncipe pelo negro liberto, após uma viagem de 28 dias, escoltado por dois soldados.” (p. 261)	“After a voyage of twenty-eight days, the freed slave, escorted by two soldiers, personally delivered the stone to the prince. An inch and a half in diameter, it weighed a full pound.” (p. 185-187)	Eliminação

“Quilos” é mencionado em outro um momento, e a estratégia de naturalização foi empregada.

Nesta categoria, são empregadas somente estratégias de substituição: a naturalização é a estratégia mais utilizada (dezoito vezes), seguida pela eliminação (três vezes) e pela universalização absoluta (uma vez). A quantidade de vezes apresentada não inclui as imagens. Em geral, as soluções tradutórias observadas são compreensíveis, já que podem ser resultados direcionados ao público-alvo e ao que lhe é mais familiar.

4.8 HÁBITOS

Hábitos ligados à cultura brasileira.

Quadro 59 - Rodas de capoeira /capoeira

“Malvestidos, os negros costumavam se reunir nas ruas e praças aos domingos e feriados para jogar, lutar capoeira e bater.” (p. 231)	“Black, dressed in rags, congregated in the streets and squares on Sundays and holidays to play sports; practice capoeira , a Brazilian martial	Explicação intratextual
---	---	-------------------------

	art accompanied by music; and hold drum circles.” (p. 164)	
“Nessa categoria incluíam-se brigas, bebedeiras, jogos proibidos — como capoeira — e agressões físicas.” (p. 231)	“[...] this category included fights, drinking binges, forbidden sports – such as capoeira – and physical aggression.” (p. 164)	Repetição
“Ficava à espreita nas esquinas ou aparecia de repente nas rodas de capoeira [...]” (p. 234)	“He waited in ambush on street corners or suddenly swooped down on capoeira matches [...]” (p. 166)	Repetição e universalização absoluta

“Capoeira” é mencionado outras três vezes no livro, porém uma delas é citação. Em todas essas vezes a repetição foi empregada. Assim, desconsiderando a citação, a estratégia mais utilizada nesta categoria é a repetição (quatro vezes); seguida da explicação intratextual (uma vez) e da universalização absoluta (uma vez). Não consideramos possível escolher apenas uma estratégia para “capoeira matches”, sendo uma estratégia para uma palavra e outra estratégia para outra. Como o tradutor explicou o item “capoeira” na primeira vez em que aparece, tornou o texto mais acessível e não há necessidade de explicar novamente. A universalização absoluta para “rodas” também aproxima o texto do leitor. Quanto ao itálico, é usado somente na primeira vez em que “capoeira” ocorre.

4.9 OBJETOS

Objetos que, de alguma forma, têm ligação com a cultura brasileira.

Quadro 60 - Viramundo

“[...] e o viramundo , espécie de tronco menor, de ferro.” (p. 250)	“[...] and the <i>viramundo</i> , a smaller pillory made of iron.” (p. 178)	Repetição
--	---	-----------

Quadro 61 - Bacalhau

“Nas surras, usava-se a palmatória ou o bacalhau , chicote de cabo curto, de ouro ou madeira com cinco pontas de couro retorcido.” (p. 250)	“Thrashings made use of a paddle or a ‘ codfish ,’ a whip with a short handle of gold or wood and five points of twisted leather.” (p. 178)	Tradução linguística (não cultural)
--	--	-------------------------------------

Quadro 62 - Libambo

“[...] além do libambo , argola de ferro presa ao pescoço da qual saía uma haste longa, também de ferro, voltada para cima, até o topo da cabeça do	“The <i>libambo</i> consisted of an iron hoop fastened around the neck, from which a long iron stem protruded and bent down to the top to the slave’s head,	Repetição
--	---	-----------

escravo, com ou sem chocalhos nas pontas.” (p. 250)	sometimes with rattles at the tips.” (p. 178)	
---	---	--

Quadro 63 - Trocano

“Ali, os botânicos austríacos também observaram um curioso meio de comunicação desenvolvido pelos índios do Alto Solimões. Era um instrumento de percussão, na forma de uma tora de madeira oca ou escavada chamado “ trocano ”, pelo qual os índios emitiam sinais sonoros intermitentes, como um telégrafo primitivo, para informar as tribos vizinhas sobre o que estava acontecendo.” (p. 271-272)	“The botanists observed an unusual means of communication developed by the natives of the upper Solimões. Beating a hollow wooden log called a trocano , the Natives emitted signals, like a primitive telegraph, to communicate with neighboring villages.” (p. 195)	Repetição
---	--	-----------

Nesta categoria, encontramos somente estratégias de conservação, três repetições e uma tradução linguística, porém todos os itens são explicados no texto original e isso se mantém. Quanto a “codfish” (nome do peixe bacalhau em inglês), no *New Oxford American Dictionary* e no *Merriam-Webster*, não apresenta um significado referente ao instrumento de tortura, contudo, no Aulete Digital, podemos encontrar esse significado.

4.10 EXPRESSÕES

Expressões brasileiras.

Quadro 64 - Boca do sertão

“A vila de Itu, a cem quilômetros de São Paulo, era considerada a “ boca do sertão ”, antigo ponto de partida dos bandeirantes paulistas em direção ao interior ermo do Brasil.” (p. 122)	“The village of Itu, sixty miles from São Paulo, the last urban agglomeration offering comfort and regular communication with other regions, represented “the gateway to the backlands ,” an early point of departure for Paulista trailblazers heading toward the deserted interior of the country.” (p. 70)	Universalização absoluta
--	--	--------------------------

Quadro 65 - Rede de carijó

“A rede de dormir, também herdada dos índios e às vezes chamada de “ rede de carijó ”,	“The majority of the population slept in hammocks, a tradition inherited from the natives, until	Eliminação
---	--	------------

era usada pela maioria da população até o início do século XIX, quando foi finalmente suplantada pela cama.” (p. 127)	the middle of the nineteenth century, when beds finally replaced them.” (p. 74)	
---	---	--

Quadro 66 - Batucar/batuques

“Malvestidos, os negros costumavam se reunir nas ruas e praças aos domingos e feriados para jogar, lutar capoeira e batucar .” (p. 231)	“Black, dressed in rags, congregated in the streets and squares on Sundays and holidays to play sports; practice <i>capoeira</i> , a Brazilian martial art accompanied by music; and hold drum circles .” (p. 164)	Universalização absoluta
--	---	--------------------------

“Batuques” também é mencionado no texto, e a estratégia de universalização absoluta também foi empregada: o item foi traduzido para “drum circles”.

Quadro 67 - Malandragem

“Era a malandragem brasileira fazendo mais uma de suas performances de gala nas páginas da história nacional.” (p. 212)	“Brazilian trickery was in the midst of performing yet another spectacle on the pages of history.” (p. 150)	Universalização absoluta
--	--	--------------------------

O item é mencionado em outro momento no livro, e a universalização absoluta também foi empregada, trata-se, porém, de uma tradução diferente. “O terror da malandragem carioca” (GOMES, 2007, p. 234) é traduzido para “the terror of carioca scofflaws” (GOMES, 2013, p. 166).

Quadro 68 - Caipira

“São imagens que tentam imitar o brilho e a sofisticação das monarquias européias, quando na verdade tratava-se de uma nobreza caipira , sem cultura.” (p. 221)	“His images lend a lust and sophistication to a European monarchy who were little more than a ragtag hodgepodge of regal hillbillies bereft of any real sense of culture.” (p. 156)	Naturalização
“As anotações de Rose Marie mostram uma corte que, apesar de todos os esforços, ainda continuava caipira e deselegante.” (p. 263)	“Rose’s notes depict a court that, despite all efforts to the contrary, continued to behave as inelegant bumpkins .” (p. 188)	Universalização absoluta

Quadro 69 - Baeta/baetas

“Usavam amplos capotes de lã para cobrir os ombros e parte do	“They used wide wool mantles to cover their shoulders and part	Repetição
---	--	-----------

<p>rosto. Chamados de “baetas”, esses mantos haviam sido proibidos várias vezes pelos governadores da capitania, numa vã tentativa de conter a prostituição.” (p. 128)</p>	<p>of their faces. Governors of the captaincy at various times had prohibited these cloaks, called baetas, in vain attempts to contain prostitution.” (p. 75)</p>	
---	--	--

O item é mencionado no singular em outro momento no livro, e a estratégia de repetição também foi empregada.

Nesta categoria, há um uso maior de estratégias de substituição do que de estratégias de conservação. A universalização absoluta é a estratégia mais usada (seis vezes), seguida pela repetição (duas vezes), eliminação (uma vez) e naturalização (uma vez). Observamos resultados que parecem mais acessíveis ao público-alvo. Mesmo quando há repetição, o significado já estava exposto no texto original e isso se mantém. Comentaremos agora alguns casos em específico:

- Neste contexto, “gateway to the backlands” significa “entrada para o interior”, não cobrindo tudo o que “boca do sertão” representa;
- “Hold drum circles” diz respeito ao ato de participar de conjuntos de pessoas tocando tambores, já “batucar” é uma expressão muitas vezes associada à cultura e a gêneros musicais brasileiros;
- “Trickery” e “scofflaw” são palavras que remetem ao ato de enganar (referente a “trickery”) e de infringir a lei (referente a “scofflaw”). Já “malandragem”, apesar de também abranger tais características, é uma expressão bastante ligada à imagem caricata do brasileiro;
- Classificamos “hillbillies” como naturalização, por ser uma expressão que pode ser utilizada nos Estados Unidos para fazer referência a uma pessoa do interior do próprio país. No *Cambridge American English Dictionary*, encontramos a seguinte definição: “pessoa de uma área rural que não tem familiaridade com ideias modernas e cultura popular, principalmente alguém que vive nas montanhas ou longe das cidades na região sudeste dos Estado Unidos”¹⁶¹. Do mesmo modo, podemos encontrar, no Aulete Digital, a seguinte paráfrase explanatória de “caipira”: “7. Bras. Pessoa nascida ou que vive em regiões rurais, esp. no interior dos estados de São Paulo, e que ger. vive de pequena agricultura, em terras que não lhe pertencem”. Como “hillbilly” é

¹⁶¹ “a person from a rural area who is not familiar with modern ideas and popular culture, esp. someone who lives in the mountains or far from cities or towns in the southeastern US”

uma expressão que tem um peso nos Estados Unidos, assim como “caipira” tem no Brasil, consideramos essa tradução uma naturalização.

- Se analisarmos a tradução referente ao trecho em que o item “caipira” está inserido, também percebemos que o tradutor deu ao trecho uma outra estrutura, por assim dizer. “Quando na verdade tratava-se de uma nobreza caipira” foi traduzido para o que, literalmente, poderíamos passar para o português como “era pouco mais que uma mistura bagunçada de régios caipiras” (“were little more than a ragtag hodgepodge of regal hillbillies”). Consideramos apenas “hillbillies” como a tradução de “caipira”, pois é a palavra que contém uma ligação de significado direto com o item.
- Quanto à outra tradução de “caipira”, “bumpkins”, consideramos universalização absoluta, pois apresentar um significado mais neutro do que “hillbilly”. No *Cambridge American English Dictionary*, encontramos “pessoa do interior que é considerada desajeitada e tola”¹⁶². As três palavras, “caipira”, “hillbilly” e “bumpkin”, podem ser consideradas pejorativas, dependendo do contexto.

Acreditamos que é natural encontrar mais estratégias de substituição nesta categoria, especialmente por se tratar de um texto acessível, pois expressões, muitas vezes, carregam a cultura mais em sua estrutura do que em seu significado, ou seja, o significado é mais facilmente encontrado em outra cultura, porém sem aquela marca referente a um contexto social, cultural e histórico específico que somente irá receber se a própria palavra original for utilizada.

4.11 GENTÍLICOS

Gentílicos referentes a estados brasileiros.

Quadro 70 - Potiguar

“Seu livro, <i>Travels in Brazil</i> , publicado em Londres em 1816, foi traduzido para o português pelo mais famoso folclorista brasileiro, o potiguar Luís da Câmara Cascudo.” (p. 266)	“Brazilian folklorist Luis da Camara Cascudo translated into Portuguese Koster’s account of his journey, <i>Travels in Brazil</i> , originally published in London in 1816.” (p. 189)	Eliminação
--	---	------------

Quadro 71 - Mineiro/mineiras

“O historiador mineiro Pandiá Calógeras calculou em 135 milhões de libras esterlinas o	“Historian Pandiá Calógeras calculates the value of gold shipped to Portugal between	Eliminação
---	--	------------

¹⁶² “a person from the countryside who is considered to be awkward and stupid”

valor desse metal enviado para Portugal entre 1700 e 1801.” (p. 62)	1700 and 1801 as amounting to £135 million [...]” (p. 27)	
“Graças ao ouro e ao diamante que brotavam da terra, a população das cidades mineiras explodiu no século XVIII.” (p. 131)	“As a result of the gold and diamonds springing forth from the ground, the population of Minas exploded in the eighteenth century.” (p. 78)	Universalização limitada

Quadro 72 - Gaúcho/gaúchas

“Para fugir da censura, o <i>Correio Braziliense</i> , primeiro jornal brasileiro criado pelo jornalista gaúcho Hipólito José da Costa, em 1808, seria impresso e distribuído em Londres.” (p. 74)	“To escape censorship, Brazilian journalist Hipólito da Costa published the <i>Correio Braziliense</i> , Brazil’s first newspaper, in London in 1808.” (p. 37)	Universalização absoluta
“O traje era tão comum em São Paulo que durante muito tempo foi chamado de “paulista”, até cair em desuso pelo desaparecimento das tropas, passando então a ser considerado como típico do gaúcho no Rio Grande do Sul.” (p. 128)	“This apparel was so common in São Paulo that for many years it was called <i>paulista</i> , until falling into disuse with the disappearance of the troopers, and became typical of the gaúchos of Rio Grande do Sul.” (p. 75)	Repetição
“Na escola, quando abrissem seus livros de Geografia, as crianças gaúchas aprenderiam que a floresta amazônica é um santuário ecológico de um país distante, situado ao norte, na fronteira com a Colômbia, a Venezuela e o Peru.” (p. 328)	O trecho foi apagado na tradução.	Eliminação

Quadro 73 - Baiano/baiana/baianos

“A certa altura, ao descobrir que estava nas imediações do litoral baiano , D. João teria ordenado que os navios atracassem em Salvador.” (p. 106)	“At a certain point, the story goes, discovering that they were nearing the Bahian coast, Prince João ordered the ships to dock in Salvador.” (p. 58)	Adaptação ortográfica
“Se a escala baiana não foi acidental, que razões teria levado D. João a Salvador?” (p. 107)	O trecho foi apagado na tradução. (p. 236)	Eliminação

Em todos os outros nove momentos em que o item aparece no livro, incluindo a variação “baianos”, a adaptação ortográfica foi empregada, “Bahian” ou “Bahians”.

Quadro 74 - Paulista/paulistas

<p>“Em contra partida, ao viajar de férias para as paradisíacas praias da Bahia ou do Ceará, os paulistas teriam de providenciar passaportes e, eventualmente, pedir visto de entrada.” (p. 328)</p>	<p>O trecho foi apagado do livro na tradução. (p. 236)</p>	<p>Eliminação</p>
<p>“A vila de Itu, a cem quilômetros de São Paulo, era considerada a “boca do sertão”, antigo ponto de partida dos bandeirantes paulistas em direção ao interior ermo do Brasil.” (p. 122)</p>	<p>“The village of Itu, sixty miles from São Paulo, the last urban agglomeration offering comfort and regular communication with other regions, represented “the gateway to the backlands,” an early point of departure for Paulista trailblazers heading toward the deserted interior of the country.” (p. 70)</p>	<p>Adaptação ortográfica</p>
<p>“[...] autor de <i>A capital da solidão</i>, um excelente livro sobre a história da capital paulista.” (p. 127)</p>	<p>“[...] author of <i>The Capital of Solitude</i>, an excelente book about the history of the paulista capital.” (p. 74)</p>	<p>Repetição</p>

O item aparece mais vezes no livro:

- “Paulistas” está inserido em outro trecho que também é apagado e, por isso, consideramos outra eliminação;
- “Paulistas” foi modificado para “*paulista*” na frente de “men and women”, resultando em outra adaptação ortográfica, pelo fato da letra s ter sido apagada para ser utilizado similarmente a um gentílico em inglês, apesar de, dessa vez, não aparecer com a primeira letra maiúscula;
- “Paulista” passa por outra repetição em outro momento;
- Há um momento em que não é possível saber se “paulista” passa por repetição ou adaptação ortográfica, pois aparece com p maiúsculo, porém está em início de frase.

Quadro 75 - Sertanejo/sertanejos

<p>“Era, provavelmente, o último reduto nas imediações da capital de um Brasil sertanejo, ermo e inexplorado.” (p. 166)</p>	<p>“It was doubtless the last indigenous stronghold close to the capital of a Brazil desolate and unexplored.” (p. 114)</p>	<p>Eliminação</p>
<p>“Ao viajar pelo interior do Rio Grande do Norte, ficou impressionado com o isolamento dos sertanejos.” (p. 266)</p>	<p>“In the interior of Rio Grande do Norte, he noted the isolation of the Backlanders there.” (p. 190)</p>	<p>Universalização absoluta</p>

“Sertanejo” é mencionado mais uma vez no livro, e “sertanejos” é mencionado mais duas, porém não inserimos esses casos na análise por serem citações feitas pelo autor. Apesar disso, é interessante notar que, na primeira citação, “sertanejo” é traduzido para “Backlanders” (universalização absoluta) e, nas duas últimas citações, “sertanejos” é traduzido para “*Sertanejo*” e, depois, para “*Sertanejos*” (adaptações ortográficas, pela troca por s maiúsculo).

Quadro 76 - Paranaense/paranaenses

“Com ele começou a descolonização efetiva’, afirmou o escritor e crítico literário paranaense Wilson Martins.” (p. 327)	“‘In effect, he began the process of decolonization,’ claimed writer and literary critic Wilson Martins [...]” (p. 236)	Eliminação
--	---	------------

“Paranaenses” também aparece em outro momento no livro, em um trecho que foi apagado. Por isso, consideramos outra eliminação.

Quadro 77 - Pernambucano/pernambucana/pernambucanos/pernambucanas

“Se lançarmos os olhos para a Europa de 1807, veremos um extraordinário espetáculo’, escreveu o historiador pernambucano Manoel de Oliveira Lima.” (p. 39)	“‘If we were to cast our eyes over Europe in 1807, we would see an extraordinary spetacle,’ writes historian Manuel de Oliveira Lima. (p. 10)	Eliminação
“A República Pernambucana ” (p. 283)	“The Republic of Pernambuco ” (p. 203)	Universalização limitada
“Quando chegou aos Estados Unidos, com dinheiro arrecadado entre senhores de engenho, produtores de algodão e comerciantes favoráveis à república, os revolucionários pernambucanos já estavam sitiados pelas tropas leais à monarquia portuguesa.” (p. 284)	“By the time he arrived in America with funds collected from the masters of sugarcane plantations, cotton producers, and merchants favorable to a republic, troops loyal to the Portuguese crown had already besieged the Pernambucan rebels.” (p. 204)	Adaptação ortográfica

O item aparece em outros momentos do livro: em nove deles, a adaptação ortográfica foi empregada, “Pernambucan” ou “Pernambucans”; em um deles, a eliminação foi empregada; e, em dois deles, a universalização limitada foi empregada: “centro da capital pernambucana” torna-se “downtown Recife” e “cidades pernambucanas” tornam-se “cities in Pernambuco”.

Quadro 78 - Carioca/cariocas

“Um vento forte soprava do oceano para aliviar o calor ainda sufocante do final do verão carioca .” (p. 139)	“A strong wind blew off the ocean, alleviating the suffocating heat of the end of the carioca summer.” (p. 84)	Repetição
“Esforço inútil, porque bem ali perto fica o Sambódromo, onde, em todo Carnaval, uma escola insiste em lembrar que a escravidão faz parte da memória dos cariocas e brasileiros.” (p. 239)	“Suchwillful amnesia is futile, however, because nearby lies the Sambadrome, where each year at Carnival one of the samba school performances persists in remembering slavery as part of the history of Brazil.” (p. 169)	Eliminação
“Ao contrário do odiado Luís XVI, o rei do Brasil era amado e querido pelo povo carioca .” (p. 320)	“As much as the French mob had hated Louis XVI, so did the Brazilian people love João VI.” (p. 231)	Universalização absoluta

O item aparece em outros momentos no livro. Desses, doze são repetição (contando com uma citação) e um é eliminação. Nas repetições, está em itálico somente na primeira vez em que aparece.

A partir da categoria gentílicos, podemos considerar que há certo equilíbrio entre estratégias de conservação e de substituição. Desconsiderando as citações e o caso em que “paulista” causa dúvidas quanto a ter sofrido repetição ou adaptação ortográfica, a adaptação ortográfica é a estratégia mais utilizada (22 vezes), seguida da repetição (15 vezes), eliminação (12 vezes), universalização limitada (4 vezes) e universalização absoluta (3 vezes). Apesar das estratégias de conservação terem sido as mais usadas, acreditamos que, nesses casos em geral, não apresentam necessariamente um afastamento em relação ao público, já que a adaptação ortográfica já direciona o leitor para o fato de que se trata de um gentílico. Quanto aos itens que passam por repetição – “paulista” e “carioca” (e variações) –, estes remetem a dois estados do Brasil possivelmente conhecidos no exterior, além de “gaúcho”, caso em que o contexto ajuda a saber do que se trata.

4.12 ACONTECIMENTO HISTÓRICO

Acontecimentos históricos brasileiros.

Quadro 79 - Dia do Fico

“[...] a tempo de testemunhar o famoso Dia do Fico (9 de janeiro de 1822), em que D.	“[...] landing in time to witness the famous Dia do Fico (The day that I stay) on January 9,	Explicação intratextual
---	--	-------------------------

Pedro, então príncipe regente, decidiu permanecer no Brasil, recusando-se a acatar as ordens das Cortes portuguesas para que retornasse a Lisboa.” (p. 264)	1822, during which King João’s son Pedro, then prince regent, decided to remain in Brazil, refusing to comply with the orders of the Portuguese Cortes to return to Lisbon.” (p. 189)	
---	---	--

Quadro 80 - Guerra dos Mascates

“Além de sua importância econômica e política, os pernambucanos ganharam fama pelas lutas libertárias. A primeira e mais importante tinha sido a expulsão dos holandeses, em 1654. Meio século depois, na Guerra dos Mascates , aventou-se até a possibilidade de proclamar a independência de Olinda.” (p. 285)	“Aside from their political and economic importance, the Pernambucans earned a measure of fame for their freedom struggles. First and most importantly, they expelled the Dutch in 1654. Half a century later, during the Mascate War, a conflict between rival traders , the possibility of proclaiming the Independence of Olinda arose.” (p. 204-205)	Explicação intratextual
---	---	-------------------------

Quadro 81 - Guerra dos Farrapos

“As divergências regionais reapareceriam de tempos em tempos, de forma violenta, como na Confederação do Equador, de 1824, na Guerra dos Farrapos , em 1835, e na Revolução Constitucionalista, em 1932.” (p. 334)	“Regional divisions violently reappeared from time to time , as in the Confederation of the Equator in 1824, the War of the Ragamuffins in 1835, and the Constitutionalist Revolution of 1932. (p. 241)”	Tradução linguística (não cultural)
---	---	-------------------------------------

Quadro 82 - Revolta dos Alfaiates

“Havia sinais de descontentamento no ar. Uma tentativa de separação tinha acontecido dez anos antes, no movimento que ficou conhecido como Revolta dos Alfaiates .” (p. 108)	“An attempt at secession took place ten years earlier, in the 1798 Tailors’ Revolt , and signals of discontent still floated in the air.” (p. 59)	Explicação intratextual
“Na chamada Revolta dos Alfaiates , ocorrida em Salvador em meados de 1798, os revoltosos afixaram manifestos manuscritos nos lugares públicos da cidade exigindo ‘o fim do detestável jugo metropolitano de Portugal’, a abolição da escravidão e a igualdade para todos os cidadãos, ‘especialmente mulatos negros’.” (p. 137)	“In the so-called Tailors’ Conspiracy , which took place in Salvador in the middle of 1798, the rebels promulgated manifestos in public places, demanding ‘the end of the detestable metropolitan yoke of Portugal,’ the abolition of slavery, and equality for all citizens, ‘especially mulattos and negros.’” (p. 82)	Tradução linguística (não cultural)

O item é mencionado outras duas vezes no livro, e a estratégia de tradução linguística foi empregada, sendo traduzido para “Tailors’ Conspiracy”.

Quadro 83 - Conjuração Mineira

<p>“Era a época da Revolução Francesa, da Independência Americana e da Conjuração Mineira, o movimento de independência de Minas Gerais que transformaria o alferes José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, em herói nacional.” (p. 135)</p>	<p>“It was the era of the French Revolution, American Independence, and the Conjuração Mineira – the Independence movement in Minas Gerais that transformed the ensign Joaquim da Silva Xavier, better known as Tiradentes, into a national hero.” (p. 81)</p>	<p>Repetição</p>
---	---	------------------

O item é mencionado outras duas vezes no livro, e a estratégia de repetição também foi empregada.

Quadro 84 - Revolução Pernambucana

<p>“Pelo plano de Cabugá, Napoleão seria retirado da ilha na calada da noite e transportado ao Recife, onde comandaria a revolução pernambucana para, em seguida, retornar a Paris e reassumir o trono de imperador da França.” (p. 284)</p>	<p>“According to Cabugá’s plan, Napoleon would travel from the island in the still of the night to Recife, capital of Pernambuco, where he would command the Pernambucan revolution, after which he would return to Paris and reassume the throne as emperor of France.” (p. 203)</p>	<p>Adaptação ortográfica e tradução linguística (não cultural)</p>
---	--	--

O item é mencionado outras três vezes no livro, e a união de adaptação ortográfica com tradução linguística também foi empregada, porém as traduções variam: contando com o trecho exposto, foi traduzido duas vezes para “Pernambucan revolution” e duas vezes para “Pernambucan revolt” (em uma dessas vezes, com as duas iniciais maiúsculas, porém isso também ocorre no correspondente original).

Quadro 85 - Confederação do Equador

<p>“Esse mesmo comportamento os Estados Unidos teriam sete anos mais tarde, ao recusar ajuda aos revolucionários da Confederação do Equador, liderada pelo carmelita Frei Caneca.” (p. 288)</p>	<p>“America repeated this same behavior seven years later, refusing to help the rebels in the Confederation of the Equator, a movement led by a Carmelite friar known as Brother Mug.” (p. 206)</p>	<p>Tradução linguística (não cultural)</p>
--	--	--

O item é mencionado outras três vezes, e a tradução linguística também foi empregada.

Quadro 86 - Revolução Constitucionalista

“Em meio à revolução constitucionalista de março de 1821, foi preso e teve seus bens confiscados.” (p. 194)	Amid the constitutional revolution of March 1821, he was imprisoned and his possessions were confiscated.” (p. 136)	Tradução linguística (não cultural)
--	--	-------------------------------------

O item é mencionado uma outra vez, e a tradução linguística também foi empregada, porém trata-se de outra tradução: “Constitutionalist Revolution” (o fato de o item estar com as iniciais maiúsculas em um momento e minúsculas em outro também ocorre no texto original).

Nesta categoria, são utilizadas apenas estratégias de conservação: a tradução linguística é a mais utilizada (quatorze vezes), seguida pela adaptação ortográfica (quatro vezes), explicação intratextual (três vezes) e repetição (três vezes). Consideramos válidas as estratégias utilizadas e, em geral, já é possível compreender um pouco sobre esses acontecimentos pelo contexto. Comentaremos agora alguns casos em específico:

- Quanto aos itens que passaram por traduções diferentes, acreditamos que, por uma questão de clareza, a não ser que o contexto transmita essa clareza, é importante traduzi-lo sempre da mesma forma. Aqui podemos lembrar a questão do nível de especialidade textual visto no primeiro capítulo: trata-se de um território híbrido, em que um texto jornalístico está abordando uma área do conhecimento. Poderíamos encarar esses acontecimentos históricos como termos da área de História, estaríamos então tratando de variação terminológica na tradução. Essa variação pode ser consequência da própria maleabilidade do texto jornalístico por um lado, porém, por outro, é possivelmente mais familiar ao leitor especialista do que ao leitor leigo;
- A explicação intratextual dada a “Dia do Fico” pode ser traduzida literalmente para “o dia que eu fico”;
- A explicação intratextual dada a “Mascate War” pode ser traduzida literalmente para “um conflito entre comerciantes rivais”. Como Franco Aixelá (2013), ao discorrer sobre a explicação intra e extratextual, aponta que essas estratégias englobam a repetição, a adaptação ortográfica ou a tradução linguística adicionadas a uma informação, classificamos esse caso somente como explicação intratextual (isso também vale para outras traduções analisadas). Poderíamos, assim, ter classificado

esse caso também como adaptação ortográfica (pela supressão do “s” de “Mascates”) e tradução linguística;

- No dicionário online *Oxford Living Dictionaries*, com o filtro “Dictionary (US)”, consta a seguinte paráfrase explanatória de “ragamuffin”, palavra usada na tradução de “Guerra dos Farrapos”: “uma pessoa, geralmente uma criança com roupas em farrapos e sujas”¹⁶³;
- Como, na primeira tradução apresentada de “Revolta dos Alfaiates”, há o acréscimo de “1798”, consideramos isso motivo suficiente para considerar explicação intratextual.

4.13 LOCAIS

Locais naturais ou construídos pertencentes ao Brasil ou que mantêm uma forte ligação com a história brasileira.

Quadro 87 - Oca indígena

“As casas não mais eram do que adaptações da oca indígena .” (p. 127)	“Homes were little more than adptations of ocas, traditional indigenous dwellings .” (p. 74)	Explicação intratextual
--	---	-------------------------

Quadro 88 - Sambódromo

“Esforço inútil, porque bem ali perto fica o Sambódromo , onde, em todo Carnaval, uma escola insiste em lembrar que a escravidão faz parte da memória dos cariocas e brasileiros.” (p. 239)	“Such willful amnesia is futile, however, because nearby lies the Sambadrome , where each year at Carnaval one of the samba school performances persists in remembering slavery as part of the history of Brazil.” (p. 169)	Adaptação ortográfica
--	--	-----------------------

Quadro 89 - Quilombos

“O major também comandou pessoalmente vários assaltos a quilombos montados por escravos fugitivos nas florestas ao redor do Rio de Janeiro.” (p. 234-235)	“The major personally commanded various attacks on quilombos – Maroon settlements – established by runaway slaves in the forests surrounding Rio de Janeiro.” (p. 166)	Explicação intratextual
“Quase um século antes, em março de 1741, em resposta a um pedido dos mineiros da Província de Minas Gerais, a coroa portuguesa tinha ordenado que todos os negros	“Nearly a century earlier, in March 1741, responding to a request by the miners of Minas Gerais, the crown ordered that all runaway slaves found on quilombos , ‘if they were there	Repetição

¹⁶³ “1 A person, typically a child, in ragged, dirty clothes”

que fossem achados em quilombos , ‘estando neles voluntariamente’, deveriam ser marcados com um F (de fugido) nas costas sobre o ombro.” (p. 252-253)	voluntarily,’ should be branded with an F, for fugitive, on their upper backs.” (p. 180)	
--	--	--

O item é mencionado também em um outro momento no livro e, a estratégia de repetição foi empregada. O itálico é usado somente na primeira vez em que o item é mencionado.

Quadro 90 - Sertão/sertões

“Ao se embrenhar pelas selvas da Amazônia, tinham ido mais longe do que qualquer outro viajante no sertão brasileiro.” (p. 272)	“Trekking through the Amazonian wilderness, they had gone further than any other traveler in the Brazilian interior .” (p. 195)	Universalização absoluta
--	--	--------------------------

O item é mencionado outras cinco vezes no livro, porém duas delas são citações. Em todas essas vezes, a universalização absoluta também foi empregada. Diferentemente do trecho exposto no quadro, no entanto, “sertão” e “sertões” são traduzidos para “backlands” nesses outros momentos.

Nesta categoria, o item mais utilizado é a universalização absoluta (quatro vezes, sem contarmos as citações), por conta do item “sertão”/“sertões”. Para os outros casos, estratégias de conservação foram usadas: explicação intratextual (duas vezes), repetição (duas vezes) e adaptação ortográfica (uma vez). De modo geral, os resultados são de textos acessíveis, com explicações, ajuda do próprio contexto ou palavras mais próximas do público-alvo.

Acreditamos, apenas, que seria melhor padronizar a tradução de “sertão”/“sertões” se há o intuito de utilizar a universalização absoluta, ou seja, utilizar sempre ou “interior” ou “backlands”. As duas palavras transmitem a ideia de local afastado, porém são duas palavras diferentes para um mesmo item: se não forem traduzidas sempre da mesma forma, o leitor pode não perceber que se trata do mesmo lugar em duas passagens diferentes. Por exemplo, o trecho “antes dele, nenhum estrangeiro atravessara o sertão do Nordeste, do Recife a Fortaleza, em época de seca [...]” pode dar uma ideia da localização do sertão. Traduzido para “before him, no Foreigner had ever crossed the backlands of the Northeast, from Recife to Fortaleza in dry season [...]”, essa mesma ideia, na tradução, referente à palavra

“backlands”, permanece. “Interior”, por ser uma palavra diferente, poderá não provocar a mesma associação com esses locais.

4.14 OCUPAÇÕES/ETNIAS

Ocupações e etnias ligadas ao Brasil.

Quadro 91 - Bandeirantes

<p>“A vila de Itu, a cem quilômetros de São Paulo, era considerada a “boca do sertão”, antigo ponto de partida dos bandeirantes paulistas em direção ao interior ermo do Brasil.” (p. 122)</p>	<p>“The village of Itu, sixty miles from São Paulo, the last urban agglomeration offering comfort and regular communication with other regions, represented “the gateway to the backlands,” an early point of departure for Paulista trailblazers heading toward the deserted interior of the country.” (p. 70)</p>	<p>Universalização absoluta</p>
---	--	---------------------------------

Quadro 92 - Botocudos

<p>“Numa outra decisão pitoresca, declarou guerra contra os índios Botocudos [...]” (p. 219)</p>	<p>“In another quaint decision, he officially declared war on the Botocudo Indians [...]” (p. 155)</p>	<p>Repetição</p>
---	---	------------------

“Botocudos” é mencionado em outro momento no livro, em uma citação, em que a estratégia de repetição também foi empregada.

Quadro 93 - Miranhas

<p>“O índio João Manoel era um imperador da selva. Chefe da tribo dos miranhas, constituído por 6000 índios nos cálculos dos dois pesquisadores, Manoel havia escravizado os povos vizinhos.” (p. 271)</p>	<p>“João Manoel, an emperor of the wilderness. Chief of the Miranhas, a native group with a population estimated at six thousand by the researchers, Manoel had enslaved a neighboring tribe.” (p. 194-195)</p>	<p>Adaptação ortográfica</p>
---	--	------------------------------

“Miranhas” é mencionado em outro momento do livro, e a adaptação ortográfica também foi empregada.

Quadro 94 - Capitão-do-mato/capitães-do-mato

<p>“A tarefa de recapturar os escravos foragidos estava confiada aos capitães-do-mato.” (p. 254)</p>	<p>“Woodsmen often had the task of capturing runaway slaves.” (p. 181)</p>	<p>Universalização absoluta</p>
---	---	---------------------------------

Nas outras três vezes em que é mencionado, sendo uma delas citação, a universalização absoluta também foi empregada.

Quadro 95 - Negros forros

“1000 negros forros (libertos)” (p. 156)	“1,000 freed blacks ” (p. 103)	Tradução linguística (não cultural)
“Havia no Rio de Janeiro centenas de ex-escravos, os chamados negros forros .” (p. 255)	“Rio de Janeiro had hundreds of manumitted of freed slaves, called forros .” (p. 181)	Eliminação e repetição

O item é mencionado em outro momento do texto, passando também por eliminação e repetição, do mesmo modo que o segundo trecho apresentado.

Quadro 96 - Lutadores de capoeiras

“Os negros poderiam ser presos apenas por assoviarem o ritmo da capoeira ou por usarem casquete com fitas amarelas e encarnadas — símbolo dos lutadores de capoeiras — ou ainda por carregarem instrumentos musicais utilizados nesses encontros.” (p. 232)	“Blacks could be arrested simply for whistling the rhythm of capoeira, wearing caps with yellow and Scarlet ribbons – a symbol of capoeira matches – and even carrying musical instruments used in these events.” (p. 164)	Repetição e criação autônoma
--	---	------------------------------

Quadro 97 - Escravos de ganho/negros de ganho

“Os escravos de ganho faziam de tudo: iam às compras, buscavam água, removiam o lixo, levavam e traziam recados e serviam de acompanhantes para as mulheres quando iam à igreja.” (p. 248-249)	“ Moonlighting slaves did evething: fetched water, did the shopping, removed garbage, delivered and collected messages, and accompanied women to church.” (p. 176)	Universalização absoluta e tradução linguística (não cultural)
Segundo ela, o sistema era rentável, pois havia “senhores” que viviam apenas do trabalho de um ou dois “ negros de ganho ”. (p. 249)	“According to Algranti, the system proved profitable: Some masters lived solely on the labor of one or two “ profit-blacks ”. (p. 177)	Tradução linguística (não cultural)

“Escravos de ganho” é mencionado outra vez no livro, e a universalização absoluta e a tradução linguística também foram empregadas, do mesmo modo que o primeiro trecho apresentado. Podemos mencionar também que há a imagem de uma pintura chamada “Pretos de ganho” e, no nome da pintura, foi empregada a repetição no livro traduzido. A imagem também traz a seguinte legenda: “os ‘pretos de ganho’: escravos que os donos exploravam

como vendedores ambulantes nas ruas do Rio de Janeiro” (GOMES, 2007¹⁶⁴). A tradução dessa legenda ficou: “exploited by their owners, slaves moonlight for profit as itinerant vendors in the streets of Rio de Janeiro” (GOMES, 2013, p. 177), consideramos que, nesse caso, houve uma descrição, técnica de Hurtado Albir (2011).

Desconsiderando citações e imagens, acreditamos que nesta categoria há certo equilíbrio entre estratégias de conservação e estratégias de substituição. A universalização absoluta é a mais utilizada (seis vezes), depois seguem as estratégias de repetição (três vezes), tradução linguística (três vezes), eliminação (três vezes), adaptação ortográfica (duas vezes) e criação autônoma (uma vez). O livro em português já é bastante didático e isso se mantém em muitos momentos na tradução. Iremos comentar agora alguns casos em específico:

- A palavra “trailblazers”, que pode ser traduzida para “pioneiros” ou “desbravadores”, cobre somente alguns traços do significado de ‘bandeirantes’, por isso é uma universalização absoluta;
- A palavra “woodsman”, pesquisada no *New Oxford American Dictionary* e no *Merriam-Webster*, também não apresenta significados precisos em relação a “capitão-do-mato”. “Woodsman” pode ser traduzido para “homem da floresta”, “lenhador”, “caçador”, entre outras palavras que remetam a pessoas que trabalham e/ou vivem na floresta. É questionável o modo como a informação chega ao leitor estadunidense: ele pode pensar que esses homens da floresta também capturavam escravos. Para a tradução de “capitães-do-mato”, sugerimos “slave catchers”, expressão existente na língua inglesa e que remete à mesma função.
- “Moonlighting”, segundo o dicionário *Merriam-Webster*, pode significar a ação de ter um segundo trabalho adicionalmente a um trabalho regular. Assim, tem apenas uma breve aproximação com o significado original. Neste caso, apesar de encontramos traduções diferentes, “moonlighting slaves” e “profit-blacks”, é possível saber pelo contexto que as duas expressões remetem a um mesmo significado. Além disso, o sistema de ganho é explicado no livro. O começo da explicação, “outra forma de escravidão que se desenvolveu, paralela ao trabalho de aluguel, foi o sistema de ganho” (GOMES, 2007, p. 248), é traduzido para “another variation of slavery developed in the form of moonlighting ‘for-profit’ slaves” (GOMES, 2013, p. 176). “Profit” pode ser traduzido para “ganho”.

¹⁶⁴ Sem número de página.

Por fim, algumas traduções foram classificadas com duas estratégias, pois não consideramos possível escolher uma que se sobressaísse.

4.15 LÍNGUAS

Línguas que se formaram no Brasil.

Quadro 98 - Tupi

<p>“O tupi foi a língua mais falada em São Paulo até o começo do século XVIII, quando o português se tornou o idioma dominante.” (p. 127)</p>	<p>“Tupi, a native language, was the most widely spoken language in São Paulo, even by Europeans, until the eighteenth century, when Portuguese became the dominant language.” (p. 74)</p>	<p>Explicação intratextual</p>
--	---	--------------------------------

Quadro 99 - Tupi-guarani

<p>“Inteligente e perspicaz, registrou tudo que fez e viu no Brasil. Além de seus relatos de viagem, fez um dicionário de tupi-guarani.” (p. 155)</p>	<p>“Intelligent and discerning, he recorded everything he saw and did in Brazil. In addition to his travel reports, he compiled a dictionary of the Tupi-Guarani language.” (p. 102)</p>	<p>Explicação intratextual</p>
--	---	--------------------------------

Quadro 100 - Língua geral

<p>“Como não sabia falar português, comunicava-se na língua geral, idioma comum da maioria das tribos indígenas do Brasil nessa época.” (p. 271)</p>	<p>“Manoel didn’t speak Portuguese, so they communicated in the lingua-geral, a common idiom among the majority of indigenous tribes of Brazil at this time”. (p. 195)</p>	<p>Adaptação ortográfica</p>
---	---	------------------------------

O item “língua geral” é mencionado também em outro momento no livro, porém trata-se de uma citação. Ainda assim, é válido mencionar que, na tradução, encontramos “Nheengatu, the *lingua-geral*, or indigenous-based lingua franca” (GOMES, 2013, p. 74), uma explicação intratextual.

Nesta categoria, temos resultados acessíveis. Desconsiderando a citação, duas vezes explicação intratextual e uma vez adaptação ortográfica, porém nesta o item já é explicado no texto original e isso se mantém. Encontramos estratégias de conservação em todos os casos.

4.16 MEIOS DE COMUNICAÇÃO ESCRITA

Aqui incluímos nomes de jornais mencionados no livro. Como o autor cita muitos livros, muitas vezes para mencionar outras pesquisas, também seria possível incluir os nomes desses livros. Por motivos de espaço, reduzimos a categoria aos jornais, porém sugerimos que, em geral, se forem livros que já foram traduzidos para o inglês, a tradução seja o mesmo nome já traduzido. Se ainda não tiverem uma tradução para o inglês, que o nome em português seja mantido com uma tradução para o inglês ao lado. Assim, os leitores estadunidenses poderiam saber quais livros são e quais seus temas com mais facilidade. Contudo, é possível encontrar outras formas de solucionar essa questão. Como exemplo, podemos mencionar a tradução do livro “A capital da solidão”, de Roberto Pompeu de Toledo. Traduzido para “The capital of solitude” no livro “1808”, não o encontramos como um livro existente na língua inglesa. Ainda assim, “1808” traz as referências das fontes consultadas, com notas que direcionam o leitor para o final do livro. Neste caso, o leitor pode encontrar o livro com o título em português nessa parte final em “1808: The Flight of the Emperor” também.¹⁶⁵

Quadro 101 - Diário Fluminense

“Insatisfeito com o serviço, demitiu-o depois de algum tempo e colocou um anúncio no <i>Diário Fluminense</i> procurando ‘uma negra que soubesse lavar e passar a ferro’.” (p. 248)	“Unsatisfied with the man’s service, he fired him and after some time advertised in the <i>Fluminense Daily</i> for ‘a negress that knows how to wash and iron.’” (p. 176)	Repetição e tradução linguística (não cultural)
---	--	---

Quadro 102 - Jornal do Comércio

“Marrocos morreu em 17 de dezembro de 1838, notícia registrada de forma lacônica na edição do dia seguinte pelo <i>Jornal do Comércio</i> [...]” (p. 344)	“Luiz dos Santos Marrocos died on December 17, 1838, news laconically recorded in the next day’s edition of the <i>Journal of Commerce</i> [...]” (p. 248)	Tradução linguística (não cultural)
---	--	-------------------------------------

Quadro 103 - Correio Braziliense/Correio

“Para fugir da censura, o <i>Correio Braziliense</i> , primeiro jornal brasileiro criado pelo jornalista gaúcho Hipólito José da Costa, em 1808, seria impresso e distribuído em Londres.” (p. 75)	“To escape censorship, Brazilian journalist Hipólito da Costa published the <i>Correio Braziliense</i> , Brazil’s first newspaper, in London in 1808.” (p. 37)	Repetição
--	--	-----------

¹⁶⁵ O exemplo mencionado refere-se à página 127 de “1808” e às páginas 74 (“The capital of solitude”) e 270 (referência com o nome do livro em português) de “1808: The Flight of the Emperor”.

“O Correio Braziliense , que não apoiou a Independência brasileira, deixou de circular em dezembro de 1822.” (p. 136)	O trecho em que o item está inserido foi apagado. (p. 81)	Eliminação
“Esse número incluía periódicos ingleses, como o já venerável <i>The Times</i> , e também uma infinidade de jornais em língua estrangeira, ali publicados para fugir à censura e à perseguição em seus países de origem, caso do brasileiro Correio Braziliense , de Hipólito da Costa.”(p. 205-206)	“This number included English periodicals, such as the venerable <i>Times</i> , as well as a plethora of foreign language newspapers, published there to evade censorship and persecution in their countries of origin, as was the case of the Correio Braziliense .” (p. 146)	Elisão

“Correio Braziliense” é mencionado no livro mais oito vezes, e “Correio” é mencionado mais duas. Em todas elas, ocorre a estratégia de repetição.

Quadro 104 - Gazeta do Rio de Janeiro/Gazeta

“A Gazeta do Rio de Janeiro , primeiro jornal publicado em território nacional, começou a circular no dia 10 de setembro de 1808 [...]” (p. 217)	“The Rio de Janeiro Gazette , the first newspaper published on Brazilian soil, began circulation on September 10, 1808 [...]” (p. 154)	Repetição e tradução linguística (não cultural)
“Hipólito da Costa, que lançou o seu <i>Correio Braziliense</i> em Londres três meses antes da estréia da Gazeta no Rio de Janeiro, reclamava [...]” (p. 217)	“Hipólito da Costa, who launched the <i>Correio Braziliense</i> in London three months before the premiere of the Gazette in Rio de Janeiro, complained [...]” (p. 154)	Repetição

“Gazeta do Rio de Janeiro” é mencionado mais uma vez no texto, e as estratégias de repetição e de tradução linguística também foram empregadas. “Gazeta” é mencionado mais duas vezes, e a estratégia de repetição também foi empregada.

Nesta categoria, há um maior uso de estratégias de conservação: a repetição ocorre dezessete vezes, a tradução linguística ocorre quatro e a eliminação, estratégia de substituição, ocorre uma. Houve também um momento em que classificamos uma tradução como elisão, técnica de Hurtado Albir (2011). Conforme mencionamos anteriormente, a elisão consiste no apagamento de elementos de informação do texto original. Como os elementos “caso do brasileiro” e “de Hipólito da Costa”, no terceiro trecho apresentado, referente ao item “Correio Braziliense”, podem ser considerados elementos de informação e não estão na tradução, classificamos esse caso como elisão. Apesar do texto traduzido não ser tão didático quanto o original nesse momento, não consideramos isso um problema, pois trata-se de informações que estão presentes no texto também em outro momento.

De modo geral, consideramos válidas as estratégias utilizadas. Além disso, os contextos ajudam o leitor a compreender os itens. Não consideramos possível escolher uma estratégia que se sobressaísse para alguns casos, por isso os classificamos com duas. Por fim, quanto ao caso de eliminação, acreditamos que o tradutor poderia ter traduzido o trecho, não encontramos motivos para apagá-lo.

No total, estratégias de conservação foram empregadas 245 vezes, e estratégias de substituição foram empregadas 113 vezes. Apresentamos abaixo as estratégias, da mais utilizada à menos utilizada:

Tabela 1 – Frequência das estratégias utilizadas na tradução da obra “1808”

Estratégias	Ocorrências/frequência
Repetição	122 vezes
Tradução linguística	69 vezes
Universalização absoluta	37 vezes
Naturalização	36 vezes
Adaptação ortográfica	34 vezes
Eliminação	25 vezes
Explicação intratextual	20 vezes
Sinônimo	10 vezes
Universalização limitada	4 vezes
Criação autônoma	1 vez
	Total: 358

Também devemos mencionar o caso em que não há como saber se se trata de adaptação ortográfica ou repetição, pois “paulista” consta com a primeira letra maiúscula na tradução, porém a palavra está seguida de um ponto final. Além disso, classificamos duas soluções tradutórias como técnicas de Hurtado Albir (2011), uma elisão e uma descrição. A explicação extratextual não é empregada nenhuma vez. A obra apresenta muitas notas referentes às fontes consultadas pelo autor, acrescentar notas de tradutor poderia tornar exaustiva a quantidade de notas.

A separação entre estratégias de conservação e estratégias de substituição pode dar a impressão de que uma tradução, para ser mais didática, não apresentará muitas estratégias de conservação, porém acreditamos que isso não é necessariamente verdade. A tradução linguística, a explicação intratextual e a adaptação ortográfica parecem colaborar para a produção de um texto acessível também em inglês. Quanto à repetição, notamos que, muitas vezes, ocorre em contextos que já ajudam o leitor a compreender o item.

Tratando-se de um livro-reportagem sobre a história do Brasil, acreditamos ser satisfatório o maior uso de estratégias de conservação, considerando-se ainda que essas estratégias, em geral, não parecem tornar o texto tão distante do público estadunidense.

Assim, a análise nos mostrou que a tradução da obra “1808” respeita as características do gênero textual, além de apresentar elementos direcionados ao público-alvo e que apontem para aquilo que consideramos como função da obra (transmitir essa história de modo didático) e como finalidade dessa tradução (transmitir essa história de modo didático para leitores estadunidenses).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi analisar escolhas tradutórias de ICEs presentes na tradução, do português brasileiro para o inglês estadunidense, da obra “1808”, de Laurentino Gomes, buscando identificar fatores que podem guiar um tradutor em direção a suas escolhas. Quanto aos objetivos específicos, estes foram (a) descrever essas escolhas tradutórias, (b) refletir sobre essas escolhas e (c) apontar, em alguns casos, a possibilidade de outras escolhas tradutórias, além das encontradas na obra, para os ICEs. Todos os objetivos foram alcançados. Para tanto, abordamos, inicialmente, o perfil do nosso objeto de estudo: o tema, o autor, o tradutor, o público-alvo, além de tratarmos do gênero textual livro-reportagem, com base em Lima (1969), Lima (1993, 2009) e Pena (2006), e do grau de especialidade textual da obra “1808”, revelado como baixo, com base nos níveis de análise propostos por Ciapuscio (2003). Esse passo inicial nos permitiu conhecer aspectos de nosso objeto de estudo que, mais adiante, serviram de suporte para nossa análise.

Voltamos nosso estudo, então, para algumas considerações acerca do conceito de tradução que desejávamos adotar. Escolhemos o conceito de tradução de Hurtado Albir (2011), a qual preza o gênero textual, o público-alvo e a finalidade na tradução. Também consideramos o conceito de função de Christiane Nord (2016). Além disso, discorremos sobre o termo “itens culturais-específicos” de Franco Aixelá (2013), utilizado na análise posteriormente, e verificamos a importância de compreender cada termo utilizado para denominar palavras e expressões sem referentes na língua-alvo. Abordar as estratégias de tradução de Franco Aixelá (2013) – divididas em estratégias de conservação e de substituição – e as técnicas de Hurtado Albir (2011) também foi necessário para mais tarde as utilizarmos na análise.

Os passos metodológicos consistiram no levantamento manual de candidatos a ICE presentes na obra “1808”; na separação dos candidatos por categorias culturais, a partir de uma avaliação entre as categorias de Espindola (2005), de Franco Aixelá (2013) e da observação de nossos ICEs; no levantamento manual das traduções dos candidatos; e na filtragem dos candidatos para chegarmos aos ICEs. Após cumprirmos esses passos, partimos para a análise, na qual observamos as escolhas tradutórias, sempre considerando o gênero textual, o público-alvo a finalidade da tradução e a função textual, e concluímos que essas escolhas estão de acordo com esses fatores. Estratégias de conservação foram empregadas mais vezes (245 vezes) do que estratégias de substituição (113 vezes) – a repetição é a estratégia mais utilizada (122 vezes) e a criação autônoma, a menos utilizada (1 vez) –, esse

resultado pode transmitir a ideia de que se trata de uma tradução pouco acessível, porém não é o caso. Consideramos a tradução da obra “1808” acessível, mesmo apresentando um maior número de estratégias de conservação, já que essas estratégias também podem contribuir para isso: a repetição, por exemplo, às vezes é utilizada quando o ICE está sendo explicado já no texto em português ou o contexto já fornece alguma ideia sobre o que se trata (lembramos que o texto original já é acessível).

Os resultados apontaram também uma dúvida em uma classificação, devido à pontuação do texto, duas técnicas de Hurtado Albir (2011), uma elisão e uma descrição, e o fato de que a explicação extratextual não é empregada nenhuma vez, acreditamos que isso seja bom, devido à grande quantidade de notas de rodapé que o a obra já apresenta. Consideramos satisfatória a tradução da obra “1808”, já que, como mencionamos, respeita o gênero textual livro-reportagem, parece adequado ao público-alvo e está de acordo com o que entendemos pela função da obra e finalidade da tradução, transmitir essa história de modo didático e fazer isso para leitores estadunidenses respectivamente.

Nossa hipótese – se os ICEs não têm um referente em inglês e o público estadunidense, em geral, conhece pouco a história do Brasil, o tradutor pode se servir de recursos que podem tornar o texto mais acessível para o leitor –, portanto, foi confirmada: como exemplo, podemos mencionar a naturalização, uma estratégia que o tradutor pode utilizar quando deseja tornar o texto mais acessível, aproximando-o da realidade de seu leitor. Apesar de somente os leitores estadunidenses poderem afirmar se se depararam com um texto acessível na obra “1808”, é possível observar se uma tradução tem um caráter didático ou não.

Em geral, o modelo de estratégias de tradução apresentado por Franco Aixelá (2013) funcionou na análise desta tradução, no par linguístico português-inglês, pois consideramos necessário recorrer às técnicas de Hurtado Albir (2011) em somente dois momentos. No restante da análise, sempre encontramos a possibilidade de utilizar o modelo de Franco Aixelá (2013). Além disso, a separação proposta pelo autor, entre estratégias de conservação e estratégias de substituição se mostrou bastante útil para a organização da análise e para o debate sobre o caráter didático e acessível do texto. As palavras selecionadas partiram de intuição, e a pesquisa veio a confirmar ou descartar essas palavras como ICEs, porém não esgotamos o levantamento, podendo haver outras palavras no livro “1808” que possam ser reconhecidas como itens que se inserem nos tipos de itens analisados, além daquelas que mencionamos que não iríamos incluir na análise.

Esperamos, com esta pesquisa, contribuir na área de estudos de tradução, bem como na união da pesquisa acadêmica com o trabalho prático do tradutor, de modo que um possa auxiliar o outro e vice-versa. Há ainda outros ICEs que podem ser analisados em pesquisas futuras. Os pontos aqui abordados também podem ensejar pesquisas que visem à análise de ICEs em outros gêneros textuais, destinados a outros perfis de leitores, além de impulsionar a criação de glossários bilíngues relacionados ao tema, de trabalhos com o intuito de relacionar a grande quantidade de ICEs parecidos em diferentes línguas, apontando suas semelhanças e diferenças conforme a cultura em que estão inseridos, como um material de apoio ao tradutor, entre outras possibilidades.

REFERÊNCIAS

- AMANDA. **Chef notes:** Piloncillo or ‘Mexican brown sugar’. Sweet Potato Chronicles, 2013. Disponível em <<http://sweetpotatochronicles.com/2013/02/chef-notes-piloncillo-or-mexican-brown-sugar/>>. Acesso em 07 jul. 2017.
- ANGU. In: ALGRANTI, Marcia. Pequeno Dicionário da Gula. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 40-41.
- ANGU. In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/ANGU>>. Acesso em: 05 jul. 2017.
- ANGU. In: VIEIRA, Elenara Vieira de; CÂNDIDO, Índio. Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 26.
- BACALHAU. In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/bacalhau>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- BERTOLDI, Anderson. **Semântica de *Frames* e tradução:** um estudo da equivalência de termos culturalmente marcados. Letras & Letras, Uberlândia, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33045/18694>>. Acesso em 20 set. 2016.
- BRITTLE. In: Oxford *Living* Dictionaries. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/brittle>>. Acesso em: 06 jul. 2017.
- BUMPKIN. In: Cambridge American English Dictionary. [Cambridge]: Cambridge University Press, c2017. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/bumpkin>>. Acesso em: 12 jul. 2017.
- CACHAÇA. In: ALGRANTI, Marcia. Pequeno Dicionário da Gula. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 98.
- CACHAÇA. In: Cambridge American English Dictionary. [Cambridge]: Cambridge University Press, c2017. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/cachaca?q=cacha%C3%A7a>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CACHAÇA. In: Macmillan Dictionary. [Londres]: Macmillan Publishers Limited, c2009-2017. Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/spellcheck/british/?q=cacha%C3%A7a>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CACHAÇA. In: Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/cacha%C3%A7a>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CACHAÇA. In: Oxford *Living* Dictionaries. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/cachaca>>. Acesso em: 10 jul.

2017.

CAIPIRA In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/caipira>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

CAJU. In: VIEIRA, Elenara Vieira de; CÂNDIDO, Índio. Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 78.

CARÁ. In: ALGRANTI, Marcia. Pequeno Dicionário da Gula. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 108.

CARÁ. In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/car%C3%A1>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CARÁ. In: Cambridge American English Dictionary. [Cambridge]: Cambridge University Press, c2017. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/spellcheck/english/?q=car%C3%A1>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CARÁ. In: Macmillan Dictionary. [Londres]: Macmillan Publishers Limited, c2009-2017. Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/spellcheck/british/?q=car%C3%A1>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CARÁ. In: Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/car%C3%A1>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CARÁ. In: Oxford *Living* Dictionaries. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/cara_sposa>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CARÁ. In: VIEIRA, Elenara Vieira de; CÂNDIDO, Índio. Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 86.

CARNE-SECA. In: ALGRANTI, Marcia. Pequeno Dicionário da Gula. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 113.

CARNE-SECA. In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/CARNE-SECA>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

CARNE-SECA. In: VIEIRA, Elenara Vieira de; CÂNDIDO, Índio. Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 89.

CARR, Karin. **Métodos y técnicas de traducción de los culturemas en la versión española de Skumtimmen, de Johan Theorin**. Universidade de Estocolmo, 2013. Disponível em: <<http://www.diva-portal.se/smash/get/diva2:630865/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2016.

CASHEW. In: Oxford *Living* Dictionaries. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/cashew>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CASSAVA. In: New Oxford American Dictionary. Apple Inc, c2005-2011. [Software, versão 2.2.1].

CHANCACA. In: Real Academia Española, *Diccionario de la lengua española*. 23.ed. Madri: Espasa, [2015?]. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=8XFp8SV>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

CHARQUE. In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/CHARQUE>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

CHARQUE. In: VIEIRA, Elenara Vieira de; CÂNDIDO, Índio. *Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 99.

CIAPUSCIO, Guiomar E. **Textos Especializados y Terminología**. Barcelona: IULA, 2003.

CODFISH. In: Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/codfish>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

CODFISH. In: New Oxford American Dictionary. Apple Inc, c2005-2011. [Software, versão 2.2.1].

CORNMEAL. In: Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/cornmeal>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

CORNMEAL. In: Oxford *Living* Dictionaries. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/cornmeal>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

Corpus of Contemporary American English, [1990-2015?] Disponível em: <<https://corpus.byu.edu/coca/>>. Acesso em 07 jul. 2017.

CRUZADO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. p. 171.

CUSH-CUSH. In: Oxford *Living* Dictionaries. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/cush-cush>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

DEGOES, Plinio T. **The 1824 Confederation of the Equator and Cultural Production in Brazil**. 2015. 181 f. Doctoral dissertation – Graduate School of Arts & Sciences, Harvard University, Cambridge, 2015.

EGG NOG. In: ROVIRA, Dolf De. *Dictionary of Flavors*. 3.ed. Chinchester: John Wiley & Sons Ltd, 2017.

EIGHTH. In: Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/eighth>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

EIGHTH. In: New Oxford American Dictionary. Apple Inc, c2005-2011. [Software, versão 2.2.1].

ESPINDOLA, Elaine. **The use and abuse of subtitling as a practice of cultural representation: Cidade de Deus and Boyz 'n the Hood.** 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FARINHA DE MANDIOCA. In: ALGRANTI, Marcia. Pequeno Dicionário da Gula. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 224.

Farinha de mandioca. Linguee, [2017?]. Disponível em: <<http://www.linguee.com.br/portugues-ingles/search?source=auto&query=farinha+de+mandioca>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

FERNANDES, Sarah; FERNANDES, Thaís. Os Estados Unidos da América traduzem o Brasil: uma análise da última década. In: FAVERI, Cláudia Borges (Org.). **O Brasil traduzido: palavra estrangeira.** São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015. p. 87-100.

FERREIRA, Isabel A. **Contestação.** [Lisboa]: Chiado Editora, 2008.

Film Screening – Hope the Pitanga Cherries Grow. Watson Institute: International & Public Affairs, [2017?]. Disponível em: <<http://watson.brown.edu/events/2016/film-screening-hope-pitanga-cherries-grow>>. Acesso em 09 jul. 2017.

FRADE, Pedro. **As diferenças entre carne de sol, charque, e carne seca.** Petit Gastrô, [2015?]. Disponível em <<http://www.petitgastro.com.br/as-diferencas-entre-carne-de-sol-charque-e-carne-seca/>>. Acesso em 09 jul. 2017.

FRANCO AIXELÁ, Javier. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. **In-Traduções**, Florianópolis, v.5, n.8, 2013. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/2996>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

Freeze Dried Meats. Honeyville, [2017?]. Disponível em: <<http://shop.honeyville.com/products/freeze-dried-food-storage/freeze-dried-meats.html>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

FREITAS, Eduardo de. EUA: Influência cultural, econômica e política. **Mundo Educação**, 2017. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/eua-influencia-cultural-economica-politica.htm>>. Acesso em: 17 julho 2017.

GOMES, Laurentino. **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

_____. **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil.** Edição revista e ampliada. 3.ed. São Paulo: Globo, 2014.

_____. **1808: The Flight of the Emperor – How a weak prince, a mad queen, and the British**

navy tricked Napoleon and changed the New World. Tradução Andrew Nevins. Guilford: Lyons Press, 2013.

GOMES, Raimundo Pimentel. **Fruticultura Brasileira**. 13.ed. São Paulo: Nobel, 1972.

HERRERO RODES, Leticia. **La traducción entre culturas**: la traducción de los marcadores culturales específicos en la novela angloindia de la década de los noventa. 1999. 503 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Filología Inglesa, Universidad de Alicante, Alicante, 1999.

High Spirits: Who drinks most vodka, gin, whisky and rum? *The Economist*, 2012. Disponível em <<https://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2013/06/daily-chart-9>>. Acesso em 10 jul. 2017.

HILLBILLY. In: *Cambridge American English Dictionary*. [Cambridge]: Cambridge University Press, c2017. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/hillbilly>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**: introducción a la traductología. 5.ed. Madri: Cátedra, 2011.

INHAME. In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/inhame>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

JAGGERY. In: *Oxford Living Dictionaries*. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/jaggery>>. Acesso em: 06 de jul. 2017.

Jerky & Dried Meat Snacks. Amazon, [1996-2017?]. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Jerky-Dried-Meats/b?ie=UTF8&node=371475011>>. Acesso em 09 jul. 2017.

JERKY. In: *Cambridge American English Dictionary*. [Cambridge]: Cambridge University Press, c2017. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/jerky>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

JERKY. In: *Oxford Living Dictionaries*. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/jerky>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

KAIST. **Handbook of Alcoholic Beverages**: Technical, Analytical and Nutritional Aspects. Chichester: John Wiley & Sons, 2011. 2 v.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário**. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Páginas Ampliadas**: O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. 4.ed. São Paulo: Manole, 2009.

LIVRO 1808 é sucesso de vendas no Brasil. **Tribuna do Paraná**, Curitiba, 07 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/mais-pop/livro-1808-e-sucesso-de-vendas-no-brasil/>>. Acesso em 15 set. 2016.

LUQUE NADAL, Lucía. **Los culturemas**: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? *Language Design*, Córdoba, n. 11, 2009. Disponível em: <http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pdf>. Acesso em 10 ago. 2016.

MACIEL, Anna Maria Becker. **Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico**. 2001. 258 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MANARINI, Thaís. Descubra a diferença entre cará e inhame. **Saúde**, 2016. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/alimentacao/descubra-a-diferenca-entre-cara-e-inhame/>>. Acesso em 10 jul. 2017.

MANDIOCA. In: VIEIRA, Elenara Vieira de; CÂNDIDO, Índio. *Glossário Técnico: Gastronômico, Hoteleiro e Turístico*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 237.

Meat Drying. Food and Agriculture Organization of the United States, [2017?]. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/010/ai407e/AI407E18.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

MENEGOTTO, Fernanda Nunes. **Mais referências que um episódio de *Gilmore Girls***: uma análise dos itens culturais na tradução para legendagem. 2016. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MITCHELL, Rosamond; MYLES, Florence. **Second language learning theories**. London: Arnold, 1998.

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. **El otoño del pingüino**: análisis descriptivo de la traducción de los culturemas. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2006.

MOONLIGHTING. In: **Merriam-Webster**. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/moonlighting>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MUG. In: Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/mug>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

NEWMARK, P. **Approaches to Translation**. Oxford: Pergamon, 1981.

NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. London: Prentice Hall, 1988.

NEWMARK, Peter. **Manual de Traducción**. 6 ed. Madrid: Cátedra, 2010.

NEW Oxford American Dictionary. Apple Inc, c2005-2011. [Software, versão 2.2.1].

NIDA, Eugene A. **Toward a science of translating**: with special reference to principles and

procedures involved in Bible translating. Leiden: E.J. Brill, 1964.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

OMBUDSMAN. Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/ombudsman>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

OITAVA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. p. 2055.

OUVIDOR. In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/ouvidor>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

OXFORD *Living* Dictionaries. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com>>. Acesso em: 06 de jul. 2017.

PAES, J. P. **Tradução, a ponte necessária**: aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PANELA. In: Real Academia Española, *Diccionario de la lengua española. 23.ed.* Madri: Espasa, [2015?]. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=RfbdEpY>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PILONCILLO. In: Real Academia Española, *Diccionario de la lengua española. 23.ed.* Madri: Espasa, [2015?]. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=T0dKNH0>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

PITANGA. In: Cambridge American English Dictionary. [Cambridge]: Cambridge University Press, c2017. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/spellcheck/essential-american-english/?q=pitanga>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

PITANGA. In: Macmillan Dictionary. [Londres]: Macmillan Publishers Limited, c2009-2017. Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/spellcheck/british/?q=pitanga>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

PITANGA. In: Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/pitanga>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

RAGAMUFFIN. In: Oxford *Living* Dictionaries. [Oxford]: Oxford University Press, c2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/ragamuffin>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

RAPADURA. In: Aulete Digital. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/rapadura>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

RAPADURA. In: ALGRANTI, Marcia. Pequeno Dicionário da Gula. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 437.

RAPADURA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. p. 2383.

RAPADURA. In: Real Academia Española, *Diccionario de la lengua española*. 23.ed. Madrid: Espasa, [2015?]. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=V8kRz0k>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

SANTOS, José Ivan; DINHAM, Robert; ADAMES, Cesar. **O essencial em cervejas e destilados**. 2.ed. rev. e amp. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

Sassy Surinam: skin delicious body butter. Perfectly Posh, [2017?]. Disponível em: <<https://www.perfectlyposh.com/p/sassy-surinam>>. Acesso em 09 jul. 2017.

SCARAVELLI, Gisele. Laurentino Gomes lança ‘1808’ em Itu. **Revista Regional**, 2013. Disponível em: <<http://revistaregional.com.br/portal/?p=5246>>. Acesso em 8 ago. 2016.

SHAE. **What are sucaneet, rapadura and turbinado? Unrefined cane sugars explained**. Happy Healing, 2015. Disponível em: <<http://happyhealing.com/unrefined-cane-sugars-explained/>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

TERRA, Eloy. **As ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora AGE LTDA., 2001.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. **Tradução, Retextualização**: a tradução numa perspectiva textual. Uberlândia: EDUFU, 2003.

TROTTA, Felipe. Modernidade, mundialização e cultura internacional popular: Renato Ortiz e os estudos brasileiros sobre cultura. In: JUNIOR, Jeder Janotti; GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 115-129.

WAQUIL, Marina Leivas. **Tradução de Textos Especializados**: unidades fraseológicas especializadas e técnicas tradutórias. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

_____. **Traduzindo “Traducción y Traductología”**: problemas terminológicos de tradução. 2017. 328 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

WOODSMAN. In: New Oxford American Dictionary. Apple Inc, c2005-2011. [Software, versão 2.2.1].

WOODSMAN. In: Merriam-Webster. [Springfield]: Merriam-Webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/woodsmen>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

XATARA, Cláudia; RIVA, Huéinton Cassiano. Os culturemas nas expressões idiomáticas. In: PLANTIN, Rosemeire Selma Monteiro (Org.). **Certas palavras o vento não leva**: homenagem ao professor Antonio Pamies Bertrán. Fortaleza: Parole, 2015. p. 287-298.